

Editorial

Caro leitor de *Psicologia em Revista*,
Mais uma vez, chegamos até você com nossa qualidade na diversidade. Neste número, você poderá percorrer caminhos traçados por questões curiosas, ademais de bastante sérias e sustentadas em pesquisas relevantes. Nele você depara com o universo do por que existe linguagem em vez de nada, do gozo e da estética do sopro em Clarice Lispector, dos efeitos do ensino sistemático da relação entre palavras impressas e sinais da Libras em aluno com surdez bilateral profunda, e de dados expressivos publicados em periódicos nacionais nos últimos 15 anos acerca da relação entre a asma e variáveis psicossociais e ou psicológicas. Você ainda encontrará um artigo que discute a cumplicidade dos indivíduos com a lógica da mercadoria, articulando reflexões que consideram Horkheimer, Adorno e a psicanálise. Verá ainda uma rica discussão acerca do adolescente atravessado pela criminalidade, no contexto da violência urbana, com zelo pelos conceitos de puberdade, adolescência, violência, agressividade e ato agressivo, bem como estudo da relação entre consumo de substâncias psicoativas (SPA) e ocorrência de distúrbios psiquiátricos menores (DPM) numa comunidade universitária do Sul do Brasil. Os destinos do negativo como expressão da pulsão de morte nas patologias limítrofes também se abrem para reflexões. No campo da avaliação de desempenho por competências, há uma pesquisa acerca dos sentidos que empregados atribuem a esse sistema de avaliação, buscando compreender sua influência na relação de prazer ou sofrimento que os funcionários estabelecem com o trabalho. E, considerando os diversos debates suscitados acerca das epistemologias da Ciência Psicológica, uma pesquisa bibliométrica traça panorama da ocorrência da diversidade da produção acadêmica, em Psicologia, no Brasil.

Não lhe será difícil, leitor, constatar que nossa revista segue sua missão de abertura às diversas tendências teóricas e às mais variadas práticas, clássicas ou emergentes, no Brasil e no exterior, vigentes nos campos da Psicologia. O respeito ao objetivo que a norteia também está preservado, ou seja, o de ser um elo entre os membros da comunidade científica, refletindo sua pluralidade e promovendo interlocução com outros saberes, no campo das Ciências Humanas e Sociais.

Resta-nos, assim, agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), pelo auxílio financeiro que nos alimenta a existência, aos autores que nos confiaram a riqueza do que produziram e aos pareceristas, parceiros no cuidado com a qualidade daquilo que divulgamos. Agradecemos, também, a você que nos lê e que faz ecoar nosso trabalho pelos circuitos que traça em sua vida.

A Comissão Editorial.

Por que existe linguagem em vez de nada? Uma leitura discursiva e psicanalítica

Why is there language instead of nothing? A discursive and psychoanalytical approach

¿Por qué existe lenguaje en vez de nada? Una lectura discursiva y psicoanalítica

*Fabio Elias Verdiani Tfouni**

Resumo

Este trabalho,** situado no campo da análise do discurso de Pêcheux (AD) numa interface com a psicanálise, consiste numa investigação epistemológica a respeito das condições de possibilidade da existência da linguagem, tentando dar uma resposta à questão: *por que existe linguagem (e língua) em vez de nada?* Tratamos o interdito e o silêncio como constitutivos e fundadores do discurso. Resumidamente, afirmamos que, para que seja possível que se diga algo, é preciso que não se diga tudo. Com base nas modalidades aléticas da lógica aristotélica, fazemos uma abordagem dessas questões. A lógica subjacente é a lógica lacaniana, segundo a qual o excluído, ou a contradição, fundam o possível. Para tal tarefa, tratamos essas questões no quadrado das oposições numa leitura não aristotélica. Propomos e construímos um quadrado do dito e da enunciação.

Palavras-chave: Interdito, Silêncio, Discurso, Quadrado das oposições.

Abstract

Within the fields of Discourse Analysis (Pêcheux) and psychoanalysis, this work consists in an epistemological study on the conditions for the existence of language, by trying to answer the question: *Why is there language instead of nothing?* In short, we state that interdiction and silence are constitutive and founders of the discourse. We claim that what makes it possible to say anything is that is not possible to say everything. So, something must remain unsaid. We address these issues using the alethic Aristotelian modalities and the square of opposition (in a non-Aristotelian approach). The logical principle here is that the contradiction - the excluded - founds the possible. We also propose and build a square of saying or of utterances.

Keywords: Interdiction, Silence, Discourse, Square of opposition.

* Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) – Araraquara, professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, psicólogo formado pela USP Ribeirão Preto.

** Uma versão deste trabalho foi apresentada no 2nd World Congress on the Square of Opposition, realizado em Corte, Córsega, França, no período de 17 a 20 de junho de 2010. Agradeço especialmente à Prof.ª Dr.ª Mônica Zoppi-Fontana, minha supervisora de pós-doutoramento na Unicamp. Agradeço também aos professores doutores Jean-Yves Béziau e João Madeira.

Resumen

El presente trabajo, situado en el campo del Análisis del discurso de Pêcheux (AD) en una interfaz con el psicoanálisis, consiste en una investigación epistemológica al respecto de las condiciones de posibilidad de la existencia del lenguaje, intentando dar una respuesta a la cuestión: *¿Por qué existe lenguaje (y lengua) en vez de nada?* Tratamos el entredicho y el silencio como constitutivos y fundadores del discurso. Resumidamente, afirmamos que, para que sea posible que se diga algo, es necesario que no se diga todo. Hacemos un abordaje de esas cuestiones a partir de las modalidades aléticas de la lógica aristotélica. La lógica subyacente es la lógica lacaniana, según la cual el excluido, o la contradicción, fundan lo posible. Para tal tarea tratamos esas cuestiones en el cuadrado de las oposiciones en una lectura no-aristotélica. Proponemos y construimos un cuadrado de lo dicho y de la enunciación.

Palabras clave: Entredicho, Silencio, Discurso, Cuadrado de las oposiciones.

Introdução

Este trabalho dá continuidade à nossa pesquisa sobre o interdito e o silêncio (Tfouni, F. E. V., 1998, 2006, 2008, 2010) numa relação com as modalidades aléticas da lógica aristotélica. Nesses trabalhos anteriores, abordamos o interdito como fundador do discurso e propusemos que ele tem uma ligação forte com o silêncio, tal como tratado por Orlandi (1995). Retomamos a tese (Orlandi, 1995) de que o silêncio tem estatuto de fundador e de constitutivo, e propomos que ambos, o interdito e o silêncio, são fundadores e constitutivos do discurso e da linguagem. O objetivo de tais trabalhos era verificar quais as condições que permitem a existência da linguagem. Tentamos responder à questão: *por que existe linguagem (e língua) em vez de nada?* Podemos dizer que se trata de uma pesquisa que visa a compreender qual é a origem da linguagem, mas não de um ponto de vista histórico e sim lógico.

O interdito é fundador e constitutivo do discurso porque, se fosse possível dizer tudo, não se diria nada: se existisse uma enunciação ou um enunciado completo que dissesse tudo que há para dizer, após essa enunciação, não haveria mais nada a dizer. Assim, a existência de uma enunciação completa seria a morte da linguagem. Portanto, para que o campo do dizível permaneça aberto, é preciso que não se diga tudo e que a linguagem seja carregada

também de um não dizer, de um interdito ao dizer, do equívoco, da falta. Assim, o interdito é um impedimento estrutural e estruturante ao dizer completo, impedindo que se diga tudo, e, por isso mesmo, permitindo que se diga algo. O dizer é sempre faltante, é sempre meio dito, dito no meio, dito pela metade: “inter-dito”.

Por isso distinguimos entre a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar e b) a política do silêncio que se subdivide em b1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não dizer (uma palavra apaga necessariamente as outras palavras) e b2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura) (Orlandi, 1995, p. 24).

Examinado o silêncio como constitutivo do dizer, Orlandi (1995) afirma que o silêncio é o espaço diferencial da linguagem, é o espaço que permite à linguagem significar. Para nós, ele é esse espaço, mas o que cria tanto o silêncio quanto o discurso é uma interdição, que é uma operação linguística: é a entrada da linguagem que cria tanto o discurso quanto o silêncio. Conforme Orlandi, haveria uma flutuação entre silêncio e dizer. Para nós, é uma interdição que funda essa flutuação.

Sobre esse espaço diferencial, Orlandi afirma que “A hipótese de que partimos é que o silêncio é a condição da produção de sentido. Assim, ele aparece como o espaço ‘diferencial’ da significação: lugar que permite à linguagem significar” (Orlandi, 1995, p. 70). Aqui Orlandi já aponta algo fundamental para a tese do interdito: o fato de que, para que a linguagem diga algo, para que se instaurem sentidos linguisticamente, é preciso considerar que a linguagem necessita de um lugar “outro”. Esse lugar “outro” ou “diferente” é o silêncio, que, por sua vez, é indistinto. Para que a linguagem signifique, ela precisa atualizar sentidos desse silêncio e, ao mesmo tempo, precisa recusar alguns sentidos. É assim que lemos a definição do silêncio como espaço diferencial da linguagem. Portanto a afirmação de Orlandi de que o silêncio seria o “lugar que permite à linguagem significar” aponta para a necessidade estrutural de um excluído para que a linguagem possa, enfim, significar. Isso quer dizer que tanto a existência do não dito quanto do impossível de dizer são estruturalmente necessários ao dizer, ao discurso e à enunciação.

A necessidade de um lugar outro para a linguagem é o fundamento da existência de uma flutuação entre o silêncio e a linguagem. Essa flutuação funciona do seguinte modo: sempre que algo é enunciado, algo também é silenciado. A lógica aqui seria a do dizer X para não dizer Y. Ao mesmo

tempo, justamente por não se dizer tudo, é que sempre há ainda o que dizer. Nesse sentido, o não dito sustenta o dito, permitindo seu movimento, um movimento entre o dizer e o não dizer. A ligação do conceito de enunciação com o não dito e com o interdito pode ser vista no trecho seguinte de Pêcheux & Fuchs:

Diremos que os processos de enunciação consistem em uma série de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constitui pouco a pouco e que têm por característica colocar o “dito” e em consequência rejeitar o “não dito”. A enunciação equivale, pois, a colocar fronteiras entre o que é “selecionado” e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui o “universo do discurso”), e o que é rejeitado (Pêcheux & Fuchs, 1993, p. 176).

Antes da enunciação, todos os dizeres são possíveis. O que é dito seria uma “escolha” contingente do enunciatário; segue-se que, uma vez dito X, esse X passa de contingente para impossível, pois não é possível que o sujeito não tenha dito X. O impossível é entendido aqui, ao mesmo tempo, como aquilo que não pode ser simbolizado e como aquilo que não pode ser de outro modo, como afirma Pêcheux: “‘há real’, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser ‘assim’. (O real é o impossível... que seja de outro modo)” (Pêcheux, 1990, p. 29).

Antes da enunciação, o campo dos sentidos se abre como um real da significação, posto que é exterior à linguagem, sendo, nesses termos, impossível. Após a enunciação, o silêncio se configura como o que deixou de ser dito, mas que poderia ter sido dito; em outras palavras, o silêncio também é contingente.

Notamos que, para Milner (1987), o real da língua é o impossível. Já para Orlandi (1995), o real do discurso é o silêncio. Para Milner (1996), o impossível e o contingente constituem os dois lados do real. Ora, o silêncio, o dizer e o campo da enunciação são marcados por um real, devendo ser modalizados pelo impossível e pelo contingente. Ou seja: o real do silêncio é modalizado pelo impossível e pelo contingente. Para que algo desse real seja possível de dizer, é preciso um corte em seu todo, permitindo que se diga algo, e não tudo.

Em Orlandi (1995), o silêncio é a possibilidade de flutuação dos sentidos. Em nossa proposta, essa flutuação só seria possível a partir de um operador: a interdição ou o interdito. Essa operação seria o corte do interdito, que impede o dizer completo e que permite, por isso mesmo, a existência de algum dizer.

O objetivo do presente trabalho é continuar essa reflexão já feita sobre o interdito e o silêncio em suas relações com as modalidades lógicas aléticas

aristotélicas, a saber, o possível, o impossível, o necessário e o contingente, utilizando para isso o quadrado das oposições (também chamado de quadrado lógico), sobrepondo a ele o quadrado das modalidades.

O quadrado das oposições

Apresentamos o quadrado das oposições (figura 1), com seus cantos (ou vértices) e com as relações entre os cantos.

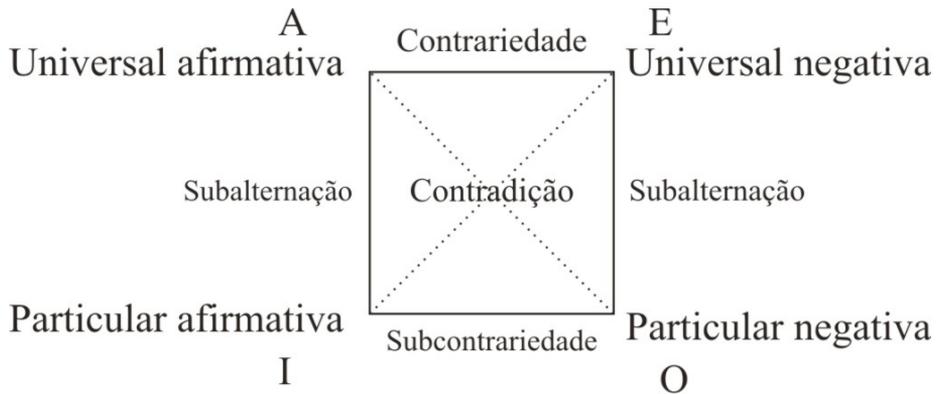


Figura 1 – Quadrado das oposições. Fonte: Drago (2008).

No quadrado, são colocadas proposições categóricas. Segundo Copi (1978), as proposições categóricas têm uma qualidade e uma quantidade. O autor prossegue afirmando que “A qualidade de uma proposição é afirmativa ou negativa [...] segundo a inclusão de classe for afirmada ou negada pela proposição” (Copi, 1978, p. 143). Então as proposições universais afirmativas e particulares afirmativas (cantos A e I) são afirmativas em qualidade. As negativas são negativas em qualidade (cantos E e O).

Sobre a quantidade, Copi afirma: “A quantidade de uma proposição é universal ou particular segunda a proposição se refira a todos os membros ou só a alguns dos membros da classe designada pelo seu termo sujeito” (Copi, 1978, p. 143). Então as proposições dos cantos A e E são universais, e as dos cantos I e O são particulares.

O quadrado das oposições não é apenas uma figura geométrica, mas é uma figura na qual os cantos têm certas relações lógicas, de modo que as relações entre as proposições, que são relações de oposição, são

determinadas pelas posições que estas ocupam no quadrado. É assim que vemos Copi:

As proposições categóricas de forma típica que têm os mesmos termos sujeito e predicado podem diferir mutuamente na qualidade ou na quantidade ou em ambas as coisas. Os lógicos de outrora deram a essa espécie de diferença o nome técnico de “oposição” e certas relações importantes dos valores de verdade foram correlacionadas com várias espécies de oposição (Copi, 1978, p. 146).

Primeira versão do quadrado modal

Quanto ao primeiro quadrado modal (figura 2), também conhecido como quadrado semiótico (Darrault, 1976; Greimas, 1976; Costa, 1986), o que precisamos destacar para este trabalho é que ele apresenta as quatro modalidades: o possível, o impossível, o necessário e o contingente. Assim, este quadrado usa todas as quatro modalidades aristotélicas.

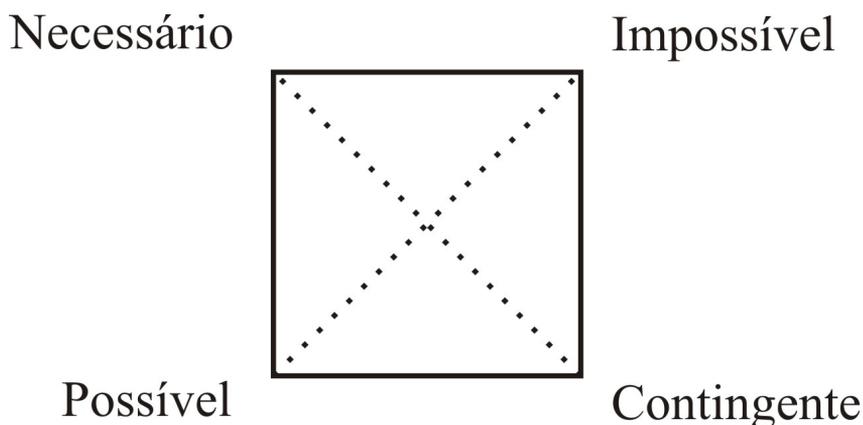


Figura 2 – Quadrado modal (versão 1). Fonte: Costa (1986).

Segunda versão do quadrado modal

A diferença desse quadrado (figura 3)¹ para o quadrado da figura 2 é que, enquanto naquele (figura 2) o canto O é modalizado pelo *contingente*, este (figura 3) traz o *possível não* modalizando o canto O. Para nós, este (figura 3) é um tratamento mais rigoroso do ponto de vista lógico, já que o contingente constitui-se daquilo que *pode ser* e daquilo que *pode não ser*, e o canto O, como

¹ Esse quadrado aparece em Geerts & Melis (1976).

negação do possível, deve ser modalizado por aquilo que não pode ser, ou seja, pelo possível não. Além disso, o contingente não pode ocupar o canto O, pois, para alguns, nessa posição, ele violaria² a relação de subalternação ao impossível (canto E), já que, sendo aquilo que *pode ser ou pode não ser*, seria inadequado colocar o contingente no canto O em relação de subalternação ao impossível. Desse modo, temos o quadrado a seguir.

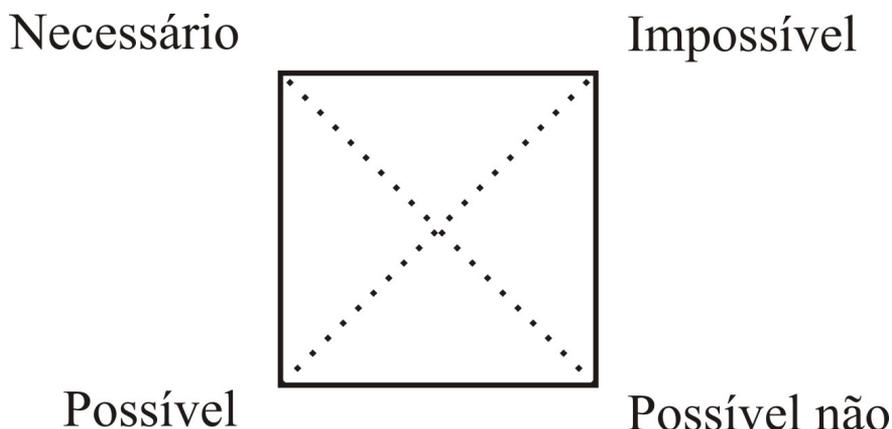


Figura 3 – Quadrado modal (versão 2). Fonte: Geerts & Melis (1976).

Para alguns autores, não existe, em linguagem natural ou formal, um nome adequado para o canto O, no sentido de que esse canto pode ser preenchido, mas não por único item lexical, apenas por meio de perífrases. Sobre isso Béziau afirma: “Tem sido afirmado que não existe nome primitivo em linguagem natural ou formal para o canto O desse quadrado. Nós temos *todo*, *algum*, e *nenhum*, mas não temos um nome primitivo para *não todo*” (Béziau, 2003, p. 2).³ Por isso, Blanché nomeou o canto O de *canto sem nome*.⁴

Quanto às versões modais do quadrado (figuras 2 e 3), note-se que existem em linguagem natural ou formal os termos (itens lexicais) *possível*, *impossível* e *necessário*, mas não existe nenhum termo que afirme a negação de um possível (um *possível não*). Como não existe um nome para ele, o canto O não é preenchido lexicalmente no quadrado (como dissemos acima). Por isso, o *contingente* não corresponde ao canto O

² Provavelmente o contingente esteja mais bem posicionado em outra figura, o hexágono de Blanché, tal como apontado em Béziau (2003). Em trabalho posterior, faremos o tratamento desse hexágono.

³ Tradução do trecho: “It has been pointed out that there is no primitive name in natural and formal languages for the O-corner of this square. We have all, some, and no, but no primitive name for not all”.

⁴ Tradução do termo *nameless corner* (ver Béziau, 2003).

do quadrado. O canto O permanece como *nameless corner* nas versões modais do quadrado (figuras 2 e 3). Então, o contingente ocupa outro lugar no hexágono de Blanché (e não o lugar da particular negativa - o canto O). Sobre a não lexicalização do canto O, Béziau (2003) afirma que na versão modal do quadrado, o canto O também não é lexicalizado: “Na versão modal do quadrado das oposições o canto O também não é lexicalizado: nós temos *necessário*, *possível* e *impossível*, mas nenhum nome primitivo para *não necessário*” (Béziau, 2003 p. 3).⁷ Blanché então propõe um hexágono (figura 4), e não um quadrado, para formalizar as relações lógicas entre as modalidades. O vértice absolutamente inferior do hexágono é o que corresponde ao *contingente* propriamente dito. Então, o que Blanché faz pode ser visto como uma correção dos quadrados anteriormente mostrados (figuras 2 e 3) no que tange à modalidade que se refere à particular negativa (nenhuma modalidade ocupa esse lugar), que seria, para Blanché, o *nameless corner*.

Trazemos ao leitor o hexágono de Blanché (figura 4) apresentado por Béziau (2003), no qual se pode ver que a particular negativa (o canto O) é não lexicalizada (o autor indica a não lexicalização com três pontos de interrogação - ???). Nesse processo, o contingente passa a ocupar um outro lugar: o canto inferior (canto Y) do hexágono (figura 4).

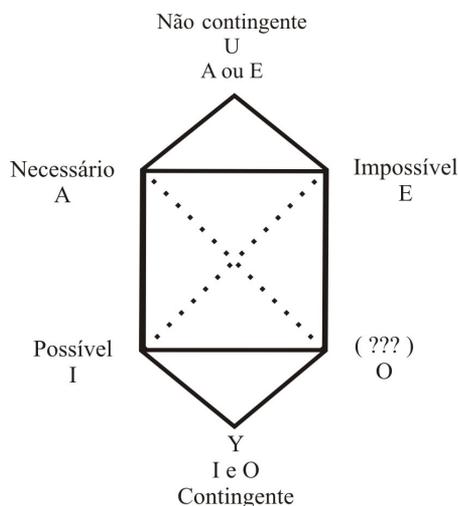


Figura 4 – Hexágono de Blanché. Fonte: Béziau (2003).

⁷ Tradução do trecho: “In the modal version of the square of oppositions, the O-corner is also not lexicalized: we have necessary, possible and impossible, but no primitive name for not necessary”

Um exercício no quadrado das oposições

A lógica subjacente ao nosso trabalho não é a aristotélica e sim a lógica lacaniana, na qual a contradição (o excluído) funda o possível. Há, portanto, uma relação direta com o interdito e o silêncio como fundadores do campo do dizer: o silêncio é o excluído desse campo e, justamente por ser excluído, torna possível a linguagem. Assim, a tese do silêncio como fundador seria, nesse caso, uma tese na qual a contradição, o excluído, funda o possível (aqui, funda o possível de dizer ou a possibilidade de se dizer). O que faremos pode ser visto no momento como um exercício que pretende verificar como ficariam os quadrados se aplicarmos neles o princípio lacaniano de que o excluído (a contradição) funda o possível. Uma proposta para trabalhos futuros seria a de buscar algum sistema lógico paraconsistente que sustente, por meio de seus fundamentos e cálculos, o que é dito aqui, já que essas lógicas aceitam alguns tipos de contradição. Sobre as lógicas que aceitam a contradição, afirma Costa:

A lógica paraconsistente não condena a contradição, de início, como necessariamente falsa. Mas, em geral, se uma contradição é verdadeira ou falsa isto não depende tão somente de fatores lógicos. Uma contradição que ocorre, por exemplo, na física, para ser julgada, avaliada, tem que ser vista como que mergulhada no domínio da física e não apenas como fato lógico (Costa, 1986, p. 32).

Como o campo em que trabalhamos é o da análise do discurso e da psicanálise, a questão da contradição deve ser vista com base nesses campos e não descartadas *a priori*. Portanto é no sentido apontado acima por Costa (1986) que tratamos o interdito e o silêncio, pois o princípio que norteará este trabalho é o lacaniano, segundo o qual “o excluído funda a regra”. Por isso não se trata apenas da lógica estrita, mas da lógica no campo de investigação em questão, que aqui é a análise do discurso (AD) numa interface com a psicanálise. Ao discutir a lógica da sexuação, Lacan afirma que a exceção funda a regra:

À esquerda, a linha inferior, $\forall x \Phi x$, indica que é pela função fálica que o homem encontra seu limite na existência de um x pelo qual a função Φx é negada, $\exists x \neg \Phi x$ [...] **O todo repousa, portanto, aqui, na exceção colocada, como termo, sobre aquilo que, esse Φx , o nega integralmente** (Lacan, 1985, p. 107, grifo nosso).

Nosso trabalho se dá com base em uma leitura particular de Lacan sobre a lógica aristotélica, na qual ele realiza as formulações acima. Percebemos que o autor (Lacan, 1985) afirma que “o todo repousa na exceção”, afirmando que a “existência de um x pelo qual a função Φx é negada” é fundadora nesse processo. Ou seja, a sexuação masculina estrutura-se com base em um elemento que não é submetido à função fálica: o todo se funda na exceção ou na contradição. Desse modo, a estruturação do homem é resultado de uma aporia lógica (ou de uma lógica alternativa à tradicional).

Para nós, essa outra lógica vai resultar, entre outras coisas, numa modificação do quadrado por meio de uma inversão das posições das modalidades. Por isso o resultado não será o que se obteria na lógica aristotélica. Isso servirá de modelo para tratarmos questões do dizer, do silêncio, do interdito e do não dito no quadrado do dito ou da enunciação (figura 10).

O que Lacan descreve acima é o lado masculino de sua versão do quadrado, no qual o autor coloca as fórmulas da sexuação. Podemos notar que a universal afirmativa ($\forall x \Phi x$) ocupa a linha inferior, e a particular negativa ($\exists x \neg \Phi x$) ocupa a linha superior. É esse movimento que pretendemos realizar aqui, mais adiante, movimento que expressa a lógica de que a contradição funda o possível, de modo que a contradição da universal afirmativa passa a ter anterioridade sobre esta.

O que faremos será tomar a lógica lacaniana e colocá-la no quadrado, o que já foi feito por Lacan em certa medida quando este criou o que Costa (1986, p. 33) chama de “diagrama das fórmulas quânticas da sexuação de Lacan”. Falando sobre a lógica lacaniana, mais precisamente sobre os deslocamentos lacanianos sobre a lógica tradicional, afirma Costa:

Do prisma lógico, já de saída, vê-se que a lógica resultante é digna de estudo profundo. E isto se torna ainda mais interessante se tivermos em mente que o quadrado das modalidades está intimamente relacionado com o quadrado das oposições e com o que poderíamos batizar de diagrama das fórmulas quânticas da sexuação de Lacan (COSTA, 1986, p. 33).

Em um dos diagramas da sexuação em Lacan (figura 5) (Costa, 1986), podemos ver a universal afirmativa ($\forall x \Phi x$) e a particular negativa ($\exists x \neg \Phi x$) nas suas posições corretas, ou seja, nas posições esperadas por uma abordagem tradicional ou aristotélica.

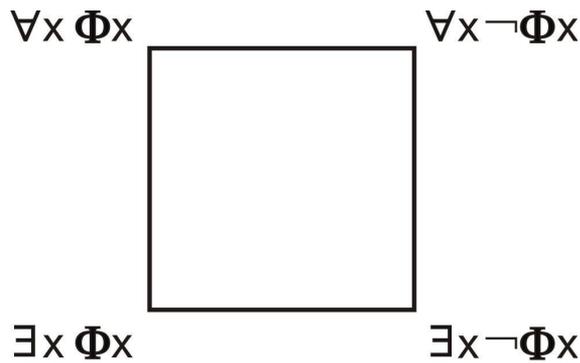


Figura 5 – Diagrama da sexuação em Lacan. Fonte: Costa (1986).

Para nós, a lógica lacaniana de que “a contradição funda a regra” vai exigir uma mudança nas posições dos preenchimentos dos cantos do quadrado. Leite (1994) comenta essa inversão lógica na psicanálise lacaniana quando afirma que o tratamento das fórmulas lógicas da sexuação em Lacan realiza essa inversão, em consonância com a lógica de que a exceção funda a regra. Afirma Leite:

A modalidade do necessário vai se constituir, portanto, deste pelo menos um que, exterior ao domínio da lei universal, funda o campo do possível por ela delimitado. É a particular negativa ($\exists x \neg \Phi x$)⁸ que define o necessário, diferentemente de Aristóteles para quem o necessário era da ordem da universalidade da lei. Esta definirá em Lacan a modalidade do possível ($\forall x \Phi x$) (Leite, 1994, p. 91).

Nossa leitura é a de que, quando Leite afirma que a particular negativa ocupará o lugar do necessário, ela está afirmando que pela lógica lacaniana, pode-se realizar o movimento de colocação da proposição do Canto O no lugar da proposição do canto-A. O que está inteiramente de acordo com a lógica segundo a qual o excluído enquanto contradição funda o possível. Assim, a universal afirmativa passaria a ser subalterna à particular negativa, ocupando ela (universal afirmativa) o vértice do possível.

Tomando o quadrado de Costa (figura 5) e aplicando nele a lógica de que a exceção funda a regra, bem como as observações de Leite (1994), construímos outro quadrado (figura 6). Neste vemos que a particular negativa ($\exists x \neg \Phi x$) corresponde ao canto do necessário, ou canto A, e que a universal afirmativa ($\forall x \Phi x$) ocupa o canto do possível, ou canto I.

⁸ Por uma questão de concisão, não esclarecemos ao leitor, de maneira mais detalhada, como Lacan concebe essas fórmulas da sexuação. Usamos nossa própria notação aqui, diferente da de Leite, que usa como notação da negação um traço sobre o fi (Φ). Vale explicitar ao leitor que esse símbolo (Φ) na fórmula representa a função fálica.

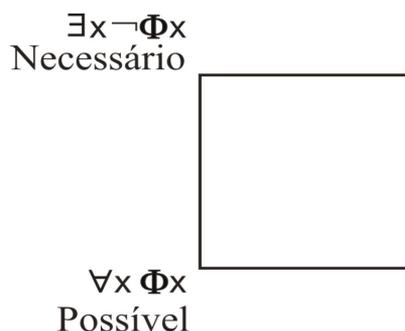


Figura 6 – Quadrado da sexuação (parcial). Fonte: criação do autor deste artigo.

Nessa lógica em que a contradição (o excluído) funda a regra, esse elemento excluído é o pai primevo de Freud (1995), que é a figura em relação à qual se dá a possibilidade de estruturação da sexuação humana. O pai primevo como elemento excluído, contingente e contraditório, como o um que não é submetido à função fálica ($\exists x \neg \Phi x$), é o pivô em torno do qual se funda a sexualidade masculina como submetida à lei, de onde temos que o excluído é o fundador e se constitui como estruturante do todo ($\forall x \Phi x$). Mais ao final, veremos como isso se relaciona com o dito, o não dito e o interdito.

Notamos que Leite (1994), em comentários sobre o trabalho de Loparic (1991), aponta as dificuldades do tratamento lacaniano do quadrado. Percebe-se que a leitura lacaniana realiza uma série de violações sobre a lógica tradicional e sobre as relações dos cantos do quadrado, bem como violações sintáticas no cálculo de predicados. Ao mesmo tempo, as autoras apontam que essas violações seriam intencionais e não um descuido de Lacan.

Para o que está sendo discutido neste trabalho, a principal violação da lógica tradicional seria justamente o princípio lacaniano no qual nos baseamos que, como já dissemos, afirma que “a exceção funda a regra”, constituindo-se numa contradição. Segundo Copi (1978), a contradição é uma relação onde uma proposição é a negação da outra, tanto na qualidade quanto na quantidade, não podendo ser ambas verdadeiras nem falsas. Afirma Copi: “Duas proposições são contraditórias se uma delas for a negação da outra, isto é, se não puderem ser ambas verdadeiras e não puderem ser ambas falsas (Copi, 1978, p. 146). Então os usos lacanianos não estão de acordo com os princípios da lógica nem com as relações tradicionais do quadrado porque violam quase todas as relações e escritas lógicas tradicionais. Ainda de um ponto de vista tradicional, outros problemas surgem quando colocamos a modalidade do canto O no canto A (como por exemplo, o problema na relação de subalternação entre o canto A e o canto I.)

Dito isso, seguimos com nossa tentativa de colocação das questões do dizer e do não dizer no quadrado das oposições. O que fazemos é a inversão das modalidades no quadrado usando o princípio laciano de que o excluído (a contradição) funda o possível. Seguimos o quadrado já comentado (figura 6) no qual a modalidade do canto O vai ocupar o canto A. Temos então uma figura (figura 7) em que a particular negativa (canto O) vai ocupar o lugar da universal afirmativa (canto A).

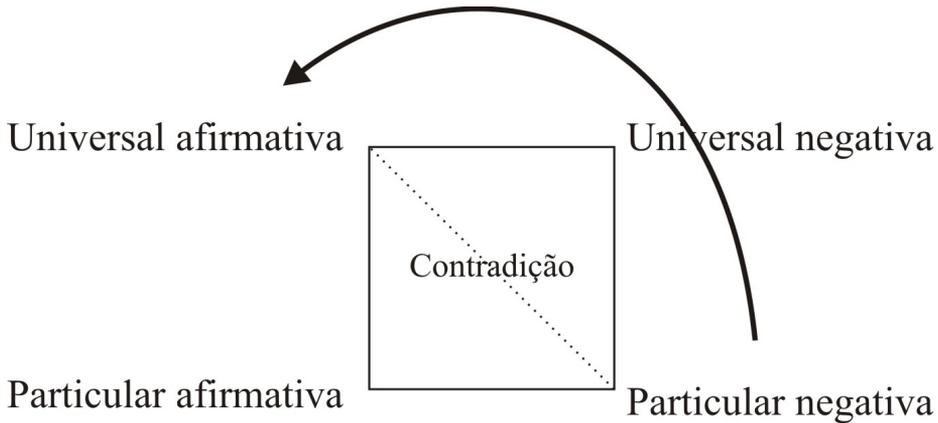


Figura 7 – Quadrado das oposições com projeção.

Fonte: criação do autor deste artigo.

Aplicando esse movimento no primeiro quadrado modal (figura 2) com o contingente no canto O, obtemos uma nova figura (figura 8):

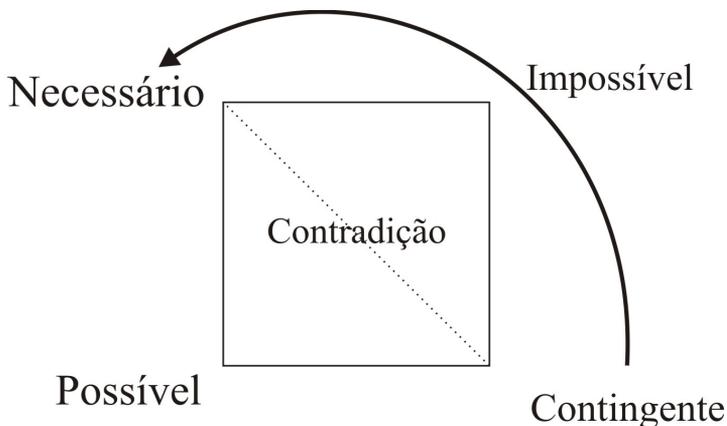


Figura 8 – Quadrado modal, versão 1 com projeção. Fonte: criação do autor deste artigo.

Realizando esse movimento na figura 3, obtemos a figura 9.

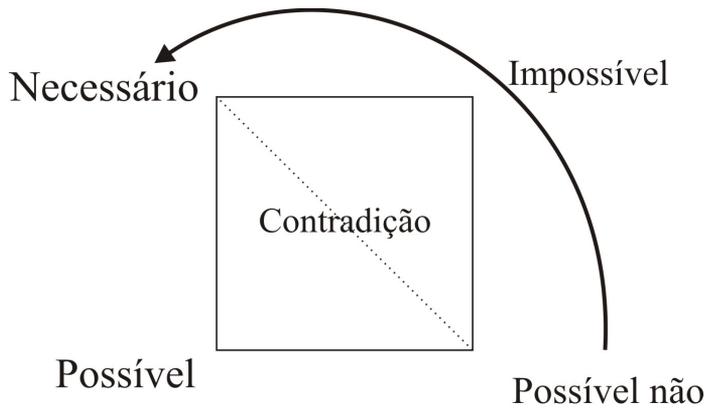


Figura 9 – Quadrado modal, versão 2 com projeção. Fonte: criação do autor deste artigo.

O quadrado do dito ou da enunciação

Aqui tomamos os quadrados acima para propor um *quadrado do dito ou da enunciação* (figura 10) que se constrói com base na proposição da universal afirmativa *tudo se diz*. Sua contrária, a universal negativa, seria então *nada se diz*. A subalterna da universal afirmativa seria a particular afirmativa *algo se diz*, e a subalterna da universal negativa, a particular negativa *algo não se diz*.

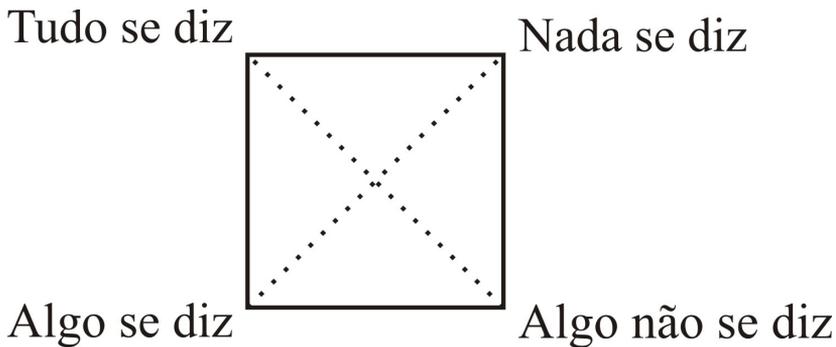


Figura 10 – Quadrado do dito ou da enunciação. Fonte: criação do autor deste artigo.

O quadrado do dito e da enunciação (figura 10) pode ser visto como uma projeção dos quadrados anteriores. Projetando a figura 3 na figura 10, obtemos a figura 11.

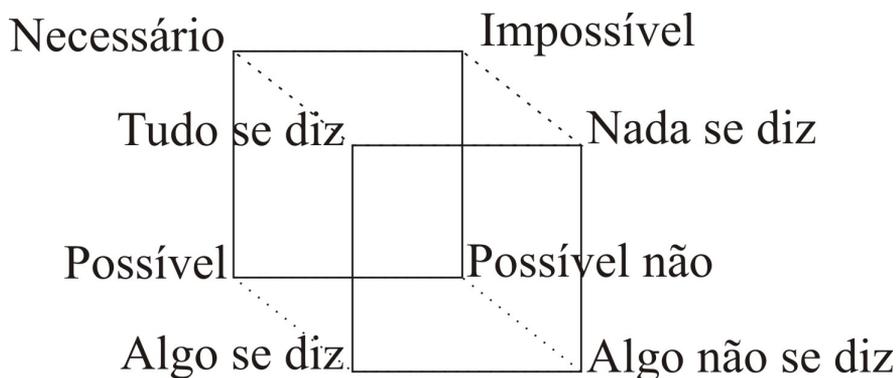


Figura 11 – Projeção do quadrado do dito ou da enunciação sobre o quadrado modal. Fonte: Criação do autor deste artigo.

Agora aplicaremos, na figura 10, a tese de que o excluído funda o possível por meio do movimento feito nos outros quadrados (figuras 7, 8 e 9), o que vai fazer com que “algo não se diz” seja anterior a “tudo se diz”, de modo que o não dito tenha anterioridade sobre o dito, no sentido de que é justamente por não se dizer algo (algo não se diz), que se abre o campo da enunciação (algo se diz).

Essa concepção de linguagem é cara a Pêcheux (lembramos ao leitor a citação acima de Pêcheux & Fuchs, 1993), que afirma a importância da seleção de certos enunciados que serão ditos e de outros que serão excluídos (não ditos ou silenciados, diríamos). Ou seja, para nós, como para Pêcheux e para Orlandi (1995), o não dito tem anterioridade sobre o dito, o não dito precede e possivelmente determina o dito. Para tratar o não dito como anterior e constitutivo do dito, realizaremos uma inversão no quadrado, como já foi apontado anteriormente.

O movimento feito nos outros quadrados (figuras 7, 8 e 9) agora é colocado no quadrado do dito ou da enunciação (figura 10). Nesse movimento, o *algo não se diz* passa a ocupar o lugar de *tudo se diz*. Com isso, apresentamos uma nova figura (figura 12).

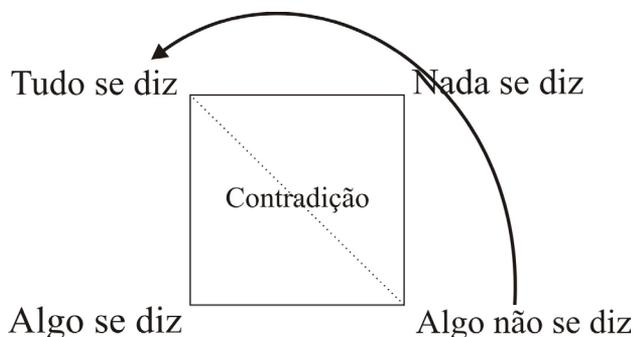


Figura 12 – Quadrado do dito ou da enunciação com projeção. Fonte: criação do autor deste artigo.

Podemos dizer que, nos dois casos (seja com o canto O modalizado pelo *contingente*, seja pelo *possível não* - figuras 2 e 3), o “algo não se diz” passa a anteceder o “algo se diz”, motivo pelo qual tanto faz se a modalidade correspondente a esse canto é o *contingente* ou se é o *possível não*. Nos dois casos, é a modalidade do canto O que passa a ocupar o lugar da modalidade do canto A, ou seja, é a particular negativa (preenchida pelo contingente ou pelo possível não) que ocupa o lugar do necessário (como se vê na figura 7). Portanto, em consonância com a lógica de que é a exceção que funda a regra, notamos que é a particular negativa que funda e constitui o campo do dizer tal como o temos pensado.

Percebe-se claramente que o movimento feito no quadrado (figura 12) segue a lógica lacaniana, na qual o excluído, a contradição mesmo, funda o possível. Como já dissemos, essa inversão seria inaceitável do ponto de vista da lógica clássica, porém a lógica lacaniana é uma lógica na qual a contradição funda o possível, de modo que o possível passa a ser subalterno do *possível não* (ou do contingente).

O quadrado quantificado

É possível continuar a tratar o quadrado do dito ou da enunciação (figura 10) por meio de outro quadrado (figura 13), chamado de *quadrado do dito ou da enunciação com fórmulas quantificadas*. Colocamos nos vértices as proposições quantificadas para “tudo se diz”, que corresponde à fórmula $\forall x D x$; “nada se diz”, que corresponde à fórmula $\neg \exists x D x$; “algo se diz”, que tem como fórmula $\exists x D x$; e “algo não se diz”, cuja fórmula é: $\exists x \neg D x$.

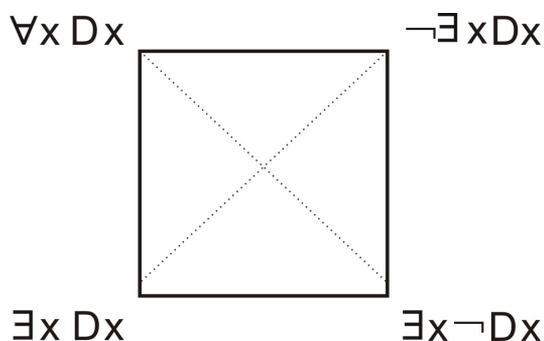


Figura 13 - Quadrado do dito ou da enunciação com fórmulas quantificadas.

Fonte: criação do autor deste artigo.

Realizamos, no quadrado quantificado (figura 13), o movimento de colocação da particular negativa no lugar da universal afirmativa (figura 14). Isso se justifica conforme a existência de um não dito é fundamento para a abertura do campo do dizer. É justamente por não ser possível que se diga tudo que se diz alguma coisa. Para nós, parece haver ao menos uma relação de analogia entre nosso tratamento do dito, do interdito, do silêncio e da linguagem; com a lógica lacaniana da sexuação, na qual a exceção é que funda a regra. Podemos perceber a particular negativa como fundadora, nos dois casos, fundando o possível.

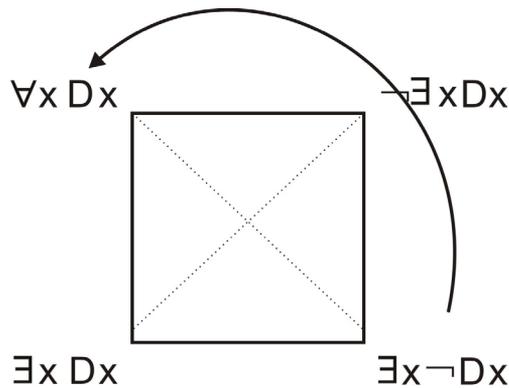


Figura 14 - Quadrado do dito ou da enunciação com fórmulas quantificadas e projeção.

Fonte: criação do autor deste artigo.

Considerações finais

Acreditamos que o exposto é suficiente para corroborar nossa tese de que o interdito é fundador do discurso (e para discuti-la com base no quadrado lógico). Essa tese é a de que é preciso que não se diga algo para que seja possível alguma enunciação. A interdição de uma parte do domínio do dizer e do discurso é fundadora e constitutiva, já que, para dizer X, deixamos de dizer Y. O todo do silêncio não pode se atualizar como todo, então é preciso que restem enunciados não ditos ou silenciados para que exista discurso. Se fosse possível dizer tudo, se existisse um enunciado completo, que dissesse tudo, esse enunciado seria a morte da linguagem.

A discussão por meio do quadrado lógico permitiu a construção de vários quadrados, nos quais fazemos uma inversão das posições colocando a particular negativa (canto O) no lugar da universal afirmativa. Isso é

sustentado pela tese de que é um contingente excluído (uma contradição) que funda o campo do possível, um X qualquer que, por ser impossível, funda o possível. Essa é a lógica da sexuação em Lacan, na qual o excluído funda o possível.

Na lógica da sexuação, o pai primevo, como único que não é submetido à função fálica, funda a possibilidade de estruturação da sexuação humana. É justamente porque esse *um* (esse pai) excluído não é submetido à lei, à função fálica, que todos os homens o são. Em relação ao dizer, afirmamos, de modo análogo, que é também a existência de um excluído que funda o possível. Esse excluído ocupa a posição do canto O no quadrado do dito, independentemente se consideramos que esse canto é modalizado pelo contingente ou não.

Propomos e construímos o “quadrado do dito e da enunciação”, em mais de uma versão. Neles, temos o *tudo se diz* ou $\forall x Dx$ (necessário), o *algo se diz* ou $\exists x Dx$ (possível), o *nada se diz* ou $\neg \exists x Dx$ (impossível), e o *algo não se diz* ou $\exists x \neg Dx$ (que corresponde ao canto O, independente do preenchimento desse canto ser pelo *contingente ou possível* não). De um ponto de vista lógico, talvez devêssemos excluir o tratamento do quadrado com o *contingente* no canto O.

As mudanças nos dois tipos de quadrado (a colocação do canto O no lugar do canto A) indicam que a modalidade do canto O (particular negativa) tem anterioridade sobre o possível (canto I). Então, independentemente do canto O ser modalizado pelo *contingente*, ou pelo *possível não*, a particular negativa muda de lugar, tendo antecedência sobre a particular afirmativa. A conclusão é de que a modalidade (ou a proposição) que ocupa o lugar da particular negativa é a fundadora. No caso do quadrado do dito ou da enunciação, a particular negativa é preenchida com a proposição “algo não se diz”. Então essa proposição tem estatuto de fundadora. Diremos então que a linguagem precisa de um ponto excluído, de um ponto faltante (um *blind spot*), para que, a partir dessa falta, se possa dizer alguma coisa.

Na linha da lógica segundo a qual a contradição funda a regra, podemos dizer que é a existência de um não dito que torna possível o dito. O não dito que precede o dito para que algo seja possível de se dizer.

Uma das propostas de continuidade dessa linha de trabalho sobre as relações entre interdito, silêncio, discurso e psicanálise será a de incluir conceitos freudianos como os de *Bejahung* e *Austossung*.

Referências

- Béziau, J-Y. (2003). *New light on the square of oppositions and its nameless corner*. Neuchâtel (Suíça): Unine. [on-line]. Disponível em: <<http://www.unine.ch/unilog/jyb/sep.pdf>>.
- Copi, I. M. (1978). *Introdução à lógica*. São Paulo: Mestre Jou.
- Costa, N. da (1986). Entrevista. *Isso - dispensa freudiana*, 1, p. 32-33.
- Darrault, I. (1976). Présentation. *Langages*, 43, 3-9.
- Drago, A. (2008). The square of opposition and the four fundamental choices. *Logica Universalis* Basel/Switzerland: Birkhäuser Verlag, 2 (1), 127-141.
- Freud, S. (1995) Totem e Tabu. In: S. Freud. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 21-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913.)
- Geerts, W. & Melis, L. (1976). Remarques sur Le traitement des modalites en linguistique. *Langages*, 43, 108-115.
- Greimas, A. J. (1976). Pour une théorie des modalités. *Langages*, 43, 47-63.
- Lacan, J. (1985). *O seminário Livro 20 – mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Leite, N. (1994). *Psicanálise e análise do discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico.
- Loparic, A. (1991). Lês négations et les univers du discours. In: R. Major et al. *Lacan avec les philosophes*. (pp. 239-264). Paris: Albin Michel.
- Milner, J-CL. (1987). *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Milner, J-CL. (1996). *A obra clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Orlandi, E. P. (1995). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. (3. ed.). Campinas: Unicamp.
- Pêcheux, M. & Fuchs, C. (1993). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: F. Gadet & T. Hak. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. (2. ed., pp. 163-252). Campinas: Unicamp.

Pêcheux, M. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes.

Tfouni, F. E. V. (2010). Interdito e silêncio: uma abordagem no quadrado das oposições. *Signótica*, 22 (2) 343-355

Tfouni, F. E. V. (1998). *O interdito como fundador do discurso*. Dissertação de mestrado (não publicada), IEL-Unicamp, Campinas.

Tfouni, F. E. V. (2006). O interdito como fundador do discurso. *Letras & Letras*, 22 (1), 127-137.

Tfouni, F. E. V. (2008). O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, 8 (2), 353-371.

A estética do sopro em Clarice Lispector e o gozo feminino

The aesthetics of the breath in Clarice Lispector and the feminine jouissance

La estética de la respiración en Clarice Lispector y el gozo femenino

*Cristina Moreira Marcos**

Resumo

A arte nos ensina modos de subjetivação que estão em jogo na clínica. É a partir do que chamo de uma estética do sopro, pelos murmúrios e intervalos da escrita, que algo sobre o feminino se dá a ler, permitindo aproximar o que Lacan descreve como gozo feminino e a sublimação. A escrita é pensada como certo destino contingente do feminino impossível, suporte do gozo suplementar, tendo relação com o falo e com S (do Outro barrado). Minha intenção é ler, em Clarice Lispector, não uma significação feminina da obra, mas as questões colocadas pela obra em relação ao feminino. Neste artigo, abordo o livro “Água Viva” como um discurso teórico que fornece modos de leitura da obra de Clarice Lispector, graças à natureza singular do saber que aí se constitui.

Palavras-chave: Feminino, Estética do sopro, Sublimação, Gozo feminino.

Abstract

Art teaches us ways of subjectiveness that are the object of clinical practice. We can read from something about the feminine pertaining to what I propose to call an “aesthetics of the breath”, from the murmur and the blanks of the writing, so as to allow approximation to what Lacan calls the feminine jouissance and the sublimation. Writing is thought of as a certain contingent fate of the impossible feminine, giving support to a supplementary jouissance and having a relation with the phallus and the S (A). I intend to read in Clarice Lispector the questions her work raises about the feminine, and not a feminine signification of her work. The theoretical framework is provided by her book “Água Viva”.

Keywords: Feminine, Aesthetics of the breath, Sublimation, Feminine jouissance.

* Doutora em Psicanálise pela Universidade de Paris VII, mestra em Literatura Brasileira pela UFMG, docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC Minas, psicanalista. Endereço: Rua Paschoal Carlos Magno, 68 - Bairro Ouro Preto, Belo Horizonte-MG. CEP: 31310-510. Telefones: (31) 3498-4182 e 9163-4073. E-mail: cristinamarcos@gmail.com.

Este artigo é parte da minha tese de doutorado intitulada “L'esthétique du souffle chez Clarice Lispector: un certain destin du féminin”, defendida em Paris VII, sob orientação do Prof. Dr. Patrick Guyomard.

Resumen

El arte nos enseña formas de subjetividad que están en juego en la clínica. Es a partir de lo que yo llamo una estética de la respiración, por murmullos e intervalos de la escritura, que algo sobre lo femenino pasa a ser leído, lo que permite aproximarse a lo que Lacan describe como gozo femenino y sublimación. La escritura se piensa como cierto destino contingente de lo femenino imposible, soporte del gozo suplementario, relacionándose al falo y a S (del Otro impedido). Mi intención es leer, en Clarice Lispector, no una significación femenina de la obra, sino las preguntas planteadas por la obra en relación con lo femenino. En este artículo, discuto el libro “Água Viva” como un discurso teórico que ofrece maneras de lectura de la obra de Clarice Lispector, gracias a la naturaleza singular del saber que ahí se constituye.

Palabras clave: Femenino, Estética de la respiración, Sublimación, Gozo femenino.

Minha intenção é ler, em Clarice Lispector, não uma significação feminina da obra, mas as questões colocadas pela obra em relação ao feminino. É pelo que chamei de uma estética do sopro, pelos murmúrios e intervalos da escrita que algo sobre o feminino se dá a ler. Neste artigo, abordo o livro “Água Viva” (Lispector, 1973) como um discurso teórico que fornece modos de leitura da obra de Clarice Lispector, graças à natureza singular do saber que aí se constitui. Não submetido às regras da razão, ele leva a linguagem a um território próximo do impossível e do inominável, da contradição e do paradoxo. Este saber se diz em uma outra língua, “lalangue”, e é aí que algo sobre o feminino se pode ler.

O caráter múltiplo e atemático de “Água Viva” exige a construção de um novo modo de leitura, algo a ser inventado, não de uma vez por todas, mas a ser recriado a cada leitura. Esse livro exige uma leitura compatível com sua escrita (algo incessantemente renovado e relançado e sempre inacabado). Tal é a natureza do saber que se constitui em “Água Viva” (um saber sem repouso, sem conclusão, em suspensão, interditando assim qualquer leitura interpretativa).

Estou te falando em abstrato e pergunto-me: sou uma ária cantabile? Não, não se pode cantar o que te escrevo. Por que não abordo um tema que facilmente poderia descobrir? Mas não: caminho encostada à parede, escamoteio a melodia descoberta, ando na sombra, nesse lugar onde tantas coisas acontecem. [...]

A melodia seria o fato. Mas que fato tem uma noite que se passa inteira num atalho onde não tem ninguém e enquanto dormimos sem saber de nada? Onde está o fato? Minha história é de uma escuridão tranquila, de raiz adormecida na sua força, de odor que não tem perfume. E em nada disso existe o abstrato. É o figurativo do inominável (Lispector, 1973, p. 215).

Em “Água Viva”, o leitor é convidado a seguir o fluxo contínuo das palavras sem buscar por atrás uma verdade clariciana. Atrás do véu da representação, não há nada. A escrita faz aqui o voto de que a linguagem seja não véu, mas potência que desnuda as palavras. Não há, portanto, uma significação final, mas a transparência, o nada que há por trás do véu. Esse desvelamento poderia se dizer feminino, sem uma significação final, sempre fálica, no qual o nada se afirma como presença, e a representação não se quer nem simbólica, nem imaginária, podendo ser definida como mostraçã ou apresentação. Da ordem do feminino, ela não perseguiria a significação última, seu modo de existência seriam fugazes instantes, o que se ouve como murmúrio, sussurro, sopro, o que vai e vem, inapreensível.

Talvez venha daí um mal-estar provocado pelas palavras e um lamento lançado: se eu pudesse escrever por intermédio de um desenho ou de um carinho na cabeça de uma criança ou, simplesmente, se eu pudesse não escrever. Trata-se de uma escrita que quer se desvencilhar das palavras.

Eis que percebo que quero para mim o substrato vibrante da palavra repetida em canto gregoriano. Estou consciente de que tudo o que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando sílabas cegas de sentido. E se tenho aqui que usar-te palavras, elas têm que fazer um sentido quase que só corpóreo, estou em luta com a vibração última (Lispector, 1973, p. 14).

Como seria possível uma representação que não é nem da ordem da imagem, nem da ordem do significante, enviando-nos, portanto, a um além do falo e a um além do simbólico, e que permanece sendo da ordem da escrita? A narradora é uma pintora que deixa seus pincéis (a arte pictórica, que seria uma arte da mostraçã, em todo caso, mais do que a literatura) para se dedicar às palavras.

Se a literatura é a arte do dizer, a “laturaterra” não seria a arte do que se mostra, do que se dá a ver? Falando de literatura, Lacan descreve o sobrevoo que ele fez da planície siberiana, fala de como esse território se oferece ao olhar e de como as rasuras e as erosões constituem uma escrita a ler: “A escrita é esse ravinement” (Lacan, 1987). Ora, a escrita de Clarice nos pede esse voo do olhar. “Este texto que te dou não é para ser visto de perto: ganha sua

secreta redondez antes invisível quando é visto de um avião em alto voo. Então adivinha-se o jogo das ilhas e veem-se canais e mares” (Lispector, 1973, p. 58).

A escrita de Clarice nos permite colocar em relação à letra e à voz e pensar esta última para além da oralidade. Trata-se de um caminho em direção a uma outra dimensão da escrita, aquela que quer escrever o objeto. Reduzir a palavra à sua materialidade, inscrever a voz na escrita não como significação ou signo linguístico, mas como objeto (tais parecem ser os votos dessa escrita, que poderíamos chamar não de escrita do significante ou do significado, mas do objeto). “A palavra é objeto?” (Lispector, 1973, p. 19), pergunta-se Clarice.

O elemento vocal é fundamental no esforço de escrever a dura escritura, a palavra toma os modos de uma coisa, de um objeto. Há uma lapidação do som, do ritmo, da voz. Trata-se de seguir os traços e os efeitos de um ravinement que parece ser fazer pela respiração. A sonoridade é muito mais buscada do que o sentido ou a narrativa, e o narrador nos pede uma escuta que se deixe conduzir pela música das sílabas disjuntas do sentido. “Água Viva” coloca em cena o que insiste e o que se repete na obra de Clarice: o sopro e a respiração.

“Água Viva” não é outra coisa senão o fluxo contínuo das palavras e das frases que não terminam nunca. “O que eu te escrevo continua e eu estou enfeitiçada”, escreve Clarice ao final do livro. A busca de um sentido ou de um ponto de parada a partir do qual o sentido se ordenaria é um vão esforço. Que nos deixemos ser capturados pelas palavras (este é o convite do texto). Que sigamos o ritmo e a sonoridade das palavras sem buscar uma significação final. Que escutemos os traços da fuga de sentido no texto. Trata-se, em suma, de um esvaziamento do sentido. O que surge como resto caído desta operação é a voz.

Claro, é paradoxal falar de voz já que se trata de textos escritos, de textos que se dão a ler. Entretanto, seus tons, seus murmúrios, seus silêncios, seu esforço para alcançar um além da literatura, a música, permitem-nos falar da voz. O paradoxo está no centro desses textos, pois se trata de voz escrita, sempre em falta em relação ao que se quer ser. Daí a respiração, o silêncio, o branco que impregnam o texto de um tom, de uma certa gravidade da voz.

Respirar é a arte do ravissement. O ravissement é a ausência do sujeito, como na síncope, o sujeito não está lá como numa espécie de mimetismo da morte. Entretanto, imita-se a morte para não morrer e volta-se desse além com uma lembrança singular. Pertencem à esfera da síncope as manifestações corporais simples, que suspendem a respiração, tais como a tosse, o espirro,

o soluço, a asma, o grito, as lágrimas (Clément, 1990). São banais sufocos cotidianos, mas, espasmódicos, eles provocam uma suspensão do ser. O que não pode se calar escapa, irreprimível, suspende a respiração, rompe a palavra. Poderíamos dizer que as rupturas, os intervalos, os gemidos na escrita de Clarice Lispector correspondem a esses estremecimentos corporais.

Em “Um sopro de vida”, Ângela, protagonista do livro, é “a que brame, muge, geme, resfolega, balindo e rosnando e grunhindo” (Lispector, 1999, p. 31). Seus gemidos são os substitutos das lágrimas, são lágrimas internas, mais sonoras do que visuais, que tornam o silêncio sensível (Charvet, 2000, p. 65). Os gemidos, como as lágrimas, interrompem o discurso, impõem o silêncio, são como a pontuação de uma frase, a respiração transfigurando-se em discurso. Os gemidos de Ângela ameaçam sua linguagem, situando-a nas bordas do indizível, entre as palavras e o silêncio.

Como representar o gemido, esse grito do silêncio, essa lágrima interna que se faz ouvir mais do que se faz ver, essa interrupção do discurso cujo verdadeiro lugar seria uma além da linguagem? A arte de Clarice coloca incessantemente essa questão e parece atingir esse ponto no qual as lágrimas, os gemidos e os gritos suspendem o sentido e transformam-se eles mesmos em linguagem. É a eloquência do silêncio que fala, como na música barroca, na qual as lágrimas chegam à sua expressão máxima, impondo o silêncio, as pausas, as interrupções. Ângela é barroca, ela é eloquência e silêncio, excesso e falta, vida e morte.

As constantes alusões à música fazem parte de uma mesma concepção da arte: que a música seja essa linguagem sem palavras, que a pintura seja livre de toda figura e que a escrita seja o mais próxima possível do balbúcio, da respiração, do sopro. “Atrás do pensamento” não há palavras, nem raciocínio, há um fundo musical. A referência à música em Clarice Lispector atesta a busca impossível de uma voz para sempre perdida, de uma linguagem que seria equivalente ao canto perdido.

Ângela é esse território da ausência do pensamento, de antes da linguagem: “atrás do pensamento”, ela não diz nada, como a verdadeira música não tem palavras. “Atrás do pensamento”, ela é plena de pré-palavras e tem visões auditivas de ideias. Temos aí todo o paradoxo dessa escrita que quer atingir um além da linguagem pela linguagem ela mesma. “Ângela Pralini é, às vezes, desvencilhada e suavemente aguda como as vozes de meninos cantores executando cantatas de Bach, ou coro de monges. Ângela é meu exercício vocal” (Lispector, 1999, p. 133).

Múltiplas são as referências à música como representante desse além da linguagem, a escrita podendo ser tomada como uma nostalgia da música. Segundo Pascal Quignard (2000), a invenção do tempo humano resume-se à invenção da narrativa, ao passo que a invenção da melodia não é humana e precede o tempo do humano. A escrita seria assim um esforço para se escapar do tempo e para sair da narrativa. Certo, é impossível subtrair-se à temporalidade da narrativa, mas escrever é entrar em contato com o voto do silêncio, com o tempo, no qual os sons não pretendiam dar um sentido ao mundo, no qual eles não tinham sido elevados ao status de linguagem. Por isso, o escritor pode ser definido como “aquele que fez o paradoxal voto de silêncio”, o voto de permanecer fiel ao vazio primordial da linguagem. Ele é aquele que fala calando-se. Escrever é esse “falar mudo, espreitar a palavra que falta [...] é escutar a voz perdida” (Quignard, 2000, p. 62).

Um romance sem narrativa, um livro sem palavras, tal é a ambição de Clarice. “Água Viva” ou ainda “Um sopro de vida” são comparados à música, à improvisação do jazz, à música de câmara. A música, essa linguagem esvaziada de sentido, figura como ideal a ser atingido. “Ângela é o tremor vibrante de uma corda tensa de harpa depois de tocada: ela fica no ar ainda se dizendo, dizendo - até que a vibração morra espalhando-se em espumas pelas areias. Depois - silêncio e estrelas” (Lispector, 1999, p. 45).

Ângela é trêmula, e as palavras que saem de sua boca trêmula também o são. “Ela tem que deixar de ser tão hesitante porque senão vai ser um livro todo trêmulo, uma gota d’água pendurada quase a cair e quando cai divide-se em estilhaços de pequenas gotas espalhadas” (Lispector, 1999, p. 36). Como as lágrimas que escorrem, como os lábios antes de dizer a palavra procurada, como a boca antes do gemido, Ângela é a voz que treme. Tensa, tomada nesse momento do antes, do quase, da beira, ela parece estar sempre em direção ao apagamento, no caminho de se calar. Vacilante, chancelante, como a flama de uma vela, Ângela é ao final da respiração. O livro será trêmulo, disperso em uma multidão de itálicos, de parênteses, de brancos, de pontos de exclamação.

Os terremotos destroem as civilizações, cavam buracos gigantes sob o solo, abalam civilizações. Um sopro de vida abala as categorias e os gêneros literários, faz vacilar o solo sob nossos pés e faz de nós seres perdidos, sem terra firme, sem ponto de referência. Os terremotos abrem buracos, fendas, abismos, grutas. Os terremotos dão lugar às ruínas.

O “autor”, em “Um sopro de vida”, escreve sob ruínas, e Ângela fala de grutas e de cavernas pré-históricas. Para Clarice, a gruta é seu “mergulho na terra”, no mundo primitivo, habitat e refúgio dos animais iguais a eles

mesmos desde a Pré-história (os ratos, os morcegos, as aranhas, os escorpiões, as baratas). A gruta é o útero do mundo, o lugar da vida em seu estado bruto, vida de matéria elementar. Como colocá-la em palavras sem a descrever?

A gruta é também orelha, lugar onde ressoa o som, a voz. Como escutar essa voz que vem das cavernas, voz ancestral, anterior à linguagem, senão pelo seu eco mesmo, que é também palavra, por essa voz que ressoa e se perde, intocável? O eco não é o equivalente da imagem refletida no espelho, ele não é um duplo que nos reenvia uma imagem de nós mesmos, localizável e simétrica. O eco não é situável, ele desaparece tão logo alguém se aproxime. Para escutá-lo é preciso aceitar a escuridão das cavernas, esse mundo primitivo e subterrâneo.

Segundo Pascal Quignard, a língua é, para os seres falantes, a casa deles. Não são os mares ou as grutas que fazem as habitações dos homens, mas “a voz que trocam entre eles e seus sotaques singulares” (Quignard, 1996, p. 39). Assim a voz é a casa dos homens e também assim o “autor” de “Um sopro de vida” pode dizer do seu personagem (sua voz): “Ângela é minha moradia”.

Nesse lugar obscuro, amorfo e úmido como uma caverna primitiva, não se pensa. Falar dele exige a alusão, toda abordagem direta é impossível. Por isso Ângela é oblíqua, de viés, trêmula. Ela é uma atmosfera indizível, intransmissível, inexorável, impossível de capturar, ela escapa. Ela é indireta. “Eu sou oblíqua como o voo dos pássaros. Intimidada, sem forças, sem esperança, sem avisos, sem notícias - tremo - toda trêmula. Me espio de viés” (Lispector, 1999, p. 37).

Ângela pode se dar a ver somente de viés, obliquamente. Não é desse modo que o feminino encontra seu modo de existência? Falando dos territórios da pulsação, lugar da mãe, Ângela nos fala dessa parte em nós que nos excede, que escapa ao simbólico, ela nos fala de um não lugar que a exila dela mesma, constituindo uma alteridade radical: “Eu sou como estrangeira em qualquer parte do mundo. Eu sou do nunca” (Lispector, 1999, p. 57).

O que não pode ser alcançado ou abordado diretamente, que exige um desvio, que nos faz vacilar, hesitar, tatear. O que não tem duplo, nem imagem, que não é simétrico e que não garante nenhuma harmonia. O que assinala sempre um resto, um dejetivo, um pedaço inacessível, que permanece excessivo ou pouco. É isso ser indireta, oblíqua e de viés.

Essa delicada realidade, efêmera e sutil, seria o modo de existência possível do feminino. O aforismo laciano “A mulher não existe” significa que o significante próprio para dizer a mulher, não como outro sexo, ou seja, em

relação ao homem e à castração, mas como um sexo, não existe no inconsciente. Lacan mantém o falocentrismo da sexualidade, o que quer dizer que só há um sexo no inconsciente, o falo, e que não há essência feminina. Para todo ser falante, o sexo feminino é Outro, o Outro absoluto.

No seminário “Encore”, Lacan (1975) propõe apreender a mulher a partir de sua não aderência completa à castração, mesmo se ela não é sem referência à castração, ela não é toda fixada aí. Podemos dizer que é sobre esta hipótese que Lacan funda toda sua interpretação sobre a mulher e o feminino. As mulheres não são inteiramente situadas, “não toda”, do lado do falo, mas também não são sem relação com o falo. Daí a dualidade do gozo para elas, de um lado orientado em direção ao falo, o que corresponde ao gozo fálico, regulado pela castração, e, de outro lado, em direção ao significante da falta no Outro S (de A barrado), correspondendo ao gozo suplementar.

Entretanto, esse gozo suplementar, avançado com muita prudência por Lacan, não é mais do que uma suposição, se ele existe, dele as mulheres não podem dizer nada. Esse gozo só pode encontrar existência numa realidade suspeitada e só pode se dizer do modo oblíquo como nos fala Clarice.

Ângela é o excesso. Incomparável, estrangeira, ela ultrapassa o que se pode dizer. Ângela é fora da linguagem, orgânica, ela é fora de si. “Ângela é orgânica. [...] Além dela que mal vejo, além dela começa o que não sei dizer. [...] Ela é as palavras que esqueci” (Lispector, 1999, p. 58). Ela é o eco inarticulável de um sujeito desconhecido dele mesmo, as palavras que esqueço, a lembrança do momento em que a língua me abandona, no qual seu fracasso e seu limite se fazem sentir, no qual eu me sinto petrificado pela ausência da língua que se manifesta em mim. Ângela é o nome sob a ponta da língua, lembrando-nos de que a língua em nós é adquirida e que ela pode nos abandonar (Quignard, 2000, p. 67). “[...] essa parte escura de mim e que é vital, sem ela eu seria vazio. [...] Ângela é do meu interior escuro: ela porém vem à luz” (Lispector, 1999, p. 73). Ângela é a memória daquilo que não se lembra. Ela é a nostalgia de um tempo antes da linguagem. Clarice nos fala dessa ausência, dessa sombra, desse vazio primeiro.

Clarice quer permanecer fiel a essa falta primordial que constitui todo ser falante, a essa nostalgia originária, a essa voz que se perde e cai por trás da significação das palavras, a esse silêncio inaugural que funda as palavras. Entretanto, Clarice pode existir somente na linguagem, Ângela é seu esforço para reencontrar o canto perdido. Sua busca consiste em procurar a linguagem onde ela vacila, onde a palavra falta e o real se faz sentir. Sua escrita só se pode escrever pelo fracasso da linguagem. “Por destino tenho que ir buscar e por

destino volto com as mãos vazias. Mas volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu” (Lispector, 1996, p. 133).

A escrita se escreve nesse deslizamento incessante de uma linguagem que não se diz nunca, uma linguagem que lhe dá o indizível, que lhe dá a medida do seu silêncio. Eloquentemente silêncio. Paradoxal escrita que fala se calando e que se cala falando. Ora a escrita não é o único modo de falar permanecendo em silêncio? Por meio desse silêncio, Ângela faz ouvir a existência oblíquo do feminino, mesmo se ela, como Macabea, “[...] se habitua lenta e muda e majestosamente e muito delicada e fatal - a ser mulher -, ela é muito modesta para sê-lo, ela é muito fugaz para ser definida” (Lispector, 1999, p. 68). O que, do feminino, não se reduz à ordem fálica pode existir somente assim obliquamente.

A escritura faz falar o feminino conforme ela toca o buraco no simbólico, o impossível, o real. Parece-nos que o gozo feminino, do qual Lacan fala no seminário “Encore”, aproxima-se do que ele avança no seminário “A ética da psicanálise” (Lacan, 1986) como um outro modo de satisfação da pulsão: a sublimação. Essa satisfação, que não passa pelo recalçamento, situada no registro da sublimação, seria retomada, em 1975, a partir do Outro que não existe. O gozo feminino seria um modo de satisfação comparável àquele que Freud descreve na sublimação, não se tratando do recalçamento. O Outro aqui não é o código, o simbólico, o tesouro dos significantes, mas seu enigma, seu mistério, seu buraco. Não é nesse insondável da linguagem que Clarice se perde? Escrever não é outra coisa senão esse mergulho na matéria viva da língua.

O gozo feminino seria entendido como sublimação. Algumas escritas teriam relação com esse gozo. A escrita de Clarice não cessa de não se escrever, sempre relançada, adiada, inacabada. “O que te escrevo é um isto. Não vai parar: continua. [...] O que te escrevo continua e estou enfeitiçada” (Lispector, 1973, p. 259). Trata-se de uma escrita do impossível. São escritas que não são fálicas, nas quais se busca menos o sentido do que a música, fazendo surgir a voz como resto que cai atrás da significação. A escrita deixa assim cair o sentido para ser senão gozo. A estética do sopro em Clarice não é outra coisa senão essa escrita que se destaca do sentido, do significante, para não ser nada além de voz, sopro, respiração.

Os tremores do texto, as síncopes do sentido, as epifanias, os fugazes instantes, a perda e a ausência de si que se exibem na escrita clariciana nos

conduzem a aproximar a sublimação de um gozo feminino e a compreender a primeira menos como elevação das pulsões do isso em direção aos ideais da cultura do que como fracasso do simbólico para dar conta do real. É pelo fracasso, que algo que se escreve, a sublimação aproximando-se menos de uma subjetivação do que de um *désœuvrement*.

Refiro-me aqui ao termo blanchotiano que traduz a ideia de que a obra não é a afirmação do eu do escritor, mas, antes, seu rapto, sua perda, seu apagamento. Maurice Blanchot (1995a, 1995b, 1998) fala de um *désœuvrement* do artista. A obra ignora o artista na afirmação impessoal que ela é. Ilegível para ele, a obra faz do artista um desocupado do qual a arte não depende. O escritor e a ignorância da obra, à qual ele está condenado, estão na contramão da ideia freudiana de sublimação definida como uma satisfação que não passa pelo recalque e que não pode então ser considerada como uma formação do inconsciente e, portanto, refere-se à consciência e ao eu. O escritor se eclipsa na escrita e aí desaparece. Submerso nas palavras, ele se torna outro (o que está longe de uma afirmação do eu). Dilacerado, destruído no imaginário da escrita, o escritor é um ser em suspensão. Na noção blanchotiana de *désœuvrement*, trata-se mais de um rapto do eu do que da manifestação de um eu total e unificado.

A estética do sopro nos permite situar a sublimação do lado de um gozo não fálico, já que ela é uma satisfação da pulsão que não passa pelo recalque. O fundamento da sublimação não é outra coisa que o vazio central, tal é a definição dada por Lacan no seminário *A ética da psicanálise*. Criar a partir do vazio é a tarefa do artista. Ora, a escrita, como criação, seria um modo de relação com o vazio constitutivo do feminino. Nesse caso, a obra viria não tamponar o buraco deixado aberto por S (de A barrado), mas, ao contrário, viria desvelá-lo, revelá-lo.

O caminho traçado por Clarice privilegia a relação à S (de A barrado), no qual a escrita pode ser o suporte de uma posição não toda na função fálica e pode se orientar em direção à mãe além da identificação paterna, abrindo a possibilidade de uma saída mais criativa à devastação da relação mãe-filha. A escrita seria assim um dos suportes do gozo feminino no mundo contemporâneo, tendo relação, ao mesmo tempo, ao falo e à falta no Outro.

O gozo feminino se manifesta em Clarice por meio de sua escrita, ela é o suporte da manifestação desse gozo, seu lugar de inscrição. Isso não quer dizer que ela está inteiramente nesse gozo, ela é não toda.

A escrita é pensada como um certo destino do feminino, um certo destino contingente do feminino impossível. Em seu seminário, “*Encore*”, Lacan

(1975) afirma que, das mulheres, nós só temos acesso ao semblante fálico (a histérica, a mãe, etc.). A análise não dá acesso à mulher e, nesse sentido, ela não existe. O único acesso, proposto por Lacan como impossível, é o gozo feminino. As manifestações desse gozo é o que se ouve na estética do sopro de Clarice.

As mulheres têm uma relação privilegiada com o Outro e fazem suplência à ausência de relação sexual mais do lado do simbólico e do real do que do imaginário, contrariamente aos homens que, frequentemente, têm uma relação ao Outro regulada pelo falo e sob os auspícios do fantasma. Para as mulheres, a suplência não repousa sobre as representações imaginárias ou sobre os fantasmas. Ora, se a relação ao Outro que faz suplência à ausência de relação sexual se situa do lado do simbólico, nós temos aí um gozo que se suporta da linguagem. Trata-se assim de um gozo que passa pela palavra e sua lógica, mas que não pode se dizer, nem se elaborar em saber, o que quer dizer que se trata de uma relação ao real.

O que chama atenção na obra de Clarice não é o lado imaginário do objeto, as representações imaginárias ou mesmo o fantasma, mas o lado real do objeto, na sua relação com a falta no Outro, com o S (de A barrado), o lado refratário do objeto ao simbólico. Clarice nos faz escutar uma suplência da inexistência da relação sexual do lado mulher que seria definida mais como simbólica e real do que como imaginária. Há, em sua obra, uma deflação do imaginário, mesmo se se trata de literatura. Daí a tensão da escrita, sua agonia, sempre em falta em relação ao que ela quer.

Em Clarice, há uma travessia da literatura, seus fantasmas e seu imaginário, em direção à “laturaterra”, feita de restos e resíduos, uma travessia do significante à letra, assinalando o objeto além da letra. Ora a letra é o litoral, o que faz borda entre o simbólico e o real. Em busca de uma aproximação do real, Clarice tende em direção do limite da linguagem, despojando as palavras de todo sentido, de toda construção imaginária do sentido. Daí nossa hipótese: se há suplência pela escrita, trata-se de uma suplência menos da ordem do imaginário do que da ordem do simbólico e do real, mesmo quando se trata de literatura.

A obra pode ser entendida como o que tem relação com o que temos de mais singular, mas que permite o estabelecimento de um laço social, já que circula no simbólico. Nesse sentido, a obra faz laço social com o que nós temos de mais singular e é também um outro modo de pensar a relação das mulheres com o gozo fálico.

Para além das identificações imaginárias e simbólicas, como dar conta do

real, dessa falha no centro do Outro, que faz com que nenhuma garantia possa ser esperada, mas que faz também que a partir deste ponto a criação possa surgir? Parece-nos que a estética do sopro tenta responder a essa questão. Dar existência a Ângela, a Joana, a G.H. ou a uma escrita-sopro são modos de fazer existir o feminino. Parece-nos que a escrita se constitui aqui como o que suporta o gozo feminino na sua relação a S (de A barrado), ao mesmo tempo em que ela se refere ao falo.

Parece-nos que a arte pode ser o lugar privilegiado de manifestação desse gozo Outro. A escrita seria o suporte desse gozo suplementar, tendo relação com o falo e com S (do Outro barrado). A escrita sustenta-se também no gozo fálico conforme ela pode inscrever o sujeito no pertencimento a um grupo, pode contribuir para a composição dos conjuntos e pode mesmo se definir em relação a uma bandeira (a literatura brasileira, francesa, italiana, etc.). De fato, é a própria Clarice quem nos fala do lado gregário da escrita e do desejo de pertencer como o que estava no começo de sua vocação de escritora. Que não nos surpreendamos de ver aí um fracasso, já que a escrita não a fará pertencer. A não satisfação é própria ao gozo fálico.

Entretanto, sua relação com a escrita não está toda nesse gozo fálico. Onde estaria esta parte que não se recobre pela função fálica? Quais poderiam ser as formas tomadas por S (de A barrado) na escrita de Clarice? Alguns termos podem corresponder, em Clarice, a este gozo (a solidão como parceira, a ausência de si mesma, a errância), seriam modos de relação com S (de A barrado), termos que corresponderiam a essa relação particular da mulher com o Outro.

Não somente a solidão de Joana, seu primeiro personagem, ponto isolado no mundo, ou a ausência de Laura, personagem do conto “A imitação da rosa”, ou ainda a errância de tantas mulheres escritas por Clarice são modos de relação a S (de A barrado), mas também e sobretudo sua escrita errante, alusiva e silenciosa. Seu esforço para atingir o real desnudando as palavras de seus sentidos até as reduzir à pura sonoridade, a um ritmo, a um sopro, tem relação com este vetor em direção à S (de A barrado). Clarice fala de despojamento, de renúncia, de queda. Ela se afasta da literatura tradicional para construir um saber em perda. As síncopes, os raptos, as epifanias são modos de manifestação deste real.

Ainda é preciso dizer que, se a suplência da relação sexual é simbólica, isso significa que se trata de um gozo que se suporta da linguagem. Em “Encore”, Lacan afirma que o ser sexuado dessas mulheres não todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica da palavra (Lacan, 1972-

1973/1975). É essa lógica da palavra que se exhibe na escrita de Clarice: um trabalho com a matéria linguageira que busca atingir o real (são as epifanias, os restos insignificantes de nossas existências, os instantes de ausência, a solidão, a errância, o silêncio) e, ao mesmo tempo, um esforço em se despojar do imaginário. Trata-se então de um gozo que passa pela palavra, mas que não pode se dizer.

Hoje se trata de se orientar, não em direção as místicas, mas em direção a uma certa relação com a criação a fim de saber um pouco mais sobre as manifestações desse gozo que não se reduz à lógica fálica. A estética do sopro em Clarice Lispector faz parte de uma concepção da arte na qual temos a música como linguagem sem palavras, a pintura livre de qualquer figura e a escrita liberada da palavra. Essa arte, orientada em direção ao Outro, não como tesouro de significantes, mas como enigma, segredo insondável, desenha-nos um certo destino do feminino no mundo contemporâneo.

Referências

- Blanchot, M. (1995a). *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard Folio Essais.
- Blanchot, M. (1995b). *Le livre à venir*. Paris: Gallimard Folio Essais.
- Blanchot, M. (1998). *De Kafka a Kafka*. Paris: Gallimard Folio Essais.
- Charvet, J. L. (2000). *L'éloquence des larmes*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Clément, C. (1990). *La syncope: philosophie du ravisement*. Paris: Bernard Grasset.
- Lacan, J. (1986). *Le séminaire livre VII L'étiologie de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1975). *Le séminaire livre XX Encore*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1987). Lituraterre. Ornicar? *Revue du Champ Freudien*, 41 (12), 5-13.
- Lispector, C. (1973). *Água viva: edição bilíngue*. Paris: Des Femmes.
- Lispector, C. (1996). *A paixão segundo G. H.: edição crítica*. Paris: UNESCO, Coleção Arquivos.

Lispector, C. (1999). *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco.

Quignard, P. (1996). *La haine de la musique*. Paris: Folio Gallimard.

Quignard, P. (2000). *Le nom sur le bout de la langue*. Paris: Folio Gallimard.

Leitura em uma criança surda após equivalência de estímulos

Reading in a deaf child after stimuli equivalence

Lectura de un niño sordo tras la equivalencia de estímulos

*Sandra de Lima Ribeiro dos Santos**

*Ana Claudia Moreira Almeida-Verdu***

Resumo

Este estudo teve como objetivo verificar os efeitos do ensino sistemático da relação entre palavras impressas e sinais da Libras (Língua Brasileira de Sinais) sobre a emergência de leitura em um aluno com surdez bilateral profunda, com 9 anos e 4 meses de idade, no 4º ano do ensino fundamental. A avaliação da linha de base selecionou nove palavras, sinais e figuras correspondentes para compor as fases de ensino e testes que consistiram em (a) ensino da relação entre sinal e figura, (b) relação entre sinal e palavra impressa, (c) teste das relações entre figura e palavra impressa e vice-versa, (d) testes de sinalização diante da figura e da palavra impressa. O participante aprendeu as relações entre sinal, figura e palavra impressa e demonstrou leitura. Esse procedimento foi efetivo para que o participante emitisse sinais, convencionados com a comunidade verbal da Libras, diante de estímulos textuais, o que caracteriza a leitura.

Palavras-chave: Comportamento verbal, Ensino sistemático, Libras, Surdez.

Abstract

This study aimed to evaluate the effects of a systematic teaching of relation between printed words and Brazilian Sign Language on the emergence of reading in one child with deafness, user of Brazilian Sign Language, diagnosed with deafness bi-lateral deep user of hearing, with 9 years and 4 months of age, enrolled in 4th year elementary school. Baseline evaluation selected nine words and their signs and figures to

* Bolsista de graduação, durante o ano de 2008 do “Núcleo de Ensino” subsidiado pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Estadual Paulista. Universidade Estadual Paulista (UNESP). *E-mail:* sandracustodios@yahoo.com.br.

** Doutora e mestra em Educação Especial pela UFSCar (linha de pesquisa “Aprendizagem e cognição do indivíduo especial”); professora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual Paulista, em Bauru; professora da Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Unesp, Bauru; membro do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, sobre Comportamento, Cognição e Ensino, sediado na UFSCar; membro do Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde, sediado na Unesp, Bauru.
Endereço para correspondência: Ana Claudia Moreira Almeida-Verdu. Avenida Engenheiro Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa, Bauru-SP. CEP 17033-360. *E-mail:* anaverdu@fc.unesp.br.

compose the teaching steps and tests that consisted of: (a) relationship between a sign and figure teaching, (b) the relationship between sign and printed word, (c) test of relationship between figure and the printed word and its symmetric (d) test signal in front of picture and the printed word. The participant learned the relationship between sign, figure and printed word and demonstrated reading. This procedure was effective for the participant to emit signals, verbally agreed with the community of Libras in front of textual stimuli, which is characterized as reading.

Keywords: Verbal behavior, Systematic teaching, Literacy, Deafness.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo verificar los efectos de la enseñanza sistemática de la relación entre las palabras impresas y los signos de *Libras* (Lengua Brasileña de Señas) en la aparición de la lectura en un alumno con sordera bilateral profunda, de 9 años y 4 meses, en el cuarto año de la escuela primaria. La evaluación del nivel de referencia seleccionó nueve palabras, signos y figuras correspondientes para componer las fases de la enseñanza y de pruebas que consistieron en (a) la enseñanza de la relación entre señal y figura, (b) la relación entre la señal y la palabra impresa, (c) prueba de las relaciones entre la figura y la palabra impresa y viceversa, (d) prueba de indicación ante la figura y la palabra impresa. El participante aprendió las relaciones entre la señal, la figura y la palabra impresa y demostró lectura. Este procedimiento fue eficaz para que el participante emitiera señales, de acuerdo con la comunidad verbal de *Libras*, ante estímulos textuales, lo que caracteriza la lectura.

Palabras clave: Comportamiento verbal, Enseñanza sistemática, *Libras*, Sordera.

Em episódios comunicativos, é esperado que, de alguma maneira, os interlocutores respondam uns aos outros, não necessariamente de maneira vocal. No que concerne à comunicação, os comportamentos emitidos podem ser vocais e não vocais, e o que torna o episódio comunicativo é o fato de o comportamento de um afetar o comportamento do outro. Essa concepção está de acordo com a proposta de análise da linguagem apresentada por Skinner (1978). Skinner passa a denominar de comportamento verbal todo comportamento que afete (e seja afetado reciprocamente por) um ambiente em particular, qual seja, o comportamento do interlocutor. Na formulação operante que faz de comportamento verbal, especifica que as

consequências para quem fala são mediadas pelo comportamento daquele que ouve. Essa formulação permite que seus princípios sejam aplicados também a outras pessoas, como aquelas com surdez, em que o comportamento verbal emitido não necessariamente é oral e a estimulação sensorial percebida não necessariamente é a sonora, sobretudo para pessoas que falam a Língua Brasileira de Sinais ou Libras (Hall & Sundberg, 1987).

Em se tratando de pessoas com surdez e a produção de conhecimento sobre os aspectos envolvidos com a sua comunicação, alguns aspectos das modalidades sensoriais envolvidas com a produção e a percepção da linguagem devem ser considerados, pois são distintos da língua falada. Enquanto a falada está baseada nas modalidades oral e auditiva, a língua de sinais está baseada nas modalidades visual e na emissão de gestos (Hulst & Mills, 1996). Embora haja essa diferença, é fundamental ressaltar que as funções comunicativas são as mesmas tanto para a língua falada como para a língua de sinais. Assim, as mesmas funções atribuídas ao ouvir e falar devem ser identificadas nas modalidades visual e gestual da língua de sinais.

Este trabalho abordou a compreensão de maneira geral e a compreensão do que se lê de maneira particular, de acordo com o modelo das relações de equivalência (Sidman & Tailby 1982; Sidman, 2000) que tem demonstrado efetividade para ensinar relações entre objetos e palavras, por exemplo, significado em crianças com diferentes características de repertórios, incluindo aquelas com repertório verbal mínimo (Almeida-Verdu et al., 2008; Carr, Wilkinson, Blackman & McIlvane, 2000). De acordo com esse modelo, se um aluno estabelece a relação condicional entre uma palavra ditada e uma figura (designada aqui por AB, sendo A referente à palavra ditada e B referente à figura) e entre a mesma palavra ditada e a palavra impressa (AC), pode-se obter, sem ensino direto, as relações entre palavra impressa e figura (BC e CB). Esse resultado indica a formação de classes de equivalência, um modelo operacional de comportamento simbólico, e que os estímulos palavra ditada, palavra impressa e figura compartilham de relações simbólicas. Sob muitas circunstâncias, o participante já apresenta como repertório de entrada a nomeação de figuras (BD) tal como em Sidman (1971) e, após a exposição ao procedimento de ensino, por equivalência de estímulos, passa a emitir, diante de palavras impressas, a mesma topografia vocal (CD) que emitia diante de figura. O procedimento mais comumente adotado nesses estudos tem sido o emparelhamento de acordo com o modelo (*matching-to-sample*). Em linhas gerais, consiste na apresentação de um estímulo com função de modelo e dois ou mais estímulos com função de comparação, e a tarefa do aprendiz é selecionar o estímulo que corresponde experimentalmente ao

modelo; respostas corretas e incorretas são conseqüenciadas diferencialmente (Cumming & Berryman, 1965). Desse modelo tem derivado tecnologia que permite a sistematização de ensino em diferentes contextos (Albuquerque & Melo, 2005).

Uma proposta de compreensão de relações verbais foi proposta por Michael (1985), que inseriu o termo “desempenho baseado em seleção de estímulos” para o repertório receptivo, como o ouvir seguido de apontar, e o termo “desempenho baseado na topografia” para repertórios expressivos, como o falar e, incluindo os sinais da Libras. Pesquisas têm sido realizadas em pessoas com surdez pelo modelo das relações de equivalência e que consideram que o sinal pode ser compreendido tanto como um análogo à palavra ditada, quando apresentado em tarefas de seleção, quanto um análogo a nomeação ou leitura, quando esta for a topografia alvo (Carvalho 2005; Elias, Goyos, Saunders & Saunders, 2008; Pereira & Almeida-Verdu, 2012; Gatch & Osborne, 1989), inclusive quando envolve relações numéricas (Magalhães & Assis, 2011; Souza & Assis, 2005).

Com a finalidade de promover condições de ensino com base no paradigma de equivalência de estímulos utilizando a língua de sinais, Gatch e Osborne (1989) realizaram um estudo com o objetivo replicar os procedimentos utilizados por Sidman (1971) para ensinar leitura receptiva com crianças em idade pré-escolar, com perda auditiva profunda. Participaram do estudo duas crianças (S1 e S2) com surdez bilateral profunda, em idade pré-escolar, que foram expostas ao procedimento de *matching-to-sample*. Como estímulos, foram adotados sinais da língua de sinais (A), cartões com as figuras correspondentes (B) e suas respectivas palavras impressas (C). Os dois participantes foram avaliados nas relações de seleção de figuras quando um sinal era apresentado (AB) e seleção de palavras impressas quando um sinal era apresentado (AC) ou quando uma figura (BC) era apresentada. O ensino ocorreu com delineamentos diferentes para os dois participantes: S1 recebeu primeiro o ensino da relação entre sinal e figura (AB) e, depois, entre sinal e palavra impressa (AC), e foi testado na relação entre figura e palavra impressa (BC); S2, após o ensino da relação entre sinal e figura (AB), recebeu o ensino da relação entre figura e palavra impressa (BC), e foi testado na relação sinal e palavra impressa (AC). No pós-teste, os dois participantes demonstraram a formação de classes de equivalência e, no caso de S1, de nomeação de palavras, promovendo, assim, segundo os autores, a linguagem receptiva em relação à leitura, replicando e ampliando os resultados que Sidman (1971) obteve com estímulos auditivos em um garoto com microcefalia para a língua de sinais em crianças surdas.

Mais recentemente Elias, Goyos, Saunders e Saunders (2008) promoveram o ensino da linguagem de sinais para adultos com deficiência intelectual, usando o procedimento de *matching-to-sample* e o modelo de classes de equivalência. O objetivo foi ensinar sinais manuais pelo procedimento de *matching-to-sample* e testar novas relações condicionais e comportamento de imitação derivados das contingências de ensino. Participaram desse estudo sete adultos com deficiência intelectual de leve a severa, sendo quatro deles também deficientes auditivos. No procedimento, foram ensinadas as relações entre sinais impressos da língua de sinais e figuras (AB), sinais e palavra impressa (AC). Os estímulos foram apresentados de forma randomizada, por meio da tela de um computador. Essas relações foram ensinadas em conjuntos compostos por três palavras até o total de nove palavras ensinadas a cada participante. Foram testadas as relações entre palavra impressa e língua de sinais (CA), a nomeação de figuras (BD) e de palavras impressas (CD). Os resultados demonstraram que 5 dos 7 participantes emitiram pelo menos 50% dos sinais, sendo que 2 dos 5 eram deficientes auditivos com experiências em sinais, e 3 dos 5 não eram deficientes auditivos e não tinham experiência com sinais. O estudo demonstrou que os sinais apresentados aos participantes por meio do procedimento de *matching-to-sample* se mostrou eficiente para que ocorresse a aquisição de alguns sinais por parte dos adultos com deficiência mental, com e sem deficiência auditiva.

Considerando as características de desempenho do aluno surdo que emite Libras, e diante da necessidade real de conhecer as condições em que a leitura de palavras em língua portuguesa ocorre nessa população, o objetivo deste estudo foi verificar os efeitos de um ensino sistemático de seleção de figuras e de palavras impressas na presença de sinais da Libras sobre a emergência de leitura (aferida pela relação palavra impressa e emissão de sinais da Libras) em uma criança com surdez, em fase de alfabetização, do ensino público fundamental.

Método

Participante

Participou deste estudo uma criança com surdez bilateral profunda, usuária de aparelho de amplificação sonora individual, com 9 anos e 4 meses de idade, matriculada no 4º ano do ensino fundamental. Essa criança não apresentava comportamentos condizentes com a leitura e nem com o domínio da Libras. A participação no trabalho foi devidamente autorizada pelos pais

ou responsáveis, pela direção da escola e pelo próprio participante, formalizada no “Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento”.

Situação

As sessões foram realizadas individualmente em uma sala cedida por uma escola pública de ensino fundamental, localizada no município de Bauru-SP, onde funcionava a sala de recursos na qual o participante era atendido nos horários contrários às aulas. Participaram das sessões de coleta de dados o experimentador, o participante e, em algumas ocasiões, a professora da sala de recursos.

Equipamentos

A coleta de dados e o registro das sessões foram realizados com o auxílio de um microcomputador Macintosh (Ibook G4). Para este estudo, foi utilizado o programa de computador MTS® versão 11.6.7 (Dube, 1991), com o qual foram programadas as rotinas de ensino e teste, e o registro das respostas dos participantes. O *software* MTS® é frequentemente usado em pesquisas dessa natureza, sob domínio da universidade, e a programação envolvendo sinais da Libras foi realizada especificamente para este trabalho. As sessões também foram registradas em vídeo (Handcam Sony), para posterior análise das respostas de nomeação emitidas pelo participante.

Estímulos

O programa exibiu três tipos de estímulos visuais para o participante, conforme ilustra a tabela 1: (1) sinais em Libras, emitidos por uma intérprete em Libras (equivalentes a palavras da fala em língua portuguesa); (2) figuras correspondentes aos sinais; e (3) palavras impressas em língua portuguesa. Os estímulos da Libras apresentados tiveram correspondência pictórica de acordo com as convenções definidas pela comunidade verbal (palavras convencionais com as figuras correspondentes). Os estímulos que foram apresentados ao participante em três unidades de ensino distintas estão relacionados nos quadro 1. Os estímulos visuais, de aproximadamente 3,5 cm, foram inseridos em janelas quadradas (de aproximadamente 5 cm de lado), distribuídas no centro e nos quatro vértices da tela (dois superiores e dois inferiores). O estímulo modelo foi apresentado na janela central.

Tabela 1 - Estímulos adotados com o participante em cada unidade de ensino. As figuras referentes aos estímulos em Libras correspondem à sequência de movimentos executadas pela intérprete nos vídeos exibidos na tela do computador.

| | | Estímulos em Libras (A) | Figuras (B) | Palavras impressas (C) |
|-----------|---|---|---|------------------------|
| Unidade 1 | 1 |  |  | CAMA |
| | 2 |  |  | OVO |
| | 3 |  |  | SAPO |
| Unidade 2 | 4 |  |  | SOFÁ |
| | 5 |  |  | RATO |
| | 6 |  |  | CAJU |
| Unidade 3 | 7 |  |  | LOBO |
| | 8 |  |  | RODA |
| | 9 |  |  | VELA |

Figuras ilustrativas da Libras, obtidas em Honora e Frizanco (2009); as demais figuras foram obtidas em *sites* livres na internet.

O *software* exibia tentativas sucessivas aos participantes em tarefas de emparelhamento de acordo com o modelo. Uma tentativa consistia na exibição de um estímulo com função de modelo e três estímulos com função de comparação, conforme figura 1. Havia tentativas de ensino e tentativas de teste. Todas as tentativas de ensino eram baseadas em seleção e havia

consequências programadas para acertos ou erros, sendo as respostas de seleção seguidas por estrelas e um *jingle* ou uma tela preta, respectivamente (figura 1). Em ambos os casos, o tempo de exibição foi de dois segundos. O desempenho do participante foi registrado pelo computador, que emitiu um relatório detalhado de cada tentativa. As tentativas de teste solicitavam tanto respostas de seleção, como nos testes de formação de classes, quanto respostas baseadas em topografia, como no caso dos testes de leitura. Independente de acertos ou erros, a resposta era seguida por uma tela em branco que permanecia por dois segundos.



Figura 1 - Ilustração de tentativas de ensino

O painel superior ilustra uma tentativa de seleção de figura após a emissão do sinal em Libras, com consequência programada para acerto. O painel inferior ilustra uma tentativa de seleção de palavra impressa após a emissão de um sinal em Libras com consequência programada para erro.

Procedimento

O participante foi exposto às tentativas de ensino e de teste pelo procedimento de emparelhamento com o modelo (*matching-to-sample*). A sequência geral de relações de ensino e teste e número de tentativas está exibida na tabela 2.

Pré-treino - Primeiramente, o participante foi exposto a nove tentativas, compostas cada uma por quatro estímulos na tela do computador; três deles

foram figuras apresentados nas extremidades da tela e um em Libras ao centro. A tarefa do participante era relacionar a figura de comparação arbitrariamente definida como correta, clicando com o *mouse* sobre esta. Após a seleção, eram apresentadas as consequências programadas para acertos ou erros. O objetivo dessa etapa foi ensinar o participante a manusear o *mouse*, ensinar a tarefa de emparelhar um estímulo visual ao um modelo sinalizado, tendo como critério para o avanço no procedimento que a criança concluísse a tarefa, independente do desempenho.

Pré-teste - O pré-teste era composto por seis etapas distintas e teve como objetivo caracterizar o repertório de entrada em tarefas baseadas em seleção e de emissão de sinais e identificar as nove palavras que comporiam as etapas de ensino. O participante foi avaliado em blocos de 30 tentativas cada um, nas seguintes relações: sinais da Libras e figuras (AB), figuras e palavras impressas (BC), palavra impressa e figuras (CB), sinal em Libras e palavras impressas (AC), de tal forma que a resposta solicitada ao participante era de seleção. Também foi avaliado em tarefas baseadas na topografia da resposta, em que o participante deveria produzir o respectivo sinal em Libras na presença da palavra impressa (CD), da figura (BD) e do próprio sinal da Libras (AD). Os estímulos que compuseram o pré-teste foram palavras convencionadas pela comunidade verbal, cujo referente impresso não apresentava dificuldades da língua.

Ensino - Ao longo do procedimento foram conduzidas três unidades de ensino e testes em um delineamento de linha de base múltipla (Cozby, 2003). As etapas consistiam no ensino de relações condicionais entre sinal e figura (AB), entre sinal e palavra impressa (AC), testes de formação de classes (BC e CB), de nomeação (BD) e de leitura (CD). Em cada unidade, foram ensinadas relações entre três palavras, figuras e sinais, mas, nas etapas de teste, todas as nove palavras selecionadas no pré-teste foram testadas. O objetivo dessa etapa era ensinar o participante a selecionar uma figura após a apresentação de seu sinal convencional da Libras (AB) e o mesmo sinal da libra a uma palavra impressa (AC). O ensino era iniciado pelas relações condicionais AB (A1B1, A2B2 e A3B3).

Era apresentado um bloco composto por 27 tentativas, sendo nove tentativas para cada relação, apresentadas em ordem definida por sorteio. Independente do número de acertos ou erros, o participante foi exposto ao bloco seguinte, composto por nove tentativas, três de cada tipo (A1B1, A2B2, A3B3), também misturadas dentro do bloco. Se o participante apresentasse 100% de acertos, o ensino era encerrado, e o participante submetido à próxima etapa. Caso o participante apresentasse erros, era exposto ao ensino individualizado de cada

relação AB, sendo um bloco composto por três tentativas somente da relação A1B1, e caso o participante apresentasse desempenho diferente de 100% de acerto, a sessão era encerrada. Caso acertasse 100% das tentativas, era exposto a outro bloco composto por três tentativas somente da relação A2B2. Em caso de erros, o bloco era encerrado e, no caso de acertos, prosseguia para um bloco composto por três tentativas da relação A3B3 que, no caso de erros, a sessão era encerrada. No caso de 100% de acertos, era exposto novamente ao bloco que misturava as três relações AB, composto por 27 tentativas; nesse ponto, independente de erros ou acertos, encerrava-se a sessão. O desempenho era avaliado e caso obtivesse 100% de acertos era exposto ao ensino das relações AC (A1C1, A2C2, A3C3), que seguiu os mesmos critérios de avanço e repetição de bloco que o ensino das relações AB. Caso o participante apresentasse erros, seriam tomadas decisões sobre procedimentos remediativos, e a permanência dele na pesquisa.

Caso o participante atingisse o critério de aprendizagem, era exposto a um conjunto de tentativas que misturava as seis relações aprendidas até o momento (AB+AC). Se o participante atingisse o critério de 100% de acertos, era exposto à etapa de testes BC/CB, mas se ficasse aquém do desempenho esperado, era exposto ainda mais uma vez a blocos que misturavam as relações entre sinal e figura e entre sinal e palavra impressa (AB+AC).

Pós-testes - Após o ensino, os participantes foram submetidos aos testes de formação de classes (BC e CB) de nomeação (BD) e de leitura (CD). O objetivo dos testes de formação de classes foi avaliar se, após o ensino das relações entre sinal e figura (AB) e entre sinal e palavra impressa (AC), o controle exercido pelo sinal (A) seria estendido para B e C, tornando a relação entre eles verdadeira. Em um bloco de 27 tentativas, foram apresentadas as relações de todas as unidades: B1C1, B2C2, B3C3 (unidade 1), B4C4, B5C5, B6C6 (unidade 2) e B7C7, B8C8, B9C9 (unidade 3). Nesse bloco, não havia consequência programada para acerto ou erro.

Após os testes de formação de classes, os participantes eram expostos aos pós-testes de nomeação e de leitura. O objetivo desse pós-teste foi verificar se os participantes seriam hábeis em emitir diante da figura (B) e da palavra impressa (C) o mesmo sinal emparelhado a esses estímulos nas etapas de ensino (AB e AC). Essa etapa foi composta por dois blocos de nove tentativas, que exibiram, no centro da tela, o estímulo figura ou palavra impressa para que o participante sinalizasse de acordo. O primeiro bloco apresentava nove figuras da relação BD (uma de cada unidade) e o segundo bloco apresentava nove palavras impressas da relação CD (uma de cada unidade). Nessa etapa, não eram fornecidas consequências programadas para acertos ou erros.

Após concluir todas as etapas do ensino da unidade 1, os participantes eram expostos ao ensino e testes das unidades 2 e 3, seguindo os mesmos critérios de programação da unidade 1.

Tabela 2 – Sequência das fases de ensino e testes, relações e número de tentativas adotadas no delineamento

| Fase | Relação | Descrição das relações | Número de Tentativas |
|------------|---------|---|----------------------|
| Pré-treino | CC | Figura – Figura | 9 |
| | AB | Libras - Figura | 30 |
| | AC | Libras - Palavra impressa | 30 |
| | BC | Figura - Palavra impressa | 30 |
| Pré-teste | CB | Palavra impressa – Figura | 30 |
| | CD | Palavra impressa - Libras | 30 |
| | BD | Figura - Libras | 30 |
| | AD | Libras – Libras | 30 |
| Ensino | AB | Libras – Figura | 27 |
| | AC | Libras - Palavra impressa | 27 |
| | AB+AC | Libras – Figura e Libras - Palavra impressa | 18 |
| Pós-testes | BC/CB | Figura - Palavra impressa | 27 |
| | | Palavra impressa – Figura | |
| | BD | Figura – Libras | 9 |
| | CD | Palavra impressa - Libras | 9 |

Resultados

Pré-treino - O objetivo do pré-treino foi ensinar a tarefa de selecionar uma figura dentre três, quando o sinal em Libras era apresentado em tarefas de *matching-to-sample*. O participante obteve 22% e 11% de acertos neste bloco em duas exposições consecutivas. Por não se tratar de um bloco de ensino de relações-alvo, a preocupação não foi com seus acertos, mas sim com a compreensão da tarefa, qual seja, selecionar uma das três figuras presentes após um sinal, não antes e nem durante; essa *performance* foi demonstrada.

Pré-teste - Os objetivos do pré-teste eram avaliar o repertório de entrada do participante em diferentes relações que envolviam seleção e emissão de sinais, a fim de selecionar palavras para compor as fases de ensino e testes subsequentes. A figura 2 representa os resultados do participante nas relações do pré-teste.

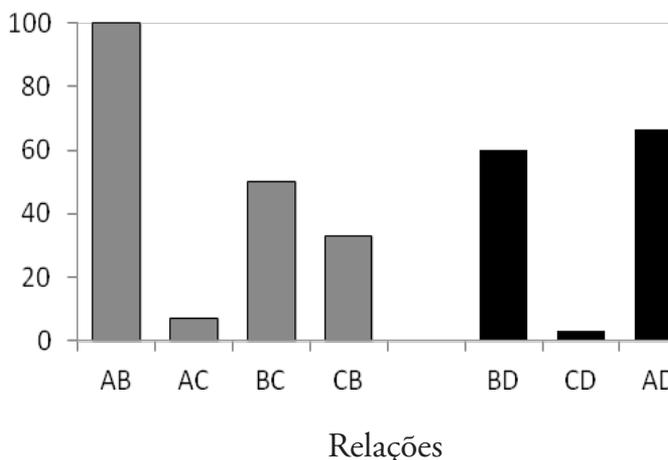


Figura 2 - Desempenho no participante nas relações do Pré-teste

As barras cinza representam as tarefas de seleção, e as barras pretas representam as tarefas de emissão de sinais. Os pares de letras representam: CB – Palavra impressa - figura; BC – figura - palavra impressa; CD – palavra impressa - sinal emitido pelo participante; AB – sinal - figura; AC – sinal - palavra impressa; AD – sinal - sinal emitido pelo participante.

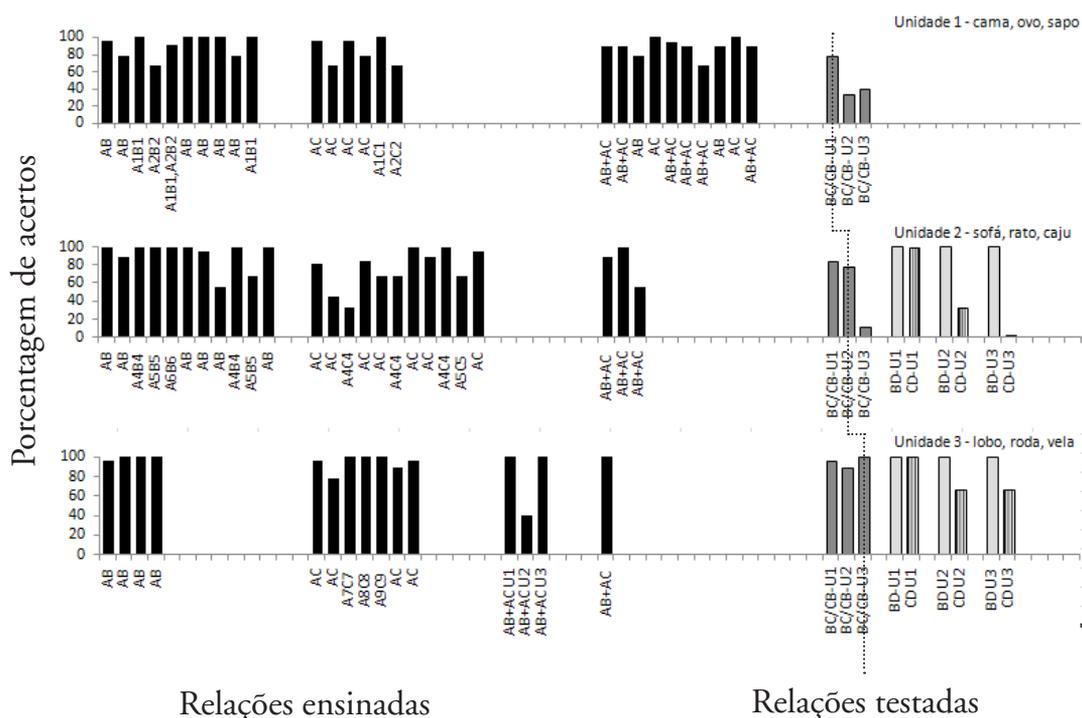
O participante apresentou baixa porcentagem de acertos nas relações do pré-teste, sobretudo naquelas que envolviam a seleção (CB, BC, AC) e leitura (CD) de palavra impressa, com desempenhos inferiores a 50% de acertos. Nas relações que envolviam imitação de sinal (AD) e nomeação de figuras (BD), seu desempenho foi médio, entre 50% e 60% de acertos. Somente na relação que envolvia seleção de figuras, seu desempenho foi preciso. Com base nesses resultados, foram selecionadas as seguintes palavras para ensino e testes subsequentes: cama, ovo e sapo para a unidade 1; sofá, rato e caju para a unidade 2; e lobo, roda e vela para a unidade 3.

Ensino e pós-testes (unidade 1) - O participante foi exposto ao bloco que ensinava as três relações de seleção de figuras na presença do sinal (AB) com estímulos da unidade 1 e, como não obteve 100% de acertos em dois blocos consecutivos, foi exposto ao ensino das relações em

separado; somente após o ensino separado, o participante demonstrou 100% de acertos nas três relações entre sinal e figura com estímulos da unidade 1. Nas relações de seleção de palavras impressas mediante o sinal (AC), o desempenho oscilou nos quatro primeiros blocos, ora obtendo desempenho preciso, ora em torno de 80% de acertos. Em várias tentativas do ensino AC, o participante abandonou o procedimento, recusou-se a fazer e apresentou comportamentos agressivos. Na tentativa de contornar essa situação, outros reforçadores foram utilizados, como, por exemplo, adesivos de personagens de histórias em quadrinhos. Nesse caso, demonstraram-se eficientes, conseguindo manter o comportamento do participante em desempenhar a tarefa por mais tempo. Ainda assim, o ensino das relações AC foi encerrado após a exposição ao sexto bloco de tentativas, com 80% de acertos no bloco que misturava as três relações. Ao ser exposto aos testes de formação de classes (BC/CB), o desempenho foi superior a 80% de acertos, mostrando que figuras e palavra impressas eram relacionáveis entre si, equivalentes.

Ensino e pós-testes (unidades 2 e 3) - Os resultados obtidos com estímulos das unidades 2 e 3 replicam os da unidade 1, isto é, aprendizagem das relações de seleção de figuras (AB) e de palavras impressas (AC) mediante sinal em Libras e emergência da formação de classes (BC/CB). No que concerne à aprendizagem das relações de seleção de figuras (AB) e de palavras impressas (AC) mediante o sinal, observa-se que, com estímulos da unidade 3, foram necessárias menos exposições aos blocos de ensino se comparadas às unidades 1 e 2; foram necessárias seis exposições para o ensino de seleção de figuras mediante o sinal (AB) e sete para o ensino de seleção de palavras impressas mediante o sinal. A nomeação de figuras (BD) e leitura de palavras (CD) foram avaliadas durante as unidades 2 e 3 para estímulos das três unidades; o desempenho em nomeação de figuras das três unidades foi preciso e o participante emitiu sinais condizentes com a Libras; em leitura, demonstrou 33% de acertos após o ensino da unidade 2, que melhorou para 66% de acertos após o ensino da unidade 3; com estímulos da unidade 3, a leitura melhorou de 0 a 66% de acertos após o ensino dessa unidade.

Figura 3 – Porcentagem de acertos no ensino das relações sinal-figura (AB) e sinal-palavra impressa (AC), barras pretas; pós-testes de formação de classes (BC/CB), barras cinza-escuro; nomeação pelo sinal diante da figura (BD), barras cinza-claro e leitura pelo sinal diante da palavra impressa (CD), barras cinza hachurada, nas três unidades (U1, U2, U3).



A linha recortada e tracejada representa o desempenho do participante após ter recebido o ensino da respectiva unidade.

Discussão

Este trabalho ensinou o repertório de seleção de figura e de palavra impressa mediante a apresentação do sinal da Libras a uma criança com surdez, não leitora e com conhecimento restrito em Libras. Após o ensino, essa criança foi capaz relacionar, por equivalência de estímulos, figura e palavra impressa, demonstrando que o sinal da Libras como estímulo, a figura e a palavra impressa passaram a compor a mesma classes de estímulos, isto é, passaram a compartilhar de relações simbólicas; o estudo também verificou que, após o ensino das relações de seleção (AB e AC), o participante foi capaz de estender o controle exercido pela figura na emissão do sinal (BD) para a palavra impressa, emitindo o mesmo sinal (CD). Esses resultados são condizentes com a literatura e replicam estudos anteriores, com delineamentos semelhantes na demonstração da função simbólica por pessoas com repertório restrito, envolvendo estímulos linguísticos baseado em sinais (Elias, Goyos, Sauders & Sauders, 2008; Gatch & Osborne 1989).

Estes resultados replicam o fenômeno da equivalência de estímulos em um participante com repertório verbal restrito (Sidman & Tailby, 1982; Sidman, 2000); o participante, embora pudesse demonstrar repertório receptivo em Libras (selecionar figuras mediante o sinal), não era capaz de fazê-lo com a mesma precisão quando sua tarefa era expressiva (nomear figuras).

Quando o participante passa não só a relacionar figuras e palavras impressas, mas também passa a ler palavras impressas após o ensino, isso representa uma economia do ensino. Foram ensinadas seis relações em cada unidade, quais sejam, três relações entre sinal e figura, três relações entre sinal e palavra impressa, e emergiram 12, quais sejam, três relações entre palavra impressa e figura (CB), três de sua simétrica (BC), três em nomeação de figuras (BD) e três em nomeação de palavra impressa (CD). No caso desse participante, essas relações foram demonstradas com nove palavras, ensinadas três a três, e o delineamento de linha de base múltipla forneceu a evidência experimental que o desempenho demonstrado nos pós-testes de cada unidade foi em decorrência do ensino ao qual o participante foi submetido (Cozby, 2003).

Tecnologias baseadas no modelo das relações de equivalência têm sido amplamente usadas com efetividade atestada na remediação de problemas de leitura em crianças com diferentes necessidades educacionais especiais (Souza & Rose, 2006). Estudos recentes têm demonstrado a extensão do modelo na compreensão das condições em que o ouvir e o falar podem ser estabelecidos em crianças com deficiência auditiva e cuja detecção de sons foi restabelecida pelo implante coclear (Almeida-Verdu et al., 2008; Almeida-Verdu, Bevilacqua, Souza, & Souza, 2009).

No que concerne a pessoas com surdez usuárias de Libras, este estudo, aliado aos demais citados, fortalecem a argumentação de que a tecnologia de ensino derivada do modelo das relações de equivalência pode ser usada como um suplemento instrucional de repertórios acadêmicos. Estudos recentes também têm adotado a utilidade do modelo das relações de equivalência para ensinar equivalência monetária em pessoas com surdez, emparelhando os sinais da Libras ao valor do produto, a figuras de moedas e a figuras das notas, obtendo aumento significativo no conceito monetário de dez pessoas com surdez, independente de seu repertório matemático inicial (Magalhães & Assis, 2011).

Este estudo foi mais uma demonstração da aplicabilidade do modelo no ensino de leitura pela programação sistemática e individualizada de ensino a pessoas com repertório limitado. De acordo com Stromer, Mackay e Stoddard (1992), métodos baseados na rede de relações de equivalência podem, além

de promover condições de ensino de repertórios acadêmicos importantes, inclusive, avaliar se o ensino oferecido no currículo em vigor nas escolas estabelece tais redes de integração, convertendo-se tecnologia de ensino.

Referências

Albuquerque, A. R. & Melo, R. M. (2005). Equivalência de estímulos: conceito, implicações e possibilidades de aplicação. *In: J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (org.). Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação.* (pp. 99-112). Porto Alegre: Artmed.

Almeida-Verdu, A. C. M., Bevilacqua, M. C., Souza, D. G. & Souza, F. C. (2009). Imitação vocal e nomeação de figuras em deficientes auditivos usuários de implante coclear: estudo exploratório. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 5 (1), 63-78. [on-line] Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/viewFile/722/982>>.

Almeida-Verdu, A. C. M., Huziwara, E. M., Souza, D. G., Rose, J. C., Bevilacqua, M. C., Lopes Jr., J., Alves, C. O. & McIlvane, W. J. (2008). Relational learning in children with deafness and cochlear implants. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 89 (3), 407-424.

Carr, D., Wilkinson, K., Blackman, D. & McIlvane, W. (2000). Equivalence classes in individuals with minimal verbal repertoires. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 74, 101-114.

Carvalho, D. de (2005). *Programa de ensino informatizado e individualizado do alfabeto digital por equivalência de estímulos.* Dissertação de Mestrado em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Cozby, P. C. (2003). *Método de pesquisa em ciências do comportamento.* São Paulo: Atlas.

Cumming, W. W. & Berryman, R. (1965). The complex discriminated operant: Studies of matching-to-sample and related problems. *In: D. I. Mostofsky (ed.). Stimulus generalization.* Stanford: Stanford University Press, 284-330.

Dube, W. (1991). Computer software for stimulus control research with Macintosh computer. *Experimental Analysis of Human Behavior Bulletin*, 9 (2), 28-30.

- Elias, N. C., Goyos, C., Saunders, M. D. & Saunders, R. R. (2008). Teaching manual signs to adults with mental retardation using matching-to-sample procedures and stimulus equivalence. *The Analysis of Verbal Behavior*, 24, 1-13.
- Gatch, M. B. & Osborne, J. G. (1989). Stimulus Equivalence and Receptive Reading by Hearing-Impaired Preschool Children. *Language, Speech, and Services in Schools*, 20, 63-75.
- Hall, G. & Sundberg, M. L. (1987). Teaching mands by manipulating conditioned establishing operations. *The Analysis of Verbal Behavior*, 5, 41-53.
- Honora, M. & Frizanco, M. L. E. (2009). *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural.
- Hulst, H. & Mills, A. (1996). Issues in sign linguistics: phonetics, phonology and morpho-syntax. *Língua*, 98, 3-17.
- Magalhães, P. G. S. & Assis, G. J. A. (2011). Equivalência monetária em surdos. *Temas em Psicologia*, 19 (2), 443-458.
- Michael, J. (1985). Two kinds of verbal behavior plus a possible third. *The Analysis of Verbal Behavior*, 3, 1-4.
- Pereira, V. A. & Almeida-Verdu, A. C. M. (2012). Avaliação do ler e do escrever em surdos pela Língua Brasileira de Sinais (Libras). *Psicologia Teoria e Prática*, 14 (2), 15-27.
- Sidman, M. & Tailby, W. (1982, Jan.). Conditional discriminations vs. matching to sample: an expansion of the testing paradigm. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, v. 37, p. 5-22. [on-line] Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov>>.
- Sidman, M. (1971). Reading and auditory-visual equivalence. *Journal of Speech and Hearing Research*, 14, 5-13.
- Sidman, M. (2000). Equivalence relations and the reinforcement contingency. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 74, 127-146. [on-line] Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1284788/pdf/10966100.pdf>>.
- Skinner, B. F. (1978). *O comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix.

Souza, D. G. & Rose, J. C. C. (2006). Desenvolvendo programas individualizados para o ensino de leitura. *Acta Comportamental*, 14 (1), 77-98.

Souza, R. D. C. & Assis, G. J. A. (2005). Emergência de relações numéricas em crianças surdas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21 (3), 297-308.

Stromer, R., Mackay, H. A. & Stoddard, L. T. (1992). Classroom applications of stimulus equivalence technology. *Journal of Behavioral Education*, 2, 225-256.

Subjetividade e indústria cultural: uma leitura psicanalítica da cumplicidade dos indivíduos com a lógica da mercadoria

Subjectivity and the cultural industry: the psychoanalytical explorer of a subjects' complicity in the consumer object logic

Subjetividad e industria cultural: una lectura psicoanalítica de la complicitad de los individuos con la lógica de la mercancía

*Samara Megume Rodrigues**

*Angela Maria Pires Caniato***

Resumo

Este artigo busca discutir o conceito de indústria cultural, cunhado por Horkheimer e Adorno (1985), e levantar reflexões articuladas à psicanálise freudiana. A indústria cultural é a subordinação da cultura a lógica da mercadoria. Com isso, o que deveria promover os elementos necessários à construção da autonomia, da individualidade e singularidade, passa a gerar normalização, padronização e submissão. A adesão dos indivíduos a esse fenômeno ocorre por meio de mecanismos inconscientes, principalmente pela identificação com os modelos perversos construídos socialmente. O vínculo estabelecido com a indústria cultural é de natureza libidinal (o indivíduo a idealiza, sem jamais ter o retorno afetivo desse investimento). Tal engolfamento configura-se como uma violência simbólica, em que o indivíduo familiariza-se com o sofrimento. Impedido de exteriorizá-lo, ocorre uma autoagressão: torna-se indiferente ao próprio sofrimento e ao sofrimento alheio e ou passa a gozar de sua dor, estabelecendo vínculos sadomasoquistas. Será possível sair da violência dessa cumplicidade?

Palavras-chave: Indústria cultural, Psicanálise, Processos identificatórios, Violência simbólica, Sadomasoquismo.

* Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Maringá-PR, integrante do projeto de pesquisa-intervenção "Phenix: a ousadia do renascimento do indivíduo sujeito – fase III", vinculado ao Departamento de Psicologia (DPI-UEM), onde atua na intervenção com grupos de adolescentes em uma escola na periferia de Maringá. *E-mail:* samara_meg@hotmail.com.

** Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1995), mestra em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1986), titulada em Psicologia Clínica e Social pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), graduada em Psicologia (Licenciatura e Formação de Psicólogos) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1968). *E-mail:* samara_meg@hotmail.com.

Abstract

Current investigation discusses the concept of cultural industry, coined by Horkheimer and Adorno (1985), and interpellates Freudian psychoanalysis. Cultural industry is the subordination of culture to market logic, or rather, that which should promote the necessary issues for the construction of autonomy, individuality and singularity produces normalization, standardization and submission. People's adhesion to such a phenomenon occurs through sub-consciousness mechanisms, especially by the identification with socially constructed perverse models. Bonds with cultural industry are characterized by a libidinal foregrounding – the individuals idealize it without ever having an affection response to their efforts. This set of facts boils down to a symbolical violence in which the individuals familiarize themselves with suffering. Since they cannot externalize it, a self-aggression occurs: they become indifferent to their own pain and to that of others and/or take pleasure in their suffering with sadomasochist features. Will they release themselves from such complicity?

Keywords: Cultural industry, Psychoanalysis, Identifying processes, Symbolic violence, Sadomasochism.

Resumen

En este artículo se pretende discutir el concepto de industria cultural, acuñado por Horkheimer y Adorno (1985), y plantear reflexiones articuladas con el psicoanálisis freudiano. La industria cultural es la subordinación de la cultura a la lógica de la mercancía. Con esto, lo que debería promover los elementos necesarios para la construcción de la autonomía, de la individualidad y singularidad, comienza a generar normalización, estandarización y sumisión. La adhesión de los individuos a este fenómeno se produce a través de mecanismos inconscientes, principalmente a través de la identificación con modelos perversos socialmente construidos. El vínculo establecido con la industria cultural es de naturaleza libidinal (el individuo la idealiza, sin recibir nunca la contrapartida afectiva de esta inversión). Tal acto se presenta como una violencia simbólica, en la que el individuo se familiariza con el sufrimiento. Incapaz de exteriorizarlo, se produce una auto-agresión: se vuelve indiferente a su propio sufrimiento y al sufrimiento de los demás y/o comienza a disfrutar su dolor, estableciendo vínculos sadomasoquista. ¿Será posible salir de la violencia de esta complicidad?

Palabras clave: Industria cultural, Psicoanálisis, Procesos de identificación, Violencia simbólica, Sadomasoquismo.

O esvaziamento da cultura pela indústria cultural

Este artigo busca discutir o conceito de indústria cultural, cunhado por Horkheimer e Adorno (1985a), e levantar reflexões articuladas à psicanálise freudiana. Nesse trajeto, analisaremos as formas como ocorre a cumplicidade dos indivíduos na manutenção das atuais formas de violência social, vínculo que ocorre por meio de mecanismos inconscientes. A articulação entre essas duas escolas de pensamento (psicanálise e teoria crítica) torna-se pertinente, pois ambas partem da mesma perspectiva de homem, qual seja: que este é produto e produtor da cultura em que vive.

O conceito de indústria cultural, cunhado por Horkheimer e Adorno (1985a), é uma trama em que necessariamente se enlaçam outros conceitos (tanto da esfera social quanto da subjetiva). Eles tecem um momento histórico em que ocorre a mercantilização da produção simbólica dos homens e, com isso, a anulação da sua humanidade, uma vez que esses (sob a imposição da mercadoria) não podem ser a multiplicidade e singularidade que os caracteriza, mas se tornam homens coisificados, cuja interioridade é de tal forma violentada que, para eles dizerem “não”, à reprodução dos ditames sociais, é um processo muito difícil de ser feito porque fragilizada suas instâncias críticas norteadoras de uma ação emancipatória.

Em seu comércio, a mercadoria não aparece como produto de uma relação de produção humana, ou seja, o valor social nela se apaga, e ela apresenta-se como se valesse por si mesma, como se tivesse vida autônoma. A mercadoria passa a ter um caráter místico religioso, como se estivesse enfeitada: o fetiche da mercadoria (Marx, 1968).

Em sua época, Marx já havia apontado que, na transformação do produto em mercadoria, o humano se anula e toda sua produção apresenta-se alheia a ele. Alguns teóricos da chamada Escola de Frankfurt, em especial Adorno e Horkheimer, aprofundam a proposição marxista de que a produção humana foi desqualificada, sendo que a própria cultura passou a ser regida pelas mesmas leis da mercadoria.

O fetiche da mercadoria, no desenvolvimento da história, é incrementado com o surgimento de todo um aparato técnico desenvolvido pela ciência: as revistas, o rádio, o cinema, a televisão. Esses meios de comunicação, pela propaganda, passaram a apresentar a mercadoria como tendo não apenas vida própria (descolada de sua função social), mas também como possuidora de um poder muito superior ao homem, como portadora da capacidade de lhe trazer a “felicidade”, acabar com suas angústias e toda forma de tristeza.

Horkheimer e Adorno (1985a) cunham o conceito de indústria cultural em 1947 para se referir à manipulação pelo fetiche feita pelos diversos meios de comunicação, que têm o propósito de adaptar os indivíduos à sustentação do sistema econômico. Ela seria a expressão do fetiche do capital, ou seja, a generalização da dominação social pelo valor de troca da mercadoria, em que ocorre um ofuscamento (quicá desaparecimento) das fronteiras entre a esfera econômica e a cultural. As mercadorias passam a ser tidas como bens culturais, e todos os conteúdos culturais passam a ser bens de consumo.

A “cultura” propagando a lei do mercado possibilita uma dominação para além do mundo do trabalho (via alienação do trabalhador), que se impõe de forma totalitária e imbricada em todos os aspectos da vida do indivíduo. Assim, a indústria cultural promove a interiorização da dominação pelo capital, forjando subjetividades homogeneizadas e acríticas. Segundo Adorno (1986a, p. 78):

As malhas do tecido social vão sendo atadas cada vez mais de acordo com o modelo do ato de troca. Permite à consciência individual cada vez menos espaço de manobra, passa a performá-la de um modo cada vez mais radical, como que lhe cortando, a priori a possibilidade da diferença, que passa a reduzir à mera nuance dentro da homogeneidade da oferta.

O termo indústria cultural foi utilizado por Horkheimer e Adorno para substituir a expressão cultura de massa, a qual conduz a uma interpretação de que a cultura provém das próprias massas. A indústria cultural não pode ser entendida como cultura. A cultura é algo extremamente complexo. Segundo Adorno (1986a), sua própria definição nos escapa; defini-la seria subordiná-la e reduzi-la a leis que não são suas, visto que seu cerne é justamente seu caráter espontâneo e autônomo. Esse caráter a configura como um elemento de protesto às definições totalizadoras.

A cultura não tem apenas a função de formar indivíduos como seres sociais (que partilham das mesmas leis simbólicas), mas também tem a característica de protestar contra o real/factual da sociedade. Assim, ela possibilita a participação do indivíduo no coletivo e, ao mesmo tempo, a criação de uma distância entre ele e sua mera integração ao social, ou seja: a cultura dá elementos para a oposição crítica necessária aos processos de autonomia humana. A indústria cultural anulou justamente essa distância e impôs a assimilação total dos homens à sociedade, criando uma *“falsa identidade do universal e do particular”* (Horkheimer & Adorno, 1985a, p.

114). O particular (indivíduo) passou a ser diluído na universalidade do social. Segundo Adorno (1986a, p. 79):

Crítica é um elemento inalienável da cultura em si mesma contraditória e, com toda sua inveracidade, a crítica ainda é tão verdadeira quanto a cultura é inveraz. A crítica não é injusta à medida que demole – isso seria ainda a melhor coisa dela -, mas à medida que obedece mediante o não obedecer.

Para os frankfurtianos, cultura é um termo dialético, que congrega tanto as produções espirituais quanto as materiais da sociedade. Adorno e Horkheimer (1973a) analisam historicamente o conceito de cultura e constataam que, na modernidade do século XVIII e XIX, principalmente com a Revolução Industrial e com a corrente racionalista do pensamento ocidental, as palavras cultura e civilização passaram a ter sentidos distintos. Escrevem “*a cultura sempre teve uma conotação de ‘cultura espiritual’, enquanto civilização subentende um progresso material*” (p. 93). No entanto, eles advertem que, em sua origem, a palavra civilização não se opunha à cultura, visto que designava o âmbito geral da humanidade, no sentido de *humana civilitas*: a necessidade da civilidade humana, cujo objetivo é a felicidade dos homens. No ocidente esse sentido foi transformado a fim de exaltar um progresso econômico-social, em oposição aos povos ditos bárbaros e feudais. Destarte, a cultura (*Kultur*) se opõe à civilização (*Civilization*) em seu sentido moderno (Adorno & Horkheimer, 1973a). Enquanto a primeira refere-se ao terreno da *liberdade*, a última ficou relegada a terreno da *necessidade*.

Freud (1996a) se opõe à divisão de significados entre cultura e civilização. Para ele, a cultura

[...] designa a soma total de realizações e disposições pelas quais a nossa vida se afasta da de nossos antepassados animais, sendo que tais realizações e disposições servem a dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si (Freud, 2011b).

Nessa definição fica implícita tanto a produção de técnicas de extração e conquista de riquezas para a satisfação das necessidades quanto a criação de bens espirituais, cujo propósito seria o convívio social. Essa compreensão de Freud (1930) está em consonância com a *humana civilitas*. Nesse sentido, Freud (2011b) ainda acrescenta que a cultura seria então um elemento de amparo aos indivíduos, construída por eles próprios, pois teria depositada em si as aquisições históricas das atividades humanas que,

por meio da relação entre os homens, tornam-se transmissíveis às gerações seguintes, a fim de que possam melhorar as condições de existência dos homens.

Adorno e Horkheimer (1973a), tal como Freud (2011b), compactuam da compreensão de que cultura e civilização têm uma relação de interdependência, dialética. No entanto analisam que “o que não se pode desconhecer é que as duas coisas que o espírito iluminista, desde Kant até Freud, quis ver estreitamente ligadas, vêm agora, de fato, se separando” (p. 97).

Adorno (1996a) analisa que, com as transformações que ocorreram no capitalismo avançado, a cultura do valor de uso se transformou em um valor de troca. Ela foi engolfada por um aspecto da civilização, qual seja: sua face instrumental. A concentração de capital nas mãos de poucos gera a produção de bens padronizados. Esse fenômeno ocorre também com os bens culturais. Com isso, o fetichismo intrínseco ao valor de troca das mercadorias não se limita mais à produção, mas atinge o indivíduo e sua subjetividade. Conforme a cultura torna-se uma mercadoria, o consumidor passa a se relacionar com ela segundo seu valor de troca, por conseguinte o mundo torna-se reificado e sua consciência sobre ele, coisificada.

Entretanto é importante ressaltar que seria ingênuo evocar a cultura como a salvação para o processo contemporâneo da civilização. Adorno e Horkheimer (1973a, p. 97-98) afirmam que:

O gesto de exorcismo, a exaltação da Cultura à custa da sociedade de massa, o diligente consumo de bens culturais como manifestação do próprio gosto superior na formação da alma, tudo isso é justamente, inseparável do que a civilização tem de desarticulado e desagregador.

Diante de um contexto em que o homem não é senhor dos bens que produz, visto que os instrumentos, instituições e bens produzidos não têm o propósito de melhorar a vida humana (tal como descrito por Freud, 2011b), os produtos da civilização mostram-se com um poder superior aos homens, subordinando-os. Se os meios técnicos (e a tecnologia) desenvolvidos subjugam-nos, a cultura só pode existir como indústria cultural. Portanto a cultura da crítica e do amparo, tratadas por Adorno (1986a) e Freud (2011b), respectivamente, tornou-se neutralizada em prol do lucro.

Por outro lado, a indústria cultural não pode ser entendida como indústria no sentido tradicional de produção de mercadorias, pois tem mais relação com a circulação do que com a produção (Cohn, 1986). Pode-se compará-la como indústria quando contrastada às suas atividades que estão voltadas para

a massificação, padronização e aparente passividade dos indivíduos. Ou seja, ela é indústria no sentido em que expressa a racionalidade técnica.

Horkheimer e Adorno (1985b), ao analisarem a trajetória da razão ocidental, afirmam que, desde as epopeias gregas aos sistemas racionalistas contemporâneos, a razão humana se condena à sua própria idolatria. Assim, o esclarecimento proposto pela ciência moderna se converteu em uma nova mitologia. A ciência utilizou a razão para apagar todos os vestígios de contradições, reduzindo tudo à dimensão da lógica da identidade. Com o propósito de dominar a natureza e os homens, ela impôs a formalização, instrumentalização e coisificação da razão. Ou seja, “no trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade” (Horkheimer & Adorno, 1985b, p. 21). Essa racionalidade técnica cumpre uma função econômica na sociedade (que passa a ser ela toda “administrada”).

A racionalidade técnica invade todas as esferas da vida humana, inclusive (e principalmente) a produção de bens culturais. A partir da reprodutibilidade mecânica desses bens, o que deveria promover a autonomia (singularidade/individualização) humana, passa a gerar nivelamento, normalização e padronização. Esses bens culturais são propagados por todo um aparato técnico construído pela ciência: revista, rádio, cinema, televisão. A fusão da cultura com a tecnologia minou o seu caráter revolucionário, pois impôs a assimilação acrítica como única função da “cultura”; assim, ela se tornou uma expressão da razão instrumental (que é o pensamento racional como instrumento do capital, isto é, do quantitativo). Toda a forma de pensamento qualitativo (reflexivo), de razão teórica e contemplativa, foi desprestigiada. Portanto a indústria cultural, por meio de uma reprodutibilidade mecânica, transformou o homem em estatística, um simples objeto de consumo. O consumidor não é rei como a indústria cultural lhe faz crer, mas seu objeto (Horkheimer & Adorno, 1985a).

A ciência, em sua face puramente instrumental, resignou-se à perversão dos elementos verdadeiramente humanos, sensíveis, à quantificação da racionalidade. Assim, a lógica propagada é sempre a mesma: a repetição, a falta de reflexão, o cumprimento da ordem estabelecida, ou seja, na indústria cultural, “todos os detalhes são clichês prontos para serem empregados arbitrariamente aqui e ali e completamente definidos pela finalidade que lhes cabe no esquema, confirmá-lo, compondo-o, eis aí a sua razão de ser” (Horkheimer & Adorno 1985a, p. 117-118).

Os produtos a serem consumidos pela indústria cultural são hierarquizados segundo o padrão de consumo. Como salientam Horkheimer e Adorno (1985a), os indivíduos devem preocupar-se em consumir os produtos dedicados ao seu nível, ao grupo no qual estão enquadrados, para que, de maneira nenhuma, entrem em contato com o diferente. Aliás, essa estratégia de equalização dos indivíduos esconde a igualdade dos produtos consumidos, e o sujeito acredita piamente que o que consome é diferente do que o consumido pelo outro.

Esse esquematismo não se deve à diferença de necessidades entre indivíduos divididos em categorias de consumo, uma vez que a diferenciação dos produtos não existe, porque eles acabam por revelar que são sempre a mesma coisa (Horkheimer & Adorno, 1985a). O que se busca com esse esquematismo é manter o indivíduo (glamorosamente exibido como autônomo e livre) na falsa sensação de ter liberdade de escolher, mesmo que entre objetos e produtos idênticos entre si.

Para que esses produtos possam ser consumidos pelos indivíduos ditos autônomos e livres, é preciso que eles tenham necessidades idênticas, sejam equalizados. Pela indústria cultural ocorre o processo de geração de necessidades e, ao mesmo tempo, o processo de retroatividades dessas.

Marx (1968) aponta que toda mercadoria satisfaz uma necessidade, seja ela do estômago ou da fantasia. Essas necessidades são sociais, ou seja, são produzidas por um processo de produção social (Marx & Engels, 1987). Adorno analisará que essa produção de necessidades é fundamental na reprodução do capitalismo, sendo que o próprio valor de troca da mercadoria (e, conseqüentemente, seu fetiche) torna-se objeto de necessidades humanas e sociais. Segundo Horkheimer e Adorno (1985a, p. 114):

[...] os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis porque são aceitos sem resistência. De fato, o que explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa.

É assim que a indústria cultural é a própria ideologia, no sentido em que apresenta uma falsa realidade que é internalizada pelos indivíduos, que acabam por reproduzi-la. O conceito de ideologia em Adorno não corresponde a um mero conjunto de ideias utilizadas como dominação por uma classe para encobrir uma dada realidade, mas ela é uma *falsa experiência do real*. A ideologia, para o autor, é “um processo responsável pela própria formação da consciência social” (Cohn, 1986, p. 11). Ela bloqueia a reflexão, pois

impossibilita que o indivíduo consiga identificar e analisar as contradições sociais. A realidade passa a ser unidimensional, naturalizada. Sobre a ideologia:

[...] além de ser um processo formador de consciência e não apenas instalado nela, opera no nível do inconsciente, no sentido forte do termo: ela não apenas oculta dados da realidade, mas os reprime, deixando-os sempre prontos a retornar à consciência, ainda que de novo sob formas ideológicas (Cohn, 1986, p. 17).

Nisso a indústria cultural demonstra seu poder: a ideologia que transmite atua não só na consciência, mas também no inconsciente; ela imprime necessidades idênticas em indivíduos homogeneizados. Desta maneira:

A cultura tornou-se ideológica não só como suprassumo das manifestações subjetivamente acalentadas do espírito objetivo, mas na mais ampla escala, também como esfera da vida privada. A vida se converte em ideologia da reificação e, a rigor, em máscara mortuária (Adorno, 1986a, p. 87, grifos nossos).

A ideologia se apresenta não apenas no espírito objetivo: nas instituições sociais, na ciência, na arte, na técnica etc., mas principalmente no subjetivo. O indivíduo formado pela ideologia é o homem-mercadoria, que se exhibe ornado de suas glórias e conquistas mercadológicas. Ele é a pura exterioridade e superficialidade, a aparência dissimulada e glamorizada. Mas toda essa fachada esconde sua subjetividade já mortificada. No interior desse indivíduo, encontram-se, apenas, os restos do cadáver: o sujeito pensante, da diferença qualitativa e do discernimento afetivo já desapareceu.

A indústria cultural atua de forma intensa pela glamorização. Ela seduz o indivíduo, transmitindo-lhe o que ele pode ser, pode ter, pode conseguir e possuir, desde que se submeta, desde que consuma, participe. Ele será um rei, identificando-se, vestindo-se com o véu da cultura que a indústria cultural insiste em transmitir e chamar como tal. No entanto, é o rei destronado, porque é o ser do conformismo, da subordinação, mas que goza do *status* que lhe é conferido. Torna-se, então, mesmo sem o saber, cúmplice do processo psicossocial que o violenta.

A indústria cultural atua nos indivíduos por meio da semiformação: que não significa uma deformação, mas uma falsa formação (Maar, 2001). O indivíduo acredita estar recebendo cultura quando, na realidade, os bens culturais como mercadorias não passam de semicultura, que é “a multiplicação de elementos espirituais sem vinculação viva a sujeitos vivos, nivelados em opiniões que se adaptam aos interesses dominantes” (Adorno, 1996b).

Os indivíduos são remetidos a uma massificação e idiotização, já que o conteúdo apresentado é sempre o mesmo. Um espectador, desde o começo do filme, já sabe como ele termina, quem é o vilão, quem é o mocinho e quem será recompensado. Soma-se a isso o fato de que o indivíduo acaba por regozijar-se com esse saber, o qual foi calculado pelos produtores para ser facilmente dedutível pelos espectadores (Horkheimer & Adorno, 1985a). Assim, a falta de criatividade e a anulação da imaginação tornam-se imperativos.

Os modelos identificatórios e a violência simbólica da indústria cultural

Diante do atual contexto em que a indústria cultural apresenta a realidade mediada pela racionalidade técnica, instrumental, ocorrem alterações/distorções na estrutura psíquica do ser humano, principalmente em seus processos da consciência (pensamento, julgamento, discriminação, decisão), deixando o indivíduo à mercê de manipulações identificatórias e de seus impulsos destrutivos inconscientes.

A identificação é um mecanismo importante para o processo de socialização do indivíduo, uma vez que esse mecanismo orientará o modo como ele pode comportar-se e expressar seu desejo, garantindo a sua especificidade como “um-indivíduo” que se sabe diferente e em relação com o outro da alteridade.

Segundo Freud (2011a) a identificação é a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, pois é um trânsito desejante inconsciente. Ela é o processo psíquico responsável pela formação da personalidade e possibilita ao indivíduo assimilar características totais ou parciais de outra pessoa. Por meio de uma série de identificações, o indivíduo constrói a sua identidade, tornando-se pessoa diferenciada.

Horkheimer e Adorno (1985a) desenvolvem a tese de que, no passado, a identificação com o *status quo* era obtida por meio do controle sob os impulsos do *id* sobre o *ego* e *superego*. No entanto, com a indústria cultural, a assimilação do indivíduo passou a se dar de forma mais direta. Nas palavras dos autores:

Não é mais possível dar uma solução ao conflito pulsional em que se forma a consciência moral. Em vez da interiorização do imperativo social – que não apenas lhe confere um caráter mais obrigatório e ao mesmo tempo mais aberto, mas também emancipa da sociedade e até mesmo faz com que se volte contra a sociedade – tem lugar uma identificação pronta e imediata com as escalas de valores estereotipadas (Horkheimer & Adorno, 1985a, p. 185).

Os autores afirmam que a indústria cultural atua no indivíduo por meio de falsas identificações. Não há alternativas sublimatórias para/na individualização, para a instauração do processo de construção da alteridade/diferenciação entre os indivíduos, porque o funcionamento psíquico se apoia em identificações primitivas inconscientes e deixam restos mnêmicos que não são avaliados/peneirados pela consciência (ego/superego). Essa seria uma tentativa dos processos psíquicos de conduzir tais identificações na trilha da verdadeira história relacional do indivíduo. Ao contrário dessas falsas identificações, só pela liberdade de pensar e refletir é que o indivíduo captura, na relação social com os demais, aquelas características/valores em consonância com a sua verdade existencial. Nessas verdadeiras identificações, a individualização não é um processo doloroso, mas sim conflitivo e reparatório. Já, na falsa identificação, não ocorre esse exame consciente e o indivíduo nega a sua interioridade ao imitar/repetir o objeto; ele apenas assimila *escalas de valores estereotipadas*, ou seja, ocorre uma perversão do processo identificatório. No processo de identificação verdadeiro, existe a possibilidade de construção de autonomia, fato que leva à crítica social e à possibilidade de emancipação. Pela indústria cultural, os indivíduos identificam-se mimeticamente com os atores e atrizes e, por meio deles, com todo o sistema social.

Freud (2011a) afirma que a identificação ainda pode surgir de uma internalização, sob sedução, de características vinculares que sustentam relações de dominação e que são impostas sutilmente ao grupo para manter a todos sob controle. Os laços dos indivíduos na massa, segundo Freud (2011a), formam-se justamente com base numa característica comum a todos, que mantém o vínculo de idealização com o tirano.

Adorno (2010), ao analisar o conteúdo das falas e panfleto dos agitadores fascistas norte-americanos, identifica que esse material não se preocupa com tópicos políticos concretos e tangíveis. Eles focam-se em aspectos de nível pessoal, sempre pobres em ideias. O autor (embasado em Freud) conclui que a adesão da população a esses materiais não ocorre de forma consciente (argumentos políticos), mas irracional. Adorno (2010) afirma que os indivíduos estabelecem um vínculo de natureza libidinal com o agitador fascista. Segundo ele, vivemos uma época que, por motivos socioeconômicos, testemunha um novo tipo de padecimento psicológico, que é o declínio do indivíduo, seu enfraquecimento e vontade de se entregar às “agências coletivas e poderosas”, sua cumplicidade com o opressor, que lhe impõe formas de

se expressar alheias àquelas que o vivificariam baseadas no desejo e na relação afetiva com o outro.

Adorno (2010) aponta que o agitador fascista (o tirano na análise freudiana) é idealizado pelos indivíduos. Essa idealização é uma projeção coletiva de si mesmo. Assim, todos “amam” o tirano, que se engrandece com essas reverências. Pelo fato de todos investirem no mesmo objeto, os indivíduos de *per se* sucumbem a uma identificação narcísica destrutiva.

Adorno analisa a forma como o totalitarismo de Estado atua como uma expressão de tendências psicossociais do capitalismo. Já na década de 1950, ele vislumbrou como as sociedades contemporâneas (pelo capitalismo tardio) engendrariam essas tendências dentro da “democracia” ou sistema político dito democrático.

A indústria cultural atua nas subjetividades à semelhança do tirano. Ela gera e estimula a reprodução de ideias totalizadoras e totalizantes, sendo a lógica da mercadoria o núcleo de todas elas. Os indivíduos passam a idealizar as “mercadorias culturais” por ela difundidas e, por isso, se enlaçam na massa. Ser alguém reconhecido e respeitado (visto como um integrante da sociedade) é ser um consumidor, um reproduzidor da indústria cultural.

Por meio dos modelos identificatórios da mídia, o indivíduo assimila a forma heterônima que ele deve ter (falsa identificação). Ele idealiza esses modelos. Assim, todos estão fundidos, e apenas a dimensão destrutiva de seu narcisismo o compele à ilusão de ser maravilhoso como o modelo o é. Isso desperta o desejo de cada vez mais se aproximar das qualidades exibidas por esse modelo, sem jamais ser por ele verdadeiramente reconhecido e acolhido.

Os astros e grandes ícones da “cultura enlatada”, transmitidos pelos meios de comunicação de massa, são mostrados como pessoas comuns. No entanto, eles têm algo que fez com que se diferenciassem da grande massa da população. Esse algo é sempre o mesmo: a prisão obsessiva nos ideais difundidos pela mídia, que eles assimilam como meta de vida. A modelo de passarela passa uma imagem de uma mulher obstinada, que foi pobre, mas que seguiu até o último momento o clichê “*não desista de seus sonhos*”. Com isso, ela se envolve em uma parafernália de *glamour*, em que toda a sua existência consiste em atingir a fama, a qualquer custo, e exibi-la diante de toda a humanidade. A afirmação de que qualquer um pode ser como ela só exige que a pessoa não pense, em especial, não questione os ideais impostos socialmente, que seja sempre obediente e servil.

Ainda é dito para o indivíduo, quando malsucedido em atingir a fama, que ele não foi premiado com a sorte, pois todos têm as mesmas possibilidades. Assim, tudo é mostrado como sendo definido pelo acaso. Mas,

Só uma [pessoa] pode tirar a sorte grande, só um pode se tornar célebre, e mesmo se todos têm a mesma probabilidade, esta é para cada um tão mínima que é melhor riscá-la de vez e regozijar-se com a felicidade do outro, que poderia ser ele próprio e que, no entanto, jamais é [...] (Horkheimer & Adorno, 1985a, p. 136).

É assim que os indivíduos equalizados e subordinados ao prêmio e ao acaso são altamente substituíveis e descartáveis.

As identificações dos indivíduos com tais modelos se processam no âmbito de um simbólico enganoso, no qual a irracionalidade dessa maquinação social se torna facilmente assimilável pelas fantasias inconscientes do sujeito. Os modelos identificatórios impostos socialmente são preparados de forma cuidadosa para se tornarem atraentes (sob *glamour*) e, porque escamoteadas suas dimensões de opressão, servem à imediatez não seletiva do princípio do prazer. Eles portam o signo de uma suposta superioridade social que todos almejam e freneticamente assimilam porque massivamente difundidas pela mídia. Só aí, quando todos estão destituídos de sua identidade particular, um passa a ter sentido e valor para o outro (Aulagnier, 1985). As individualidades tornadas estereotípias são partilháveis entre os sujeitos porque assimiladas falsamente como se fossem próprias a cada um.

O ser humano é o ser do desamparo que necessariamente precisa do outro para se desenvolver (Freud, 2011b). É exatamente nessa necessidade mais primeira que se encontra a brecha para a subordinação e submissão desse humano aos ditames econômico-sociais. Por meio dos processos identificatórios (essenciais à constituição humana), a lógica da mercadoria é interiorizada nos indivíduos. Como consequência, a criatividade, a reflexão e toda a potência de transformação e criação que o ser humano tem são reduzidas a uma mera reproduzibilidade mecânica da vida – ou, como diria Adorno (2008), da *vida lesada*.

A sociedade de consumo exige que cada um e todos os indivíduos sejam servos fiéis de um único senhor, que lhes promete alçarem o mundo dos “prazeres infundáveis”. Seus reais desejos estão em suspensão, seus sentimentos voltados para um único objeto (a mercadoria), e seus

pensamentos estão sob o controle inconsciente da farsa das ideologias consumistas. A felicidade está deslocada da vida de relações entre os homens e se expressa na captura da libido pela mercadoria e na satisfação de ter o vínculo amoroso sexual substituído pelo contentamento de ter dinheiro para tomar o “banho de loja” (Arreguy & Garcia, 2002).

Esse engolfamento ideológico do indivíduo configura-se como uma violência, no entanto, como aponta Guinsberg (1991), uma violência que não se apoia em armas, mas “apela à interiorização de suas premissas, normas, leis e ideias na subjetividade”. Uma violência simbólica, em que a repressão direta ocorre apenas contra o transgressor dessas concepções ideológicas. Diz o autor:

Uma violência que não produz feridas físicas como as da tortura, não elimina pessoas nem as “desaparece”, não reprime manifestações nem atividades opositoras, mas age de uma forma que impede ou dificulta toda a atividade de oposição (total ou parcial) incompatível com um sistema de dominação, mas desde a própria subjetividade dos próprios homens a partir do medo ou da adaptação (preferentemente desta última e, em última instância, do primeiro) (Guinsberg, 1991, p. 7, grifos nossos).

O ser humano passa a familiarizar-se com a violência, torna-se indiferente na relação com os seus iguais. Pior ainda, internaliza essa violência da sociedade e, não podendo usar sua agressividade vital (amálgama com libido) para se proteger dos seus algozes (violência social e mais-repressão social), descarrega contra si próprio toda a hostilidade que, de bom grado, teria usado contra seus inimigos. Fica prostrado na destrutividade, em face da autopunição do “sentimento inconsciente de culpabilidade” (Freud, 2011b). Assim, o indivíduo sente-se como o único responsável por sua infelicidade e seu insucesso social. Ele deve se sentir como um incompetente por não conseguir se enquadrar nos ideais (inatingíveis) da indústria cultural.

Diante de um contexto social diariamente violentador, o indivíduo apenas consegue agredir um igual ou a si mesmo. Banaliza sua dor e ou passa a gozar com ela. Como testemunha Dorfman (2000, p. A-15), no artigo “Novo Chile apostava no esquecimento”:

Fiz o que fazem tantos de meus compatriotas (e de seres humanos em geral) quando confrontados com uma tarefa que lhes parece acima de suas forças: suprimi meus desejos, acomodei minha consciência para suportar a inevitabilidade

do mal, acostumei-me com a sombra do general em nosso meio (Dorfman, 2000, p. A-15, grifos nossos).

A cumplicidade e o sadomasoquismo. Existe alternativa para a cultura?

Na falsa sociedade, o riso atacou – como uma doença – a felicidade, arrastando-a para a indigna totalidade dessa sociedade. Rir-se de alguma coisa é sempre ridicularizar-se (Horkheimer & Adorno, 1985a, p. 132).

O controle da indústria cultural sobre os consumidores sofre mediação da diversão. Contudo a indústria cultural é indústria do entretenimento, cuja finalidade é colocar os homens de acordo com a ordem dominante e, ao mesmo tempo, gerar neles a própria necessidade da diversão: necessidade de consumir a “mercadoria cultural” imposta diariamente. A diversão nada mais é do que produzir a distração para a banalização do pensamento.

Tal diversão, sob o império do capitalismo, é um prolongamento do trabalho. Ela é utilizada para manter o indivíduo em condições de voltar a trabalhar novamente. O indivíduo mal interrompe a atividade laboral e é tragado pela necessidade de entretenimento com mercadorias produzidas pela indústria cultural. Sua consciência sofre novos momentos regressivos, que o mantém preso à opressão imposta pelo sistema produtivo. Essa diversão é enganadora conforme o indivíduo se distancia, cada vez mais, da possibilidade de entender e reagir diante do massacre em que vive. Assim, a diversão pela indústria cultural está sob a mesma lei do processo de trabalho: a lógica da mercadoria. Até o descanso é apenas a falsa ideia de desocupação, que o prepara para o trabalho do dia seguinte (Horkheimer & Adorno, 1985a).

Na televisão e nos filmes comerciais, a lição ensinada pelo protagonista é a de que todos devem se acostumar com as surras, pois, ao fim, tudo valerá a pena. O indivíduo deve renunciar à sua própria vida, uma vez que o que lhe é oferecido (exibido) é “sempre superior”. A indústria cultural, dessa maneira, fundamenta-se numa promessa de satisfação que nunca se realizará, num aguçamento do desejo que leva o indivíduo a pensar que pode fugir de seu cotidiano (dito sem graça). Nessa ilusão, “o prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço [...]” (Horkheimer & Adorno, 1985a, p. 130).

Tudo não passa de uma vitrine. As necessidades geradas e estimuladas pela indústria cultural nunca encontram o objeto de satisfação, justamente para que o indivíduo continue insatisfeito. Dessa forma, ele é fisgado em um jogo em que as falsas necessidades desfilam aos seus olhos como um cardápio que, compulsivamente, não pode parar de ser olhado. Assim, para se enquadrar nos padrões propagados como ideais, ele vive na falta e desenvolve traços peculiarmente masoquistas (Horkheimer & Adorno, 1985a), tornando-se indiferente à insatisfação continuada e ao próprio sofrimento.

Freud (2011b) escreve que a cultura necessariamente gera mal-estar, pois impõe sacrifícios aos indivíduos. Para viver em sociedade, é preciso abrir mão da satisfação continuada dos impulsos libidinais e agressivos e integrá-los em um nível superior das exigências psíquicas. Porém as frustrações propostas pela indústria cultural não promovem no indivíduo o desenvolvimento interno, mas o conduzem ao aumento do consumismo insaciável. A “sublimação” vira justificção e não conduz ao aperfeiçoamento dos indivíduos por meio do trabalho, mas conduz a uma busca de adaptação substitutiva a essa realidade hostil e à relação de desconfiança com os outros homens. As artes também se tornam promíscuas e revelam um caminho, apenas, de consolos ou compensações. No entanto, como analisam Horkheimer e Adorno (1985a, p. 143),

A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários, e não apenas os bárbaros. A cultura industrializada faz algo a mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar uma vida inexorável. O indivíduo deve aproveitar seu fastio universal como uma força instintiva para se abandonar ao poder coletivo de que está enfastiado.

A repressão dos impulsos parece não encontrar caminhos para a verdadeira sublimação, visto que a cultura, convertida em indústria cultural, não possibilita os elementos necessários a ela. Ao contrário, ela utiliza tal repressão para que novamente o indivíduo se submeta, dando adesão a ideologias totalizadoras, negando sua individualidade humana.

Freud (1996b) afirma que, por meio da cultura, em especial da obra de arte, é possível levar a pulsão à simbolização: a sublimação. Nesse processo, a pulsão é direcionada para um objeto não sexual, possibilitando a construção da fantasia sem negar a realidade. Trata-se de um mecanismo libertador, que possibilita o avanço social, por meio da ciência e da arte. No entanto, a indústria cultural impossibilita que se desenvolva a sublimação, uma vez que:

A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto de desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito de renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo (Horkheimer & Adorno, 1985a, p. 131).

Ela estimula o prazer sexual e o aprisiona na imagem transmitida e ainda oferece a mercadoria como promessa de satisfação, propagando: “compre determinado perfume e conseguirá ter uma mulher tão sensual quanto a personagem que se apaixona pelo mocinho, ou use determinado xampu e será tão bela quando a protagonista, que seduz todos os homens”. As pulsões não sublimadas jogam o indivíduo na repetição compulsiva de seu sofrimento.

O ideal na indústria cultural é o indivíduo que aceita sua derrocada e goza de seu próprio sofrimento: o prazer na dor. Esse masoquismo também apresenta um sadismo, visto que:

Em última análise, a elogiada têmpera para a qual se é educado significa pura e simplesmente indiferença à dor. E não se faz tanta distinção assim entre uma e outra. Aquele que é duro contra si mesmo adquire o direito de sê-lo contra os demais e se vinga da dor que não teve a liberdade de demonstrar, que precisou reprimir (Adorno, 1986b, p. 39).

Sob o império da destruição mútua, a alteridade é anulada e a diferença, negada. Esse processo tem como suporte subjetivo o sadomasoquismo, em que o direcionamento da destrutividade é retroativo: ao ser negada a identidade do outro, o si mesmo está sob destruição.

Os indivíduos “[...] transformam-se em algo análogo à matéria bruta e omitem-se como seres autodeterminantes. Isso combina com a disposição de tratar os indivíduos como massa amorfa [...]” (Adorno, 1986b, p. 40). Massificados, padronizados e introduzidos sutilmente num coletivo de subjetividades homogêneas, esses indivíduos tendem a tratar os outros como coisa. Consequentemente, direcionar a destrutividade para uma coisa, um objeto humano destituído de humanidade, é o processo pelo qual o indivíduo tenta, desesperadamente, garantir a sobrevivência de um ego desativado.

A satisfação da necessidade produzida pela indústria cultural funciona sob catarse (Horkheimer & Adorno, 1985a), pois os objetos oferecidos por ela “satisfazem” parcialmente; logo o sujeito precisa estar consumindo

produtos contínua e incessantemente. É nesse contexto que o divertimento é convertido em esforço penoso, seja jogando o indivíduo na identificação com o protagonista surrado (uma sombra fantasmática), seja pelo aguçamento de necessidades que jamais serão completamente atendidas, o que leva o indivíduo a desenvolver traços de caráter masoquista.

O sujeito executa não apenas a repressão do impulso de destrutividade interno, mas, principalmente, a internalização da violência simbólica externa (expressa principalmente pelas ideologias), direcionando ambas para o seu próprio ego, pois é impedido de exteriorizá-las, caracterizando o sentimento de culpabilidade - descrito por Freud (2011b) em *O mal-estar na cultura*. Esse jogo identificatório perverso, em que é o objeto (mercadoria) que está repleto de todas as qualidades, retém a destrutividade como sendo apenas o que resta ao indivíduo, que se acusa e busca continuamente novas punições.

Além disso, para ser incluído, não é preciso que o indivíduo esteja diretamente vinculado ao sistema social, como um trabalhador, um empregado ou consumidor fígado. A própria miséria dele é objeto da indústria cultural. “No liberalismo, o pobre era tido como preguiçoso, hoje ele é radicalmente suspeito. O lugar de quem não é objeto da assistência externa de ninguém é o campo de concentração” (Horkheimer & Adorno, 1985a, p. 141).

A condição de flagelado do indivíduo é, dessa forma, o meio pelo qual se expressa a “solidariedade” entre os homens. A indústria cultural, portanto, chama de solidariedade a “assistência aos flagelados”, um fictício interesse humano. Sob a aparência esplendorosa de um amparo fervoroso se esconde/desvela um cinismo hipócrita administrado pelos senhores guardiães da “felicidade humana”: funcionários do Estado e mídia a serviço dos poderosos.

Assim, o último reduto no qual o indivíduo ainda é considerado como inserido na sociedade, mesmo que perversamente, são essas instâncias assistencialistas. Na condição de ter que ser assistido, o indivíduo está entregue e passa a ser o meio pelo qual a sociedade se afirma bondosa, caridosa e solidária.

Sob esse contexto opressor o indivíduo é esvaziado ou impedido de fazer uso de suas habilidades humanas e, entre elas, a de administrar, para sua própria integração, desenvolvimento e conservação, as suas capacidades de julgar, decidir, discriminar, escolher, amar e se relacionar com a alteridade (de ser, enfim, agente de sua realidade, sujeito da história e de sua própria vida). Será possível sair da cumplicidade desse sadomasoquismo instituído socialmente?

Adorno e Horkheimer (1973b, p. 55) escrevem que “sociedade, que estimulou o desenvolvimento do indivíduo, desenvolve-se agora, ela própria,

afastando de si o indivíduo, a quem destronou. Contudo, o indivíduo desconhece esse mundo, de que intimamente depende, até o julgar coisa sua”.

A cultura da crítica (Adorno, 1986a) e do amparo (Freud, 2011b) só poderá ser construída quando os indivíduos assumirem a condição de construtores dessa cultura, quando entenderem que a sociedade e os bens produzidos por ela são “coisa sua”. Somente assim as atuais condições de existência poderão ser transformadas de forma criativa, humanizada e humanizante.

Referências

Adorno, T. W. (2010). A teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda [on-line]. Recuperado em 24 de setembro de 2010, de <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno23.htm>>. (Trabalho original publicado em 1951.)

Adorno, T. W. (2008). *Minima Moralia: reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Beco Azogue.

Adorno, T. W. (1986a). A crítica cultural e sociedade. In: G. Cohn. (org.). *Theodor W. Adorno: Sociologia*. (pp. 76-91). São Paulo: Ática.

Adorno, T. W. (1986b). Educação após Auschwitz. In: G. Cohn. (org.). *Theodor W. Adorno: Sociologia*. (pp. 33-45). São Paulo: Ática.

Adorno, T. W. (1996a). O fetichismo da música e a regressão da audição. In: *Theodor W. Adorno*. (pp. 65-108, Col. Pensadores). São Paulo: Nova Cultural.

Adorno, T. W. (1996b). Teoria da Semicultura. *Educação e Sociedade*, 56 (10), 388-411.

Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1973a). Cultura e civilização. (pp. 93-104). In: *Temas básicos de Sociologia*. São Paulo: Cultrix, p. 93-104.

Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1973b). Indivíduo. In: *Temas básicos de Sociologia*. (pp. 45-60). São Paulo: Cultrix.

Arreguy, M. E. & Garcia, C. A. (2002). A ausência de ciúme: notas sobre o consumo do amor. *Revista Estudos da Psicanálise [on-line]*, 2002. Recuperado em 14 de março de 2008, de <<http://www.cprs.com.br/viforum>>.

Aulagnier, P. (1985). O estado de alienação. In: Aulagnier, P. *Os destinos do prazer: alienação, amor, paixão*. (pp. 34-46). Rio de Janeiro: Imago.

- Cohn, G (org.). (1986). *Theodor W. Adorno: Sociologia*. São Paulo: Ática.
- Dorfman, A. (2000, 9 de agosto). Novo Chile apostava no esquecimento. *Folha de S.Paulo*, A-15.
- Freud (1996a). O futuro de uma ilusão. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, Trad., Vol. 21, pp. 15-63). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927.)
- Freud (2011a) Psicologia das massas e análise do eu. In: *Psicologia de massas e análise do eu e outros textos* (P. C. de Souza, Trad., pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921.)
- Freud, S (1996b). Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (M. A. M. Rego, Trad., Vol. 11, pp. 67-141). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2011b). O mal-estar na cultura. (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1930.)
- Guinsberg, E. (1991). Medios masivos, salud mental y derechos humanos. *Anais da Conferência Salud, Represión, Política Y Derechos Humanos*, 3 (pp. 7-27). Santiago.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (1985a). A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. (pp. 113-156). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (1985b). O conceito de esclarecimento. In: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. (pp. 19-52). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Maar, W. L. (2001). Da subjetividade deformada à semiformação como sujeito. *Psicologia e Sociedade*, 13 (2), 92-141.
- Marx, K. (1968). *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Texto original publicado em 1867.)
- Marx, K. & Engels, F. (1987). *A ideologia alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec. (Trabalho original publicado em 1847.)

Violência urbana, criminalidade e tráfico de drogas: uma discussão psicanalítica acerca da adolescência

Urban violence, criminality and drug trafficking: a psychoanalytic discussion about adolescence

Violencia urbana, la delincuencia y el tráfico de drogas: una discusión psicoanalítica sobre la adolescência

*Andréa Máris Campos Guerra**

*Camila Alves Noberto Soares***

*Maria do Carmo de Melo Pinheiro****

*Nádia Laguárdia de Lima*****

Resumo

Neste artigo, buscamos discutir a hipótese de que, na ausência do compasso de espera que a adolescência representa, o adolescente atravessado pela criminalidade parece encurtar o tempo de passagem da infância à vida adulta, num curto-circuito que quase suprime a passagem pela elaboração característica da adolescência. Como resposta sintomática, aliena-se ao saber do Outro do tráfico e se identifica com as figuras do crime como resposta às dificuldades que a puberdade lhe apresenta, como experiência de reencontro com o furo estrutural do sexual traumático. Para realizar essa análise, situamos conceitualmente a diferença entre puberdade e adolescência, e entre violência, agressividade e ato agressivo para a psicanálise, tendo como pano de fundo as mudanças quanto à composição do laço social na contemporaneidade.

Palavras-chave: Adolescência, Puberdade, Violência, Criminalidade, Contemporaneidade.

* Doutora em Teoria Psicanalítica com Estudos Aprofundados em Rennes II (França), professora adjunta do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG, membro do GT Dispositivos Clínicos em Saúde Mental da ANPEPP e responsável pelo Diretório de Pesquisa Psilacs (Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo) do CNPq/UFMG. *E-mail:* aguerra@uai.com.br. Endereço: Alameda da Serra, 1374/2301 A - Vila da Serra, Nova Lima-MG. CEP 34000-000.

** Bolsista de apoio técnico na pesquisa citada, psicóloga (PUC Minas). *E-mail:* camila.alves.soares@gmail.com.

*** Mestra em Psicologia pela UFMG, psicóloga (Fumec). *E-mail:* mcmpinheiro@yahoo.com.br.

**** Doutora em Educação (UFMG), psicóloga (UFMG), professora adjunta no Departamento de Psicologia UFMG. *E-mail:* nadia.laguardia@gmail.com.

Abstract

In this article, we discuss the hypothesis that, in the absence of a period of standby that adolescence represents, the lawbreaker adolescent seems to shorten the transition from childhood to adulthood in a kind of short circuit that suppresses the passage of the preparation characteristic of adolescence. As a symptomatic response, they alienate themselves to the knowledge of the Other of the traffic and identify themselves with the figures of the crime as a response to the difficulties that the puberty presents, as a new meeting with the structural hole of sexual trauma. For this analysis, we place the conceptual difference between puberty and adolescence and between violence, aggression and aggressive act in psychoanalysis, with the changes in the composition of the social bond in the contemporary world as background.

Keywords: Adolescence, Puberty, Violence, Criminality, Contemporaneity.

Resumen

En este artículo, se discute la hipótesis de que, en ausencia del tiempo de espera que es la adolescencia, el joven delincuente parece acortar la transición de la niñez a la edad adulta en un cortocircuito que suprime la elaboración característica de la adolescencia. Como respuesta sintomática, ellos se alienan a el saber del Otro del tráfico y se identifican con las cifras de criminalidad en respuesta a las dificultades que presenta la pubertad, mientras la experiencia de la reunión con el agujero estructural del trauma sexual. Para realizar este análisis, se coloca conceptualmente la diferencia entre la pubertad y la adolescencia, y entre la violencia, la agresión y el acto agresivo hacia el psicoanálisis, y los cambios de la composición del vínculo social contemporáneo como fondo.

Palabras claves: Adolescencia, Pubertad, Violencia, Crimen, Contemporaneidad.

Neste artigo, buscamos discutir a hipótese de que, na ausência do compasso de espera que a adolescência representa, o adolescente atravessado pela criminalidade se cola ao saber do Outro do tráfico como resposta às dificuldades que a puberdade lhe apresenta, como experiência de reencontro com o furo estrutural do sexual traumático. Para isso, situamos inicialmente a diferença entre puberdade e adolescência, entendendo o real na puberdade como a irrupção de um órgão marcado pelo discurso na ausência de um saber

sobre o sexo, sobre o que se pode fazer em face do outro sexo. Resta a cada um, então, inventar sua própria resposta. A adolescência, nesse sentido, seria a enumeração de uma série de escolhas sintomáticas em relação ao impossível da puberdade (Stevens, 2004).

Em seguida e a fim de precisar a diferença entre violência e agressividade, destacando seu uso no crime, buscamos em Lacan (1998) seu roteiro, localizando a violência mais articulado à pulsão de morte e a agressividade a seu tratamento. Porém, para além dessas questões conceituais e estruturais, descortina-se, na contemporaneidade, um novo cenário sobre o qual se funda o laço social. Dessa forma, tratamos de circunscrevê-lo a fim de destacar em que medida sua nova composição interfere na relação que adolescentes estabelecem com o crime, em especial com o tráfico.

Esperamos, dessa maneira, evidenciar nossa hipótese de que, contrariamente à constatação de uma ampliação da adolescência na atualidade, no caso dos jovens com quem realizamos nossas pesquisas,¹ parece haver, antes, um curto-circuito entre infância e vida adulta, quase suprimindo o compasso de espera que a experiência da adolescência instala. Dessa maneira, soluções rápidas e instáveis se realizam no cenário do narcotráfico, compondo a sujeição de seus gozos e corpos a uma ordenação alienante ao Outro do crime. Vejamos como isso se processa.

A adolescência na perspectiva psicanalítica

Partimos do pressuposto de que a adolescência não é um termo psicanalítico. Eminentemente sociológico, biológico e psicológico, encontra na contemporaneidade sua mais pungente inscrição e repercussão. Freud fala em puberdade, não em adolescência, referindo-se às transformações que se dão no corpo, afetando o saber até então desenvolvido pela criança para lidar com o próprio corpo e com o mundo.²

Tornou-se comum considerar a adolescência como a fase compreendida entre a infância e a idade adulta, passagem necessária rumo à maturidade. Porém, tal qual a concebemos hoje, a adolescência nem sempre existiu (o que

¹ Trata-se das pesquisas “A construção do laço social de jovens moradores de territórios com alto índice de criminalidade violenta” (Guerra, 2008), financiada pela Fapemig, Edital Universal-2008 e pelo FIP-PUC-CNPq, finalizando-se em novembro de 2009; e “A incidência do pai na subjetividade de jovens envolvidos com a criminalidade” (Guerra, 2010a), financiada pela Fapemig, Edital Universal – 2010 e pela PROPPG/UFMG, finalizando-se em fevereiro de 2012.

² Diferentemente da adolescência também, que implica em um trabalho psíquico de significação imposto pelas mudanças corporais advindas da puberdade, a categoria juventude, por outro lado, é entendida como uma construção social, histórica, política e territorial, que não demanda necessariamente tal movimentação psíquica. Assim, esta última distinção, por se referir a uma análise macropolítica, não será aqui desenvolvida.

faz de sua existência uma construção social). O termo adolescência surge, em sua concepção moderna, entre o final do século XVIII e início do século XIX. Até então, a adolescência era confundida com a infância, e ambas abrangiam a ideia de dependência dos adultos no âmbito econômico, social e cultural (Ariés, 1981).

Além disso, será somente em meados do século XX que o adolescente começará a ser considerado perigoso e violento. Essa dimensão da juventude como problemática é maximizada pela publicação de *Adolescence*, obra do psicólogo americano Stanley Hall (1904, citado por Zeferino, 2009). Esse autor atribuiu a essa faixa etária qualidades antitéticas retomadas de Rousseau (hiperatividade e inércia, sensibilidade social e autocentrismo, intuição aguda e loucura infantil). Funda-se, assim, uma nova miragem social que se associa indelevelmente a essa fase da vida, considerada, na literatura clássica da Psicologia (Aberastury, 1971), uma etapa de “crise” a ser superada, com maiores ou menores avatares.

Freud (1987), como dissemos, utiliza o termo puberdade, descrevendo-a como um segundo tempo da sexualidade. O primeiro ocorreria na infância e retrocederia ou seria detido na latência; enquanto o segundo sobreviria com a puberdade, determinando a configuração definitiva da vida sexual. Também assevera que, com a chegada da puberdade, introduzem-se mudanças que levam a vida sexual infantil à sua configuração definitiva. A pulsão na infância era predominantemente autoerótica e, na puberdade, encontra o objeto sexual. Surge um novo alvo sexual para a conjugação de todas as pulsões parciais: a zona genital, cuja primazia se estabelece então.

Na puberdade, também depararemos com o redespertar do Édipo e com a renovação dos conflitos edipianos e das fantasias incestuosas:

Contemporaneamente à subjugação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e velha gerações (Freud, 1974, p. 213).

E, diferentemente de sua primeira manifestação na infância, o redespertar do Édipo na puberdade tem a marca da interdição. Ele é reativado numa época mais além do recalque com esse novo elemento, que é a genitalidade. O desejo sexual reativa uma interdição, pondo em questão a impossibilidade de uma harmonia entre a pulsão sexual e a corrente terna sobre o mesmo objeto (Cottet, 1996).

Freud (1974), então, observa que o jovem substitui a figura do pai pela do mestre. Ele acrescenta que tudo o que distingue a nova geração (tanto o que é portador de esperança quanto o que choca), tem como condição esse desligamento do pai. A crise em relação ao pai produz, assim, a nova geração. Nesse movimento, a função de interdição edípica e a abertura à possibilidade do exercício do desejo ampliam-se para sua concretização no pacto social (Pellegrino, 1987). Mais adiante, veremos que, na contemporaneidade, o mestre, na figura do capital, engendra novas relações sociais e simbólicas, produzindo consequências sobre a própria experiência da adolescência.

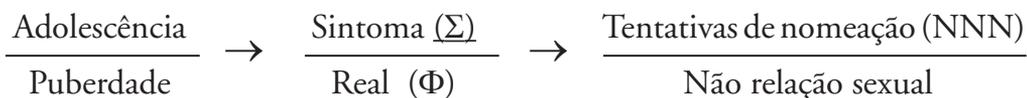
Lacan (2003a), por seu turno, avança na discussão da experiência da adolescência a partir de seu prefácio a “O despertar da Primavera”. Ainda de acordo com Lacan (1975-1976), a subjetividade se constitui a partir do enlaçamento das três dimensões que compõem a realidade psíquica: o simbólico, o imaginário e o real. O registro simbólico designa a relação do ser falante com a estrutura da linguagem (significante); o registro imaginário, a relação do ser falante com a imagem; e o real, com o objeto. O complexo de Édipo seria o elemento que amarraria os três registros. Na puberdade, haveria um desatar desse nó que amarra os três registros da realidade psíquica. Diante da irrupção do real da puberdade, há um despedaçamento da imagem, como uma fratura do espelho, e o simbólico se mostra insuficiente para recobrir o real (Lima, 2009). Daí a importância da fantasia, como exercício psíquico, que favorece a construção de respostas a essa irrupção do real.

Segundo Stevens (2004), o real da puberdade, assim, pode ser articulado a três concepções de real em Lacan:

- 1) um primeiro conceito de real, articulável na disjunção entre a identificação simbólica e imaginária, acentuada pela experiência da adolescência em função do despedaçamento da imagem;
- 2) um segundo conceito de real como aquilo que irrompe, que não tem nome e que vem modificar a imagem, realizando-se no tempo do despertar da puberdade;
- 3) e o real como a não relação sexual, o impossível da estrutura que faz retorno na puberdade.

A adolescência se configuraria, pois, na enumeração de uma série de escolhas sintomáticas em relação a esse impossível, que é o real da puberdade. Com sua chegada, esse ponto de falha se presentifica, seja sob a forma do corpo sexuado e púbere, seja sob a forma do encontro com o Outro sexo, seja sob

a forma da ausência de saber do Outro parental na transmissão significativa de um referente sobre a diferença sexual ou sobre o gozo. Diante dessas impossibilidades que dão forma à falta real na puberdade, a adolescência se apresenta como a forma sintomática de resposta encontrada pelo púbere, na tentativa de nomear, enlaçar esse ponto de obscuridade (Stevens, 2004).



Lacan localiza, num certo uso do pai como semblante, o nome dessas tentativas de solução do púbere, que dão forma às suas possibilidades de articulação e composição de presença no laço social. Nessa introdução a “O despertar da primavera”, Lacan (2003a) nos ensina que o real do pai será o substrato com base no qual o púbere reconstituirá o nome próprio, conferindo novo corpo à sua imagem despedaçada. Afirma acerca do pai, na qualidade de semblante na adolescência, que

o pai tem tantos e tantos [nomes] que não há um que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome. Não há Nome que seja seu Nome-Próprio, a não ser o Nome como ex-sistência. Ou seja, o semblante por excelência (Lacan, 2003a, p. 559).

Em outras palavras, o indizível que o pai porta, como seu gozo, seu pecado, será o elemento estrutural do qual o adolescente fará um uso que lhe convenha. Trata-se do uso da dimensão real que dá suporte à função paterna.

Na adolescência, estabelecer-se-á o nome próprio para além do Nome-do-Pai, contando com ele, mas para além da instalação da metáfora paterna. O reencontro com a falta de significante no campo do Outro³ convoca o pai a partir do ponto sobre o qual ele não legisla. Donde o sujeito precisar inventar uma nova nomeação, uma nova e mais definitiva inscrição no laço social a partir do Nome-do-Pai, sim, mas na forma de nomeação do gozo (entre simbólico e imaginário) (Guerra, 2010b).

Ora, o que nos interroga é justamente por que alguns adolescentes, na contemporaneidade, compõem essa nova inscrição no laço social com base na violência e ou na criminalidade. Assim, antes de desenvolvermos nossa hipótese, discutiremos como a psicanálise aborda a violência e a agressividade, diferindo os dois fenômenos.

³ Esse ponto de falta é denominado por Lacan de S de A barrado e corresponde ao ponto de falha estrutural da linguagem, operado sob a forma de um não saber na puberdade.

Sobre violência, agressividade e ato agressivo

Sabemos que o ato agressivo pode ser uma via sintomática encontrada pelo adolescente para lidar com o real da puberdade, respondendo aos embaraços que encontra com o sexual (Guerra & Pinheiro, 2011). Como “ato existencial ligado a uma relação imaginária” (Lacan, 1986a, p. 205), o ato agressivo estiraria, ao limite, a “agressividade originária presente no ato de desvencilhamento do Outro, característico da alienação primordial do sujeito à linguagem” (Lacan, 1986a, p. 198). O ato agressivo seria, portanto, uma exacerbação da agressividade estrutural que compõe a relação original do sujeito falante na relação com a alteridade.

Para Lacan (1998), a violência, por outro lado, é mais intimidação do que fato. Ela estaria associada, desde Freud (1976a; 1976b), à pulsão de morte, ao que não faz vínculo com a linguagem, ao que excede o corpo e a capacidade de representação do aparelho psíquico, e não à agressividade dirigida a alguém. Daí a compulsão à repetição como seu correlato, conforme o sujeito revive situações que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca trouxeram satisfação, “algo que parece mais primitivo, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer” (Freud, 1976a, p. 37).

Ora, o que decidia o propósito da vida, para Freud (1976b, p. 94) e seu tempo, era o programa do princípio do prazer, que se encontrava, em geral, em desacordo com a civilização e suas regras, dadas suas exigências para garantir o pacto social. Entre a liberdade e a felicidade individuais e as exigências da civilização, formava-se um pacto que restringia a ação e a satisfação do homem. A “frustração cultural” (Freud, 1976b, p. 118) nesse cenário seria a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações teriam de lutar. Para a psicanálise, portanto, a violência implica a dimensão pulsional não tratada pela linguagem, estando articulada à noção de pulsão de morte freudiana.

E Lacan elucida essa diferença entre agressividade e violência ao associar a violência à pulsão de morte e a agressividade à relação especular constitutiva do eu. Quando Freud (1976a, p. 69) propõe a dualidade pulsional entre pulsão de vida e pulsão de morte, aloca à pulsão de vida a dimensão do que renova a vida, operando de maneira construtiva ou assimilatória, enquanto a pulsão de morte seria destrutiva ou dissimilatória. Por isso o aparelho psíquico tende à repetição: ele visa a encontrar uma tradução, uma vinculação para esse excesso.

Por isso também, podemos pensar com Lacan, a violência falará desse intratável, enquanto a agressividade não. A agressividade seria a força necessária para que o sujeito, inscrito seu desejo como desejo do Outro, possa desse Outro se desvencilhar.

Na origem, antes da linguagem, o desejo só existe no plano da relação imaginária do estado especular, projetado, alienado no outro. A tensão que ele provoca é então desprovida de saída. Quer dizer não tem outra saída, [...] senão a destruição do outro (Lacan, 1986a, p. 197-198).

A agressividade originária, assim, seria um primeiro tratamento à pulsão de morte, ao real pulsional. Manifestar-se-ia como tentativa de diferenciação em relação ao outro. Se a entrada da ordem simbólica é bem-sucedida, esse tratamento se dá pela via da palavra. Se a palavra não é suficiente para tratar esse excesso, o ato agressivo surge no lugar da palavra que não advém. Prescindindo da palavra, portanto, a agressividade pode se presentificar em ato, quando ao sujeito não restam outros recursos ou desvios. Assim, violência, agressividade e ato agressivo são três fenômenos diferentes que exigem dispêndios também diversos de energia psíquica junto às ações civilizatórias e a seu risco de desintegração.

Diante dessa formulação, podemos nos perguntar o que se passa com os adolescentes em conflito com a lei, cuja presença no laço social se manifesta, muitas vezes, pela violência engendrada pela presença e participação na criminalidade. Em especial, os jovens envolvidos com o tráfico de drogas nos trazem uma relação com a violência, normatizada pelas regras que compõem a lida com o “movimento” (tráfico), praticamente institucionalizando-a como sistema de vida. “*Não dá para conversar? A conversa dá. É tatatatata até não aguentar*” (Guerra, 2011, p. 243).⁴ O que podemos dizer sobre isso? Tentemos entender a lógica do laço social na contemporaneidade para conseguirmos caminhar um pouco mais.

Sobre o laço social na contemporaneidade

Em seu texto “Pacto edípico e pacto social”, Pellegrino (1987) propõe, com base no texto freudiano, uma tese original sobre o laço social, assentada na hipótese de que há uma correlação entre a queda do pacto edípico e a quebra do pacto social. Segundo Lacan (1995), é pelo consentimento com a interdição que decorre a potência ordeira das pulsões. Originalmente estamos imersos no caos pulsional que a língua materna corporifica. Sobre a língua materna, deita-se a linguagem, estruturada a partir do Édipo, como forma de civilizar o que ali se faz possível partilhar na composição do laço com a alteridade. Assim, a criança que internaliza a interdição de gozar do corpo da mãe, submetendo-

⁴ Trecho extraído de conversação realizada na pesquisa “A incidência do pai na subjetividade de jovens envolvidos com a criminalidade” (GUERRA, 2011), financiada pela Fapemig e PROPPG/UFMG.

se ao “não do pai” e renunciando à onipotência do seu desejo para adequar-se às exigências do princípio de realidade, cumpre o acordo que a tornará parte da sociedade humana. A submissão à lei é estruturante conforme organiza o sujeito diante da renúncia ao gozo e o insere na lógica simbólica da castração, integrando-o no circuito de desejo e de intercâmbio social.

Ao mesmo tempo em que o incesto é proibido, abre-se a possibilidade para outras escolhas. O pacto edípiano tem, portanto, mão dupla: a criança perde por um lado, mas ganha por outro. Em troca da renúncia que lhe é imposta, e mesmo exigida, tem o direito de receber nome, filiação, lugar na estrutura de parentesco, acesso à ordem simbólica, enfim, o que se faz necessário para se inserir e participar da cultura. Assim, segundo Pellegrino (1987), o pacto edípico garante e sustenta o pacto social, mas este, por retroação, confirma e afirma o primeiro.

Se esses valores são desrespeitados, a consolidação social é injusta. Para Pellegrino (1987), quando, no pacto social, a sociedade não provê as condições materiais mínimas para presença e participação na vida pública, teríamos uma via de mão única. O pacto teria, nesse caso, mão única, podendo romper-se, o que implicaria graves consequências para o arranjo civilizatório. Atos agressivos poderiam advir dessa ruptura. Zenoni (2007), apoiado em Lacan, fala de uma reação de impostura e traição em referência à lei, quando o pai não se interpõe entre mãe e filho ou quando a mãe não divide seu desejo entre o filho e o pai.

Cabe aqui, entretanto, uma ressalva, porque sabemos que nem toda violência é partidária de uma ruptura ou de um deslocamento do significante Nome-do-Pai, já que existem violências reguladas pela lei. À quebra do pacto, um sujeito pode responder sem nenhuma ruptura em seu mundo interno. Pode, pelo contrário, agir totalmente determinado pelos significantes da civilização, regidos pelo Nome-do-Pai, buscando ou restaurar o pacto ou retribuir a violência sofrida. Há uma violência necessária ao estabelecimento e à manutenção da lei e que, portanto, trabalha para a manutenção do pacto social e não somente em sua ruptura.

Nesse sentido, entendemos que Pellegrino nos traz uma leitura interessante, mas há de se ter cuidado com o termo ruptura proposto por ele, pois uma ruptura de fato levaria à instalação e ao desencadeamento de uma psicose, o que não parece ser o caso. Talvez possamos dizer que o significante paterno, o Nome-do-Pai, está lá, só que não opera da mesma maneira. Assim, não se trata da perda ou ruptura do marco estrutural que condiciona a entrada do sujeito na linguagem, tal como Lacan (1985) apresenta em “O seminário,

livro 3”, ao falar da psicose, ou seja, da posição que o sujeito ocupa frente à castração. Mas, sim, de uma quebra nas condições simbólicas que agenciam o pacto social.

Assim, no contexto contemporâneo, sobretudo para os jovens, o pacto social se mostra cada vez mais inconsistente. O discurso que vigora parece não mais veicular e fazer valer os interditos fundamentais que fundam o laço social, já que as referências culturais não se sustentam como ideais, estão aquém, ou mesmo além, da aliança com o pai simbólico. Assim, diante das rupturas que o pacto nos aponta, somos instigados a pensar quais seriam os elementos que estariam norteados as condutas dos jovens. E o que vemos na atualidade, sem grande esforço, são as leis do mercado ocupando, ou mesmo usurpando, o lugar antes reservado à lei do pai. O capital se tornou o grande mestre contemporâneo, segundo Lacan (2003b). Consequentemente, em uma de suas facetas, o interdito é substituído por seu oposto: a transgressão, a superação dos limites, a permissividade, a exigência de felicidade, a ilusão de usufruto do objeto.

Diferentemente do contexto freudiano, vivemos sob a égide do excesso, do consumismo, do desfrute, do deleite a qualquer preço. Na falta da segurança coletiva, pactuamos com a satisfação individual (Bauman, 1998). Ligado à busca do prazer imediato e incessante, o supereu se coloca como uma palavra de ordem, para além do prazer, exigindo a satisfação obtida por meio da fruição da pulsão de morte. Precisamos considerar que, se em Freud, a culpabilização do gozo aparece como resultado da ação do supereu, isso hoje não é mais sustentável como um universal. Os processos de socialização contemporâneos alteraram-se.

Nessa perspectiva, Zizek (2003, p. 5) propõe que

não estamos mais diante da velha situação psicanalítica descrita por Freud por meio da ideia do supereu. Situação que articulava civilização e repressão, ao insistir que não podemos gozar porque internalizamos proibições sexuais e uma autoridade paterna que culpabiliza o prazer sexual.

Na contemporaneidade, não se trata mais do recalque das monções pulsionais, mas do gozo como uma obrigação, cabendo a cada um encontrar seu modo de fruição. Isso nos instiga a procurar entender que tipo de pacto social estaria vigorando hoje, diante do que propôs Pellegrino (1987).

Entendemos que esse pacto se funda agora em outras bases, alicerçado pela lógica do consumo e do imperativo do gozo, estando o sujeito refém de um supereu tirânico e gozador, sendo tais mudanças decorrentes da

nova configuração político-social da contemporaneidade. Saflate (2010, p. 5) observa que “ao invés da sociedade de produção, devemos compreender a contemporaneidade e seus traços a partir da temática da sociedade de consumo”. A mudança de paradigma da sociedade industrial da produção para a sociedade pós-industrial do consumo traz consequências, sobretudo pelo fato de que os modos de alienação necessários para entrarmos no mundo do trabalho não são inteiramente simétricos aos modos de alienação presentes no mundo do consumo. Enquanto o mundo capitalista do trabalho é sustentado pela ética do ascetismo e da acumulação, o mundo capitalista do consumo se rende à *ética do direito ao gozo*, já que precisa da *procura ao gozo*, para provocar a incessante produção das possibilidades de escolha no universo do consumo.

Incessante e inadiável, tomado como imperativo na contemporaneidade, o gozo, infinito e mortífero do qual o sujeito se vê refém, pode incitar o sujeito a atos agressivos contra si mesmo e ou contra o outro. Esses atos podem ser pensados como tentativas de se esvaziar desse excesso, predominantemente pelo viés imaginário na relação com a alteridade. Daí a possibilidade de se considerarem tais atos como soluções sintomáticas na adolescência, conforme evidenciam e denunciam novas configurações de laço social. Como, enfim, podemos então articular adolescência, violência e criminalidade nesse enquadre contemporâneo?

Adolescência e criminalidade: ausência do compasso da espera

Assim, apoiadas na hipótese de Lima (2009), propomos que, no caso dos jovens atravessados pela experiência com o tráfico de drogas, há uma redução ou mesmo uma supressão do compasso de espera, cuja moratória social favorece a elaboração da puberdade, quando o sujeito é convocado a se decidir com relação às suas escolhas. É exigido dele uma posição sexuada, que envolve o enfrentamento de seu destino. Nesse momento, antes do “despertar da primavera”, ele recorre às fantasias como forma de compor uma resposta à falha estrutural de saber sobre o real sexual que se reapresenta na puberdade, como vimos.

Ao questionar o desejo do Outro, o sujeito constrói uma fantasia que, se por um lado, envolve um recobrimento da castração, por outro, envolve uma construção própria, que o leva à separação da posição de objeto da fantasia materna. Ao construir uma resposta fantasmática ao enigmático desejo do Outro, o sujeito tece o seu destino. Barros (1996) ressalta a dimensão paradoxal da fantasia: ela só é possível a partir da separação, ao mesmo tempo em que tenta encobrir o que provocou a separação, ou seja, o que se revelou como

opaco no próprio gozo do sujeito e no desejo do Outro. Na adolescência, há a possibilidade de um encontro que rompe a continuidade edipiana, pois o sujeito, ao se confrontar com aquilo que escapa à determinação significativa, ou seja, seu próprio gozo desconhecido, pode se responsabilizar por essa nova forma de gozar.

Revelou-se, pois, no discurso dos jovens, uma precocidade com relação à entrada na vida adulta. Ao contrário do que comumente se observa na dilatação da adolescência na contemporaneidade, podemos dizer que os jovens com quem conversamos passam pela puberdade, mas não pela adolescência (Lima, 2009). O termo puberdade designa um acontecimento no corpo que tem o efeito de um trauma, no sentido de um confronto com algo novo que escapa à significação, pois “não existem palavras” para dizer desse encontro com o real do sexo. Assim, a puberdade é um fenômeno universal. O termo adolescência, como vimos, é uma invenção social. Segundo Calligaris (2000), o termo não apresenta uma definição clara, e essa indefinição acaba por instaurar nessa fase da vida uma moratória forçada, pois não se sabe exatamente o que esperar do jovem para que ele possa exercer seus papéis na sociedade.

Na nossa cultura, não existem rituais de passagem que marquem a saída da infância e a entrada na fase adulta. Assim, a adolescência é considerada por Calligaris (2000) como um período intermediário entre a infância e a fase adulta, um período de moratória, no qual o jovem adia a sua inserção na cultura, “preparando-se” para ela. Apesar de apresentar todas as condições para o exercício da vida sexual, profissional e afetiva, a sociedade não permite que ele exerça esses papéis. A fase da adolescência é, pois, marcada por um “não lugar”, um intervalo, um período de espera para a entrada no mundo social. Se esse período de moratória imposto pela sociedade pode dificultar a inserção social do jovem, sabemos que um intervalo entre o despertar do real da puberdade e a assunção de uma posição sexuada se faz necessário.

No discurso dos jovens, a adolescência como “moratória” parece não existir. No despertar da puberdade, quando a sexualidade “faz furo no real”, esses jovens passam a ter acesso fácil à vida sexual, ao crime e às drogas, que “oferecem” uma solução rápida e eficaz para o encobrimento da falta estrutural, desvelada nesse momento. Logo, ao entrar na puberdade, quando a escolha de uma posição sexuada ainda não está bem definida, muitos desses jovens já se tornam pais, passam a viver com uma companheira, assumem a vida financeira da família de origem, como “homem” da casa, e, por vezes, instalam-se no crime. As exigências impostas pelas condições de vida desses jovens forçam uma urgência de resposta do sujeito. Essa rápida ascensão à condição de adulto não permite, portanto, a vivência da “adolescência”, no sentido de um

tempo de moratória, como tempo necessário para a construção de fantasias, que levam ao adiamento de uma resposta imediatista e à escolha sustentada pelo desejo.

Ao se deparar com o que faz furo no saber, o sujeito adolescente precisa construir um saber sobre si que possibilite alojar o seu gozo e sustentar seu desejo. Para isso, é necessário um “compasso de espera”, certa moratória, que permita ao sujeito construir uma resposta sintomática, fazer um arranjo particular com o qual ele organizará sua existência, sua relação com o mundo e com o gozo.

Assim, diante da falha de saber no real, que se presentifica para todos, a trajetória de alguns jovens parece conduzi-los a estratégias de inscrição (e não de segregação) no laço social pela via do crime. Nesse sentido, diante de fenômenos característicos da puberdade (como o esfacelamento da imagem, a impossibilidade simbólica de dizer das mudanças físicas e afetivas e do real que irrompe com o encontro com a sexualidade - ou castração), o saber do crime poderia ser pensado como um Outro que garante uma resposta e uma inscrição no laço social. E, conforme inclua atos agressivos sua composição, pode ainda se configurar em uma via suplementar de escoamento pulsional. Pressupomos, pois, que o jovem, na busca de afirmação de si, tempo da reafirmação de posições e escolhas, endereça-se a um Outro do saber (mundo do crime) e produz um saber possível a partir daí sobre si mesmo (complementarmente podendo fazer desse arranjo uma solução para o excedente pulsional que o atravessa). O Outro do crime prometeria resposta ao furo da estrutura, pois ofereceria um sistema normativo e regulador, ainda que não dialetizável, que funcionaria como contorno ao real pulsional em jogo na puberdade.

O laço grupal que se estende a partir daí parece se sustentar pela identificação. Opera, assim, como efeito da identificação com o líder, no nível do ideal do eu, e efeito da identificação egoica, entre os eus de seus membros, compondo um arranjo no qual os jovens buscam ficar “intrujados” com o padrão (como ideal a ser alcançado) e “colados com” os colegas (como efeito da identificação imaginária).⁵ No eixo imaginário, encontram-se sujeitos que se veem como reflexos especulares uns dos outros, o que transparece na maneira de usar as gírias-código do tráfico e as roupas “pichadas” que os identificam aos traficantes. Por outro lado, essa especularização também constrange o sujeito a um sem-espço para si, que

⁵ Expressões encontradas nas entrevistas realizadas na pesquisa “O laço social entre jovens moradores de territórios com alto índice de criminalidade violenta” (GUERRA, 2009), financiada pela Fapemig e pelo FIP/PUC Minas.

pode culminar na desconfiança e na agressividade. Verifica-se, assim, uma instabilidade e, ao mesmo tempo, uma rigidez, na manutenção dos laços, que é acirrada pela liquidez das relações contemporâneas (Guerra *et al.*, 2009).

Ao contrário da regulação por um pai morto, simbolizado pelo totem e pelo tabu que garantem as regras de boa convivência, deparamo-nos, de um lado, com um exacerbamento do poder totêmico de um pai vivo e gozador, figurado no líder do tráfico. Este é idealizado e temido pelo horror que provoca e pela lei caprichosa e unilateral que funda e mantém pela violência. E, por outro lado, observamos o deslocamento do tabu para “as leis do tráfico” que garantem, diferentemente do mito da horda primeva, o gozo privado de cada um na medida de sua inserção na hierarquia do crime. É o pai vivo quem garante o banquete totêmico, regado a drogas e armamento pesado na devoração dos corpos. A vida, nessa lógica, é garantida pela contramorte do outro: “ou você mata ou você morre, não tem saída”.

Conclusão

Parece que se insinuam um tempo e uma geopolítica em que colidem diferentes fatores, multifacetando a subjetivação do jovem “atravessado” pela criminalidade violenta. Longe de um campo farto de escolhas, parecemos que a resposta do crime nasce sem conferir intervalo para que alguma dúvida se instale e produza uma resposta pelo qual o adolescente consiga se responsabilizar, decidir de fato. Além disso, atravessado pelo corpo adolescente e pela urgência de satisfação, o jovem parece não considerar esses intervalos simbólicos e, antes, atuar na imediatez do cotidiano da sobrevivência. Desde que inserido na trama imaginária do Outro do tráfico, parece não contar mais como sujeito que se apropria de suas próprias experiências, mas se apresenta como corpo-objeto que se lança na manutenção desse “sistema”. Nesse sentido, não difere do corpo-produção acerca do qual Marx (1983) advertia em sua discussão sobre a alienação do trabalhador (salvo por se anestesiar com adições diversas, cultivar o prestígio comunitário que ganham e atuarem ininterruptamente com seus corpos-escudos expostos diariamente à morte). Elementos contemporâneos da organização do narcotráfico por influência do capital globalizado. Difícil, nessa gestão dos corpos pelo risco, encontrar “a fórmula e o lugar” (Lacadée, 2011) para uma nova composição do laço social.

Apostar numa ação de reescrita do gozo do adolescente, implica, então, num caminho duplo. De um lado, percurso que o implique em sua resposta

ao não saber-fazer com o real sexual do corpo púbere e, por outro, que implique a civilização diante dos recursos que dispõe para remendar sua trama simbólica enfraquecida. A aposta consiste em fazer com que o sujeito não se extravie do seu desejo, mas possa escrever, como resposta, um novo modo de lidar com ele.

Referências

- Aberastury, A. (1971). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ariés, P. (1981). *História social da criança e da família* (Dora Flaksman, Trad.). (2ª ed.). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Barros, M. R. C. R. (1996). Adolescência: quê despertar? *In: H. C. Ribeiro & V. Pollo (orgs.). Adolescência: o despertar. Revista Kalimeros.* (pp. 69-80). Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Cottet, S. (1996). Estrutura e romance familiar na adolescência. *In: H. C. Ribeiro & V. Pollo (orgs.). Adolescência: o despertar. Revista Kalimeros* (pp. 07-20). Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Freud, S. (1987). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: transformações da puberdade. *In: Um caso de histeria e três ensaios sobre a sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB).* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 196-217). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905.)
- Freud, S. (1974). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. *In: Totem e tabu e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB).* (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 281-288). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914.)
- Freud, S. (1976a). Além do princípio do prazer. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB).* (J. Salomão, trad.,

Vol. 18, pp. 17-89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920.)

Freud, S. (1976b). O mal-estar na civilização. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*. (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 81-177). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929].)

Guerra, A. M. C. (2008). *A construção do laço social de jovens moradores de territórios com alto índice de criminalidade violenta*. Projeto de Pesquisa, Fapemig/FIP-PUC Minas/Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Guerra, A. *et al.* (2009). O desafio do trabalho com jovens envolvidos com a criminalidade: oficinas comunitárias como estratégia inovadora na Justiça Social. *Cartas de Psicanálise, CEPP-Vale do Aço/Unipac*, a. 4, 2 (6), 200-209.

Guerra, A. M. C. (2010a). *A incidência da figura paterna na subjetividade de jovens envolvidos com a criminalidade*. Projeto de Pesquisa, Universidade Federal de Minas Gerais/Fapemig, Belo Horizonte.

Guerra, A. M. C. (2010b). A psicanálise e o jovem envolvido com a criminalidade: considerações sobre o laço e o semblante no uso do pai. *In: C. T. Heleno & S. M. Ribeiro, Criança e adolescente: sujeitos de direitos*. (pp. 135-153). Belo Horizonte: Conselho Regional de Psicologia.

Guerra, A. M. C. (2011). Crítica de uma morte anunciada. *In: C. Garcia (org.). Interfaces*. (pp. 239-251). Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa.

Guerra, A. M. C. & Pinheiro, M. C. M. (2011). A escrita da violência na adolescência. *In: Anais, 6 Congresso Nacional de Psicanálise da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza: UFC.

Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições: a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. *In: Escritos*. (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1948.)

Lacan, J. (1986a). *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1953-1954.)

Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1955-1956.)

Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Lições originalmente pronunciadas em 1956-1957.)

Lacan, J. (2003a). Prefácio a “O despertar da primavera”. In: *Outros Escritos*. (pp. 557-559). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1974.)

Lacan, J. (2003b). Televisão. In: *Outros escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Entrevista transmitida pela Radiodiffusion-Télévision Française (RTF), em 9 e 16 de março de 1974.)

Lacan, J. (1975-1976). *Livre XXII, RSI. Ornicaire?*, nº. 02-05. Paris: ECF. (Lições originalmente pronunciadas em 1974-1975)

Lima, N. L. (2009). *A escrita virtual na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Marx, K. (1983). *O Capital: crítica da economia política*. (R. Barbosa & F. R. Kothe, trad.). São Paulo: Abril Cultural.

Pellegrino, H. (1987). Pacto Edípico e Pacto Social. In: L. A. Py (org.). *Grupo sob grupo*. (pp. 195-205). Rio de Janeiro: Rocco.

Saflate, W. (2010). *O moderno e o contemporâneo*. Recuperado em 25 de outubro de 2010, de <http://geocities.com/wladimirsafate/vladi073.htm>.

Stevens, A. (2004). Adolescência, sintoma da puberdade. *Clínica do contemporâneo. Revista Curinga. Escola Brasileira de Psicanálise-Seção Minas*, 20, 27-39.

Zeferino, C. F. O. (2009). *Fica vivo!: uma resposta civilizatória*. Trabalho de Conclusão de Curso, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Betim.

Zenoni, A. (2007). Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. *Psicologia em Revista. PUC Minas Gerais*, 13 (1), 15-26.

Zizek, S. (2003). O hedonismo envergonhado [Caderno Mais!]. *Jornal Folha de São Paulo*. Recuperado em 12 de novembro de 2012 de <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200303.htm>.

Uso de drogas e sofrimento psíquico numa universidade do Sul do Brasil

Substances use and minor psychiatric disorders in a university in the South of Brazil

Uso de drogas y sufrimiento en una universidad en el sur de Brasil

*Rogério Lessa Horta**

*Bernardo Lessa Horta***

*Cristina Lessa Horta****

Resumo

Este estudo examina a relação entre consumo de substâncias psicoativas (SPA) e ocorrência de distúrbios psiquiátricos menores (DPM) numa universidade do Sul do Brasil. Participaram 657 sujeitos que preencheram um questionário padronizado, anônimo e autoaplicado, com as questões do *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20) e referência a uso de SPA até 30 dias antes da entrevista. Tabaco (13,6%) e bebidas alcoólicas (75,5%) foram as SPA mais referidas. DPM ocorreu significativamente mais entre estudantes (26,6%) que entre professores (9,5%) ou funcionários (19,5%) ($p < 0,001$). O consumo mostrou-se associado à ocorrência de DPM, com menor força na análise ajustada para sexo, idade e vínculo institucional ($p = 0,08$), permanecendo estatisticamente significativa para o grupo de usuários de benzodiazepinas ($p < 0,001$). Esses dados suportam outros estudos que apontam a associação entre transtornos mentais e uso de SPA, principalmente para usuários de benzodiazepinas, reforçando a necessidade de ações e políticas institucionais de atenção psicológica, especialmente voltadas para estudantes.

Palavras-chave: Saúde mental, Drogas, Álcool, Sofrimento psíquico, Política de saúde.

Abstract

This paper was aimed to assess the relationship between the consumption of psychoactive substances (PAS) and the occurrence of minor psychiatric disorders (MPD) among students, teachers and staff in a private university in southern Brazil. 657 subjects participated by answering a standardized,

* Doutor em Psicologia Social, médico psiquiatra, professor e pesquisador da Unisinos - Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. *E-mail:* rogeriohorta@prontamente.com.br.

** Doutor em Epidemiologia, médico epidemiologista, professor e pesquisador da UFPel. *E-mail:* blhorta@uol.com.br.

*** Mestra em Saúde e Comportamento, psicóloga clínica da Prontamente Clínica de Psiquiatria e Psicoterapia. *E-mail:* clhorta@prontamente.com.br.

anonymous and self-responding questionnaire, including the issues of 'Self-Reporting Questionnaire' and reported use of substances in a period prior to 30 days before the interview. Consumption of alcohol (75.5%) and tobacco (13.6%) were the most cited by respondents. DPM was significantly higher among students (26.6%) than among teachers (9.5%) or staff (19.5%) ($p < 0.001$). Substances use appeared associated with the occurrence of MPD, but less significantly when adjusted for sex, age and institutional affiliation ($p = 0,08$). The association remained always statistically significant only for benzodiazepines ($p < 0,001$). This data supports other studies indicating the occurrence of an association between mental disorders and the use of substances, especially for users of benzodiazepines. This data reinforces the need for institutional policies and actions of psychological attention, first of all directed at the students.

Keywords: Mental health, Psychoactive drugs, Alcohol consumption, Health policy, Mental suffering.

Resumen

Este estudio examina la relación entre el consumo de sustancias psicoactivas (SPA) y la aparición de trastornos psiquiátricos menores (DPM) en una universidad en el sur de Brasil. Participaron 657 pacientes que contestaron un cuestionario estandarizado, anónimo y auto-aplicado con las preguntas del *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20) y referencia al uso de SPA hasta 30 días antes de la entrevista. El tabaco (13,6%) y las bebidas alcohólicas (75,5%) fueron los SPA más mencionados. DPM fue significativamente mayor entre los estudiantes (26,6%) que entre los profesores (9,5%) o los empleados (19,5%) ($p < 0,001$). El consumo se asocia con la aparición de DPM, con menos fuerza en el análisis ajustado por sexo, edad, y la afiliación institucional ($p = 0,08$) y permaneció estadísticamente significativa para el grupo de usuarios de las benzodiazepinas ($p < 0,001$). Estos datos apoyan otros estudios que muestran la asociación entre los trastornos mentales y el consumo de SPA, especialmente para los usuarios de las benzodiazepinas, lo que refuerza la necesidad de acciones y políticas institucionales de cuidado psicológico, especialmente dirigidas a los estudiantes.

Palabras clave: Salud Mental, Drogas, Alcohol, Trastornos psíquico, Política de salud.

Introdução

O uso de substâncias psicoativas (SPA) é uma prática humana de ocorrência milenar, comum a todos os povos e corriqueiro nas sociedades contemporâneas (Horta, 2003). A partir da década de 1960, houve uma

explosão de consumo de SPA, hoje mais estável, mas ainda com tendência à expansão (Carlini *et al.*, 2006; Galduróz, Noto, Nappo & Carlini, 2005).

O aumento do risco de ocorrência de danos à saúde acompanha o crescimento dos indicadores de consumo, o que transformou esse hábito numa preocupação mundial em saúde pública (Chavez, O'Brien & Pillon, 2005; Tavares, Beria & Lima, 2001).

Entre os danos à saúde humana, estão os agravos psíquicos, manifestos usualmente na forma de ansiedade, descontrole dos impulsos, depressão, queixas comportamentais (insônia e alterações na alimentação) ou sintomas psicóticos. Reversamente, a possibilidade de alívio do sofrimento psíquico preexistente ao consumo tem sido descrita como um dos fatores que aumentam a adesão das pessoas às substâncias. O alívio obtido com o consumo também tem sido relacionado como fator determinante da manutenção do uso e do desenvolvimento de dependência química (Brook, Pahl & Rubenstone, 2008; Hall & Prochaska, 2009).

Entre as inúmeras formas possíveis de se abordar o fenômeno do sofrimento psíquico em populações, o conceito de “distúrbio psiquiátrico menor” (DPM) é empregado para caracterizar conjuntos de manifestações de mal-estar psíquico, de caráter inespecífico, com repercussões fisiológicas e psicológicas que podem gerar limitações (Mari & Willians, 1986). Esse conceito é útil por permitir a identificação de sujeitos com níveis de sofrimento psíquico significativo e com maior probabilidade de desenvolvimento de algum dos transtornos mentais conhecidos, antes ou de modo independente da instalação de episódios críticos de transtornos mentais graves ou persistentes.

Na tentativa de melhor compreender para melhor prevenir os prejuízos ligados às drogas, a relação entre o uso de SPA e a ocorrência de DPM tem sido estudada (Costa, Silveira, Gazalle, Oliveira, Hallal *et al.*, 2004; Meloni & Laranjeira, 2004). Adolescentes, escolares e membros de comunidades universitárias estão entre os grupos populacionais indicados para abordagens específicas e estudos seletivamente direcionados (Kerr-Corrêa, Andrade, Bassit & Boccutto, 1999). Entre estudantes, por exemplo, o uso pesado de álcool tem aparecido associado ao envolvimento em acidentes e brigas, a problemas no desempenho acadêmico e a relações sexuais com maior número de parceiros, sem uso de preservativo e resultando em doenças sexualmente transmissíveis. Estudantes universitários aumentam o uso de drogas ilícitas e de tabaco quando estão deprimidos, cansados, estressados, ansiosos, com ideias de culpa ou baixa autoestima (Peuker,

Fogaça & Bizarro, 2006), sugerindo que, nesses grupos populacionais, a associação entre consumo de substâncias e a ocorrência de DPM pudesse ser verificada.

Instituições universitárias de grande porte não apenas reúnem pessoas em torno das atividades acadêmicas, mas aglutinam empresas e trabalhadores em regime de parceria ou atividades meio, terminando por representar parcelas expressivas de diversas comunidades de seu entorno. Estudos realizados nesse tipo de comunidade oferecem dados epidemiológicos consistentes e locais, importantes para a realização de ações e políticas relativas às SPA.

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), uma instituição privada, de grande porte, no Sul do Brasil, mantém uma política permanente relativa às substâncias psicoativas em seus *campi* e realizou um diagnóstico institucional com cuidados metodológicos satisfatórios. Este artigo analisa o banco de dados da instituição e estuda a associação entre o uso de SPA e DPM entre membros da comunidade universitária (docentes, estudantes e funcionários). Pretende não só apresentar e discutir dados que norteiem as futuras ações de prevenção da instituição como oferecer dados a outras instituições universitárias que pretendam realizar levantamentos como este, também preocupadas com as questões relativas ao uso de álcool e outras drogas.

Metodologia

População e método

O levantamento original de dados teve delineamento transversal, com amostragem em múltiplos estágios, voltado para a verificação da prevalência de comportamentos relacionados ao consumo de substâncias e indícios de sofrimento psíquico entre membros da comunidade universitária. A população ativa total, no momento da coleta de dados, no ano de 2005, era estimada em 26 800 pessoas. Destas, 900 representavam funcionários e 900 eram docentes. Os demais 25 mil membros da comunidade universitária constituíam o grupo de estudantes, que se distribuía em sete áreas de ensino dos dois *campi*.

O banco de dados continha informações de 657 sujeitos, sendo metade deles estudantes e a outra metade igualmente dividida entre as categorias profissionais (professores e servidores em geral), distribuídos de forma equitativa entre as sete áreas de ensino e os três turnos de atividade. O instrumento usado foi baseado nos utilizados no estudo domiciliar brasileiro (Carlini *et al.*, 2006;

Galduróz, Noto, Nappo & Carlini, 2005) e no estudo com a população de adolescentes do Município de Pelotas-RS (Terres, Pinheiro, Horta, Pinheiro & Horta, 2006), era anônimo e de autopreenchimento, com instruções no próprio documento.

Estavam disponíveis informações sobre cinco grupos de substâncias: fármacos anorexígenos, hipnótico-sedativos (ansiolíticos benzodiazepínicos), bebidas alcoólicas, tabaco e drogas ilícitas (maconha, cocaína, solventes, loló, *ecstasy*, *crack*, LSD ou outras).

DPM foi pesquisada pelo emprego do instrumento *Self Report Questionnaire* (SRQ-20), que consiste em um questionário estruturado, autoaplicável, com escala bimodal. Sua versão em português adota 20 itens de distúrbios não psicóticos, sendo 4 questões sobre sintomas físicos e 16 sobre sintomas psicoemocionais (World Health Organization, 1994). Cada um dos 20 itens é pontuado com 0 ou 1, sendo que 1 indica a presença do sintoma no último mês e 0 significa que o sintoma não esteve presente. Quanto mais próximo de 20 pontos o escore de quem responde, maior a probabilidade de apresentar DPM (Gonçalves, Stein & Kapczinski, 2008). Nesta análise, empregamos como ponto de corte os valores tradicionais, sugeridos por Mari e Williams (1985) no estudo de validação do instrumento, 5/6 para homens e 7/8 para mulheres.

Os dados foram originalmente coletados em visitas realizadas pela equipe de coleta aos centros de ensino, em cada um dos três turnos de trabalho. Professores e funcionários eram convidados a responder o questionário, sorteando-se o número de entrevistas estabelecido para cada visita entre os presentes. Entre estudantes, as turmas em cada centro de ensino e em cada turno eram sorteadas, visitadas e todos eram convidados a responder. Os dados foram digitados em base de dados Sphinx. A análise deste artigo foi realizada com o emprego do programa SPSS 17.0 (Statistical Package for the Social Sciences) após a transferência do banco de dados.

Ainda que a eventual associação entre uso de SPA e DPM não permita inferências causais, como o uso de SPA referido é relativo a um período anterior ao momento do estudo e as respostas ao inventário do SRQ-20 refletem a condição do sujeito no momento do estudo, o consumo de SPA é tomado aqui como exposição e a ocorrência ou não de DPM como desfecho. São relatadas a ocorrência do consumo de cada um dos grupos de SPA estudados, a ocorrência de DPM segundo sexo, idade e vínculo institucional da população estudada pelo teste do chi-quadrado e a ocorrência de DPM segundo o consumo de cada um dos grupos de substâncias e de qualquer delas pelo

teste do chi-quadrado e pelo cálculo da razão de prevalência bruto e ajustado, controlando o efeito das variáveis sexo, idade e vínculo institucional. Por se tratar de um estudo transversal e exploratório, que buscava originalmente orientar ações no campo institucional, não se adotou exclusivamente o limiar de erro alfa de 5%, analisando-se também os erros alfa de até 8%, visando a compreender melhor a natureza das relações de vínculo entre os DPM e o uso de SPA.

O levantamento original de dados com os quais se trabalhou neste artigo se destinava à orientação da Política Relativa às Substâncias da Universidade, no sentido de estabelecer prioridades para investimento no cuidado com membros da comunidade universitária. Os diversos levantamentos de dados realizados pela política institucional sempre seguem todos os princípios estabelecidos na Declaração de Helsinque e tem, como este teve, aprovação formal de órgãos colegiados da instituição. Por se tratar de análise de dados secundários, anteriormente coletados, este estudo não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da instituição.

Não houve financiamento de instituições de fomento.

Não há conflitos de interesse a destacar.

Resultados

A tabela 1 apresenta os dados relativos à ocorrência de DPM na amostra estudada segundo sexo, idade e vínculo com a instituição sede do estudo.

Tabela 1 - Prevalência de DPM segundo sexo, idade e vínculo institucional

| | N | % | p |
|------------------------------|------------|--------|------------------|
| Sexo | | | |
| Masculino | 257 | 21,4% | |
| Feminino | 396 | 19,7% | 0,60 |
| Idade | | | |
| 17-19 anos | 29 | 20,7 % | |
| 20-29 anos | 313 | 26,2 % | |
| 30-39 anos | 131 | 12,2 % | |
| 40-49 anos | 104 | 15,4 % | |
| 50 anos ou mais | 64 | 15,6 % | 0,006 |
| Vínculo institucional | | | |
| Funcionários | 169 | 19,5 % | |
| Professores | 168 | 9,5 % | |
| Estudantes | 326 | 26,6 % | <0,001 |

Como a população que serve de base para o levantamento de dados apresenta uma distribuição entre as três categorias de vínculo mencionadas distinta da disponível no banco de dados, os dados foram todos ajustados segundo a distribuição da população entre as categorias de vínculo.

Foram referidas as seguintes prevalências de consumo de substâncias no mês anterior às entrevistas:

- a) ansiolíticos benzodiazepínicos: 5,9 % (IC 95% = 4,1% a 7,7%);
- b) fármacos anorexígenos: 5,2% (IC 95% = 3,5% a 6,9%);
- c) drogas ilícitas: 8,5% (IC 95% = 6,4% a 10,6%);
- d) tabaco: 13,6% (IC 95% = 11% a 16,2%);
- e) álcool: 75,5% (IC 95% = 71,6% a 78,8%).

A tabela 2 mostra os resultados relativos à ocorrência de DPM entre usuários e não usuários de cada um dos grupos de substâncias no mês que antecedeu as entrevistas e também para qualquer das substâncias estudadas no mesmo período. São apresentadas as razões de prevalência de DPM bruta e ajustada segundo o sexo, idade e vínculo institucional dos entrevistados.

Tabela 2 - Prevalência de DPM segundo a ocorrência de consumo de substância no mês que antecedeu às entrevistas

| Uso de substâncias | N | Prevalência de DPM | Razão de prevalência de DPM (IC 95%) | |
|---------------------|------------|---------------------|--------------------------------------|---------------------|
| | | | Bruto | Ajustado* |
| Anorexígenos | | p = 0,96 | p = 0,96 | p = 0,95 |
| Sim | 25 | 20,0% | 0,98 (0,44 - 2,18) | 0,98 (0,43 - 2,20) |
| Não | 628 | 20,4% | Referência | Referência |
| Ansiolíticos | | p < 0,001 | p < 0,001 | p < 0,001 |
| Sim | 48 | 60,4% | 3,51 (2,63 - 4,29) | 4,15 (3,07 - 5,61) |
| Não | 605 | 17,2% | Referência | Referência |
| Álcool | | p = 0,47 | p = 0,48 | p = 0,71 |
| Sim | 485 | 21,0% | 1,14 (0,79 - 1,64) | 1,07 (0,74 - 1,55) |
| Não | 168 | 18,4% | Referência | Referência |
| Nicotina | | p = 0,43 | p = 0,42 | p = 0,75 |
| Sim | 71 | 23,9% | 1,20 (0,77 - 1,88) | 1,08 (0,68 - 1,70) |
| Não | 582 | 19,9% | Referência | Referência |
| Drogas ilícitas | | p = 0,21 | p = 0,20 | p = 0,68 |
| Sim | 35 | 28,6% | 1,44 (0,83 - 2,48) | 1,13 (0,64 - 1,99) |
| Não | 618 | 19,9% | Referência | Referência |
| Qualquer substância | | p = 0,041 | p = 0,05 | p = 0,08 |
| Sim | 518 | 22,0% | 1,56 (1,00 - 2,45) | 1,48 (0,95 - 2,30) |
| Não | 135 | 14,0% | Referência | Referência |

*Ajustado para sexo, idade e vínculo institucional dos entrevistados

Discussão

Os dados disponíveis na instituição indicam que a população que ali desenvolve suas atividades tende a acompanhar, de modo discreto, as evidências de outros estudos, que indicam haver associação entre uso de drogas e DPM.

As principais limitações do estudo são o reduzido número de entrevistas, com a conseqüente limitação do poder estatístico em algumas análises e o risco de viés de seleção no processo amostral. Todos os cuidados foram tomados no sentido de verificar a adequação dos procedimentos de coleta de dados e o ajuste dos dados disponíveis segundo a efetiva distribuição da população nas categorias de vínculo institucional.

Neste estudo, os escores no SRQ-20 não se mostraram homogêneos entre as diferentes categorias de vínculo, tendo sido estudante a categoria com maior ocorrência de DPM. Entre as faixas de idade tomadas, DPM foi mais prevalente nos grupos mais jovens, o que coincide com sua maior ocorrência entre estudantes e também com resultados de outros estudos, que sugerem que a transição entre a adolescência e a idade adulta costuma estar associada à ocorrência de indícios de sofrimento psíquico. O período de ingresso na universidade é considerado um momento de transição, sendo uma fase de mudanças e ajustes que podem ocorrer de forma mais ou menos turbulenta (Peuker, Fogaça & Bizarro, 2006), com probabilidade aumentada de ocorrência de DPM. Esse período, pelas mesmas razões, é considerado facilitador para o consumo de SPA (Peuker, Fogaça & Bizarro, 2006), o que nos remete à possibilidade de causalidade reversa, ou seja, o consumo de substâncias psicoativas pode ser o desfecho, e o sofrimento psíquico, a exposição. O delineamento transversal dos procedimentos que deram origem ao banco de dados, porém, não permite o aprofundamento da análise com inferências causais, nem resolver a questão da causalidade reversa.

A análise dos dados disponíveis permite a investigação de associação entre o consumo de SPA e a ocorrência de DPM. Quando se considerou o consumo de qualquer substância na análise ajustada para sexo, idade e vínculo institucional, essa associação se manteve, mas apenas num nível de 92% de probabilidade de não ter sido encontrado ao acaso ($p = 0,08$). Esse nível de significância pode ser admitido em estudos nesse campo, principalmente quando todos os demais resultados apontam para a mesma direção (Dancey & Reidy, 2006).

Os grupos de usuários das substâncias álcool, nicotina e drogas ilícitas tiveram registros mais frequentes de escores de SRQ-20 compatível com DPM nos pontos de corte assumidos, tanto na análise bruta quanto na ajustada,

ainda que as diferenças não tenham parecido estatisticamente significativas para uma probabilidade de ocorrência de erro tipo I de, no máximo, 5%. Apenas para o grupo de usuários de benzodiazepínicos a associação com registros de ocorrência de DPM é evidente e significativa. Para o grupo de usuários de anorexígenos não se repetiu este padrão.

Este é um estudo com finalidade institucional, no qual se assegurou que os sujeitos entrevistados não fossem selecionados intencionalmente, nem por serem expostos ao consumo dos grupos de SPA, nem por apresentarem DPM. Contrariamente, tal associação parece mais evidente quando estudada em grupos populacionais específicos. Em estudos sobre o uso de tabaco, por exemplo, quando desenvolvidos com grupos de pacientes com diagnósticos definidos de alguns transtornos mentais, institucionalizados, moradores de rua ou em tratamento ambulatorial, a associação entre o consumo de SPA e a ocorrência de sofrimento psíquico mostra-se mais evidente (De Leon, Becoña, Gurpegui, Gonzalez-Pinto & Diaz, 2002; Leonard, Adler, Benhammou, Berger, Breese *et al.*, 2001; Ratto, Menezes & Gulinelli, 2007; Usdan, Schumacher, Milby, Wallace, McNamara *et al.*, 2001). Outro exemplo é o fato de que a ocorrência de tentativas de suicídio, em países em desenvolvimento, pode ter como fator preditivo de sua ocorrência o consumo de SPA (Nock, Hwang, Sampson, Kessler, Angermeyer *et al.*, 2009). Estes estudos ou tiveram delineamento longitudinal ou retrospectivo, ou trabalharam com grupos selecionados de sujeitos identificados como portadores de transtornos psiquiátricos ditos maiores.

A associação entre a ocorrência de consumo de benzodiazepínicos (fármacos ansiolíticos e indutores do sono) e escores elevados no SRQ-20, não necessariamente preenchendo critérios para doença mental, serve como indicativo de risco aumentado para esse grupo específico de usuários em termos de manutenção do uso e desenvolvimento de tolerância e dependência (Marlat & Donovan, 2009). Esses fármacos são frequentemente empregados sob prescrição médica (mas também por automedicação), exatamente para situações clínicas onde são detectados sintomas compatíveis com DPM. Benzodiazepínicos têm sido indicados como os psicofármacos de maior consumo na população em geral e entre pacientes psiquiátricos, pelo menos nas últimas duas décadas (Lima, Soares & Mari, 1999; Rodrigues, Facchini & Lima, 2006; Soares, Soares, Asbahr & Bernik, 1991). A procura por soluções imediatas e as pressões por desempenho em várias de suas formas, comuns no meio acadêmico e característicos do modo de vida contemporâneo, podem ter nos fármacos ansiolíticos opção de alívio (Horta, 2003; Pelegrini, 2003). O consumo de benzodiazepínicos, de toda forma, parece capaz de discriminar,

na população estudada, sujeitos que potencialmente se beneficiariam de atenção psicológica específica e não focada apenas no tema do uso de SPA. Pode-se pensar essa associação tanto assumindo as queixas emocionais como decorrentes do uso de SPA, como na perspectiva reversa, em que o consumo de SPA decorre da percepção dos indícios de sofrimento.

Considerações finais

A maior ocorrência de DPM entre os estudantes reforça a indicação de que programas de prevenção priorizem ações dirigidas a essa população.

Ansiolíticos benzodiazepínicos aparecem como as SPA, cujo consumo se associa de modo mais evidente à ocorrência de DPM.

Álcool e nicotina foram as substâncias cujo consumo foi mais referido na população estudada.

Esta pesquisa reflete a realidade local de uma comunidade universitária de grande porte, no Sul do país, devendo ser reproduzida em outros *campi* universitários e em outros grupos populacionais, inclusive contemplando delineamento longitudinal.

Referências

Brook, J. S.; Pahl, K.; Rubenstone, E. (2008). Epidemiology of Addiction. In: M. Galanter & H. D. Kleber (org.). *Textbook of substance abuse treatment* (4. ed.) (pp. 29-44). Washington: The American Psychiatric Publishing.

Carlini, E. A. et al. (2006). *II Levantamento Domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2005*. Brasília: Senad.

Chavez, K. A. P.; O'Brien, B.; Pillon, S. C. (2005). Drugs use and risk behavior in a university community. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13 (2), 1194-1200.

Costa, J. S. D.; Silveira, M. A. F.; Gazalle, F. K.; Oliveira, S. S.; Hallal, P. C. et al. (2004). Consumo abusivo de álcool e fatores associados: estudo de base populacional. *Revista de Saúde Pública*, 38 (2), 284-91.

Dancey, C. P.; Reidy, J. R. (2006). *Estatística sem matemática para Psicologia: usando o SPSS para Windows*. (3. ed.). Porto Alegre: Artmed; Bookman.

De Leon, J.; Becoña, E.; Gurpegui, M.; Gonzalez-Pinto, A.; Diaz, F. J. (2002). The association between high nicotine dependence and severe mental illness may be consistent across countries. *Journal of Clinical Psychiatry*, 63 (9), 812-816.

Galduróz, J. C. F.; Noto, A. R.; Nappo, S. A.; Carlini, E. A. (2005). Use of psychotropic drugs in Brazil: household survey in the 107 biggest Brazilian cities - 2001. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 13 (esp.), 888-895.

Gonçalves, D. M.; Stein, A. T.; Kapczinski, F. (2008). Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. *Cadernos de Saúde Pública*, 24 (2), 380-390.

Hall, S. M.; Prochaska, J. J. (2009). Treatment of smokers with co-occurring disorders: emphasis on integration in mental health and addiction treatment settings. *Annual Review of Clinical Psychology*, 5, 409-431.

Horta, R. L. (2003). As famílias e as drogas na contemporaneidade. In: P. A. Guareschi; A. Pizzinato; L. L. Krüger; M. M. K. Macedo (org.). *Psicologia em questão: reflexões sobre a contemporaneidade*. (pp. 201-215). Porto Alegre: Edipucrs.

Kerr-Corrêa, F.; Andrade, A.; Bassit, A. Z.; Boccuto, N. M. V. F. (1999). Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21 (2), 95-100.

Leonard, S.; Adler, L. E.; Benhammou, K.; Berger, R.; Breese, C. R. et al. (2001). Smoking and mental illness. *Pharmacology Biochemistry and Behavior*, 70 (4), 561-570.

Lima, M. S.; Soares, B. G. O.; Mari, J. J. (1999). Saúde e doença mental em Pelotas, RS: dados de um estudo populacional. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 26, 225-235.

Mari, J. J.; Williams, P. A. (1985). A comparison of the validity of two psychiatric screening questionnaires (GHQ-12 and SRQ-20) in Brazil, using Relative Operating Characteristic (ROC) analysis. *Psychological Medicine*, 15, 651-659.

Mari, J. J.; Williams, P. A. (1986). A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in city of São Paulo. *British Journal of Psychiatry*, 148, 23-26.

Marlat, G. A.; Donovan, D. M. (2009). *Prevenção da recaída: estratégias de manutenção no tratamento de comportamentos adictivos*. (2. ed.). Porto Alegre: Artmed.

Meloni, J. N.; Laranjeira, R. (2004). Custo social e de saúde do consumo do álcool. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26 (1), 7-10.

Nock, M. K.; Hwang, I.; Sampson, N.; Kessler, R. C., Angermeyer, M. et al. (2009). Cross-National Analysis of the Associations among Mental Disorders and Suicidal Behavior: Findings from the WHO World Mental Health Surveys. *PLoS Medicine*, 6 (8), e1000123

Pelegrini, M. R. F. (2003). O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. *Psicologia: ciência e profissão*, 23 (1), 38-41.

Peuker, A. C.; Fogaça, J.; Bizarro, L. (2006). Expectativas e beber problemático entre universitários. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 22 (2), 193-200.

Ratto, L. R. C.; Menezes, P. R.; Gulinelli, A. (2007). Prevalence of tobacco use in individuals with severe mental illnesses, São Paulo, Brazil. *Revista de Saúde Pública*, 41 (4), 510-516.

Rodrigues, M. A. P.; Facchini, L. A.; Lima, M. S. (2006). Modificações nos padrões de consumo de psicofármacos em localidade do Sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 40 (1), 107-114.

Soares, C. N.; Soares, M. B. M.; Asbahr, F. R.; Bernik, M. A. (1991). Perfil de uso e abuso de benzodiazepínicos em pacientes psiquiátricos e não psiquiátricos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 40 (4), 191-198.

Tavares, B. F.; Beria, J. U.; Lima, M. S. (2001). Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 35 (2), 150-158.

Terres, N. G.; Pinheiro, R. T.; Horta, B. L.; Pinheiro, K. A.; Horta, L. L. (2006). Prevalência e fatores associados ao sobrepeso e à obesidade em adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 40 (4), 627-633.

Usdan, S. L.; Schumacher, J. E.; Milby, J. B.; Wallace, D.; McNamara, C. et al. (2001). Crack cocaine, alcohol, and other drug use patterns among homeless persons with other mental disorders. *American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 27 (1), 107-120.

World Health Organization (1994). A users guide to the self reporting questionnaire (SRQ). *WHO - Division of Mental Health*. [on-line] Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/hq/1994/WHO_MNH_PSF_94.8.pdf>.

Os destinos do trabalho do negativo nas patologias limítrofes

The destinies of the work of the negative in borderline patients

Los destinos del trabajo del negativo en los pacientes borderlines

*Luiza da Costa Mendes**

*Claudia Amorim Garcia***

Resumo

Este trabalho parte da premissa de uma articulação indissolúvel entre a pulsão e o objeto para discutir os efeitos estruturantes e patológicos do trabalho do negativo, como expressão da pulsão de morte, nos primórdios da constituição psíquica. Quando bem-sucedido, o trabalho do negativo possibilita o apagamento do objeto primário, facilitando a emergência das representações psíquicas e de objetos substitutos. Nos casos limites, no entanto, o fracasso de sua ação negativizante impedirá a constituição de um vazio estruturante, prejudicando os processos de pensamento. A anestesia psíquica, o desligamento pulsional, as saídas extrarrepresentacionais e a clivagem são algumas das manifestações patológicas que, então, apresentam-se, evidenciando a resistência do objeto primário em se deixar apagar, característica central das patologias limítrofes.

Palavras-chave: Trabalho do negativo, Objeto, Pulsão de morte, Casos-limite, Constituição psíquica.

Abstract

This paper starts from the assumption of an unbreakable link between drive and object and discusses the structuring and pathological effects of the work of the negative, an expression of the death drive, in the beginnings of psychic existence. When well succeeded the work of the negative makes it possible for the object to be erased and allows for the appearance of psychic representations and substitute objects. The failure of the work of the negative in borderline patients, however, hinders the constitution of the structuring void and interferes with thought processes. Psychic anesthesia, drive decathexis, splitting and extrarepresentational

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC Rio, psicóloga do Núcleo de Apoio à Saúde da Família da CAP 3.3.

** Professora associada do Departamento de Psicologia da PUC Rio (Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica), psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

outlets are some of the pathological manifestations that emerge showing that the primary object has not been erased, a main characteristic of the borderline pathology.

Keywords: Work of the negative, Object, Death drive, Borderline patients, Psychic constitution.

Resumen

Este trabajo parte de la premisa de una conexión indisoluble entre pulsión y objeto para discutir los efectos estructurales y patológicos del trabajo del negativo, como expresión de la pulsión de muerte, en los inicios de la constitución psíquica. Cuando tiene éxito, el trabajo del negativo permite el olvido del objeto primario, facilitando el surgimiento de representaciones psíquicas y objetos sustitutos. En los pacientes borderlines, sin embargo, el fracaso del trabajo del negativo impide la formación del vacío estructural afectando los procesos de pensamiento. La anestesia psíquica, lo desligamiento pulsional, las salidas extrarepresentacionales y la división son algunas de las manifestaciones patológicas que, entonces, se presentan mostrando que el objeto primario no fue olvidado, característica central de las patologías límites.

Palabras claves: Trabajo del negativo, Objeto, Pulsión de muerte, Fronterizos, Constitución psíquica

A prática clínica da psicanálise nas últimas décadas, informada por novas leituras teóricas, é testemunha do surgimento de manifestações psicopatológicas que em muitos aspectos se diferenciam da neurose clássica. De fato, na atmosfera cultural da Viena *fin-de-siècle*, contexto em que vigorava a repressão como norma de controle social no bojo dos valores tradicionais da disciplina e da obediência, os casos de histeria eram predominantes. Os primeiros analistas, portanto, concentraram suas atenções na estruturação neurótica tendo o complexo de Édipo como eixo explicativo central. No entanto, na atual configuração social, marcada pelos valores da liberdade e da autonomia na presença de uma fragilização da lei simbólica, parece prevalecer uma determinada organização subjetiva não mais pautada nos parâmetros fornecidos pela sexualidade edípica e tampouco norteadas pelo recalque (Ehrenberg, 2000; Figueiredo, 2008; Garcia, 2010b). Sendo assim, na cena analítica contemporânea, presenciamos um número crescente de pacientes nos quais os aspectos narcísicos pré-edípicos são centrais (o que

atesta o caráter primário de seus transtornos) e evidenciam uma pungente precariedade de seus limites psíquicos, articulada ao prejuízo representacional.

A insuficiência do modelo clínico das neuroses, regulado pela lógica da castração e do desejo, tornou evidente a necessidade de novos parâmetros para a explicação dessas patologias atuais que se mostram tão resistentes ao exercício da psicanálise clássica. De fato, foi a partir dos impasses clínicos que passaram a ser observados na relação transferencial, no que diz respeito aos ataques do paciente ao enquadre analítico, suas respostas defensivas rígidas, bem como uma intensa e conturbada contratransferência que exigiam do analista um posicionamento diferenciado, que se construiu um vasto campo de discussões sobre a clínica dos limites (Garcia, 2010a). André Green (1988c), em seu trabalho de 1975, usa a expressão “estados limítrofes de analisabilidade” para apontar a importância da problemática dos limites nas constituições subjetivas que dominam o campo atual da clínica psicanalítica. Esse termo abarcaria os casos-limite/estados-limite (*borderlines* propriamente dito), esquizoides e pacientes narcisistas (Figueiredo, 2008).

O objeto e o trabalho do negativo na construção dos limites psíquicos

Os casos-limite não são caracterizados por se encontrarem nos limites da psicose, tampouco são constituições que se definem entre a neurose e a psicose. O fronteiroço é, antes de tudo, uma organização bastante singular marcada principalmente pela fragilidade dos limites intrapsíquicos e intersubjetivos. Então, “não se trata simplesmente do problema dos limites do ego, mas também da desorganização dos limites no interior do aparelho psíquico” (Green, 1990, p. 13). Ou seja, o que está em pauta não é apenas a fragilidade da estrutura egoica ou a relação do eu com o objeto, mas também e principalmente a “permeabilidade excessiva entre o ego, o id e o superego” (Green, 1990, p. 13). O intenso prejuízo à capacidade de pensar desses pacientes se articula justamente com essa dificuldade em separar interno/externo, dentro/fora, eu/outro, ocasionada pela deficiência da funcionalidade de suas fronteiras psíquicas.

O fracasso da constituição dos limites psíquicos como zonas de elaboração, territórios de passagem firmes e, ao mesmo tempo, flexíveis, denuncia as falhas do objeto que se desdobra na onipresença de um objeto interno absoluto, impeditivo da constituição de um espaço psíquico pessoal. Tal onipresença é efeito ora de um objeto mau que invade o psiquismo, ora de um objeto bom idealizado impossível de ser alcançado (Green, 1982). De fato, uma maternagem “suficientemente ruim” caracterizada por uma mãe extremamente

ausente ou extremamente presente e invasiva vai interferir drasticamente no desenvolvimento do psiquismo como gigantesca “formação intermediária no diálogo entre o corpo e o mundo” (Green, 1990, p. 59), tendo como uma de suas consequências a fragilização das fronteiras psíquicas. Do mesmo modo, a centralidade do objeto e suas oscilações no espaço psíquico, ora em excesso de presença, ora em ausência excessiva, interferem significativamente na construção do pensamento que depende de limites psíquicos bem construídos. Tais vicissitudes do objeto nos casos-limite resultam em intensas angústias, tanto de intrusão como de separação, que revelam o constante convívio com a ameaça de fusão regressiva e apontam para o estado de permanente ameaça identitária que esses pacientes experienciam.

A preocupação sempre em manter uma identidade precária e ameaçada pelas angústias de intrusão e de separação está no centro das relações de objeto, no caso dos estados limites. Na verdade, a manutenção dos limites psíquicos é ainda mais importante do que a satisfação pulsional e o investimento narcísico, sugerindo que o movimento desejante ocupa lugar secundário em relação à necessidade de se defender do objeto intrusivo e assegurar a continuidade sempre frágil das fronteiras psíquicas. A importância do objeto nestes casos é, portanto, absolutamente crucial, isto é, a importância da manutenção da autonomia do eu frente ao objeto. A batalha pela preservação do território egoico domina a cena analítica (Garcia, 2010a, p. 97).

Nos casos-limite, portanto, não houve a construção de um espaço interno neutro facilitador da emergência de objetos substitutivos. A ausência enquanto presença em potencial (Garcia, 2010a, 2010c) não se concretizou nesses casos por uma falta de experiências satisfatórias ou, em termos winnicottianos, a capacidade do bebê de estar só em presença da mãe não se efetivou, pois não houve o aporte de um ambiente suficientemente bom (Winnicott, 2000a, 1979). Portanto, para que o pensamento possa se constituir e a lógica desejante possa operar, é indispensável que haja uma presença externa constante e fidedigna de um objeto capaz de assegurar uma continuidade entre presença e ausência.

A compreensão das vicissitudes do objeto na construção dos limites nessas constituições psíquicas particulares também exige a consideração daquilo que André Green (2010a) estabeleceu como o “trabalho do negativo”. É importante ressaltar que esse termo nasce na filosofia hegeliana a partir dos estudos de Hegel sobre *A fenomenologia do espírito* (Green, 2010a). No entanto, antes de Green se apropriar desse construto teórico, é Lacan quem inicialmente toma

emprestada a ideia do negativo, sob influência hegeliana, para desenvolver um sentido específico a serviço da psicanálise. Embora o negativo não se configure como uma construção individualizada nos escritos psicanalíticos freudianos, Green (2010a) aponta a existência de traços do negativo que atravessam os textos de Freud, principalmente em seu artigo *A negativa* (Freud, 1996).

Apesar de Lacan ter iniciado os estudos sobre o negativo aplicando-os à psicanálise, não há um prosseguimento e aprofundamento da questão por parte do psicanalista francês. Influenciado por Hegel, Lacan e Freud, é Green quem resgata a noção de “trabalho do negativo” de forma singular, inserindo-o definitivamente no arcabouço teórico da psicanálise e nos auxiliando diretamente na compreensão da metapsicologia dos casos-limite. Por meio desse conceito, Green articula, de forma brilhante, a teoria das relações objetais e a teoria pulsional freudiana, revelando as imbricações indissociáveis entre pulsão e objeto. Se o objeto é responsável, ao mesmo tempo, por conter e estimular a pulsão (Green, 1990, 2010c), contudo essa dupla ação só se torna possível a partir de um trabalho do negativo estruturante.

O duplo aspecto do trabalho do negativo: a ação estruturante e patológica

O trabalho do negativo pode ser entendido como expressão *princeps* da pulsão de morte, pois sua tarefa consiste nas atividades de negativização, de rompimento, desligamento e, em última análise, de desobjetalização. É por meio, essencialmente, do dizer *não* que os limites psíquicos podem se estabelecer, favorecendo a capacidade de representação e a constituição subjetiva. Com o conceito de trabalho do negativo, Green traz a ideia de que toda negação pode ser estruturante ou patológica dependendo em que condições e em que contexto este *não* se dá.

Entendemos que um eu só pode ser reconhecido como tal quando um primeiro limite eu/não eu encontra-se estabelecido. A demarcação desse primeiro limite é resultante de uma expulsão, isto é, de uma primeira expressão do trabalho do negativo em sua ação estruturante, como já havia assinalado Freud (1996) em seu trabalho de 1925, “A negativa”. Sendo assim:

A expulsão do mau permite a criação de um espaço interno no qual o eu como organização pode nascer para a instauração de uma ordem fundada no estabelecimento de ligações relacionadas a experiências de satisfação. Essa organização facilita o reconhecimento do objeto em estado separado no espaço do não eu e o seu reencontro (Green, 1988, p. 292).

Quando lidamos com sujeitos que puderam contar com objetos adequados que desempenharam devidamente suas funções podemos afirmar que o trabalho do negativo realizou sua tarefa de maneira satisfatória e estruturante, pois permitiu a construção de um espaço interno, de um vazio estruturante (Green, 2010c) possível de ser ocupado por outros objetos. É por meio desse processo, viabilizado por uma maternagem suficientemente boa (Winnicott, 2000b), que o objeto primordial pode então ceder lugar, tornando-se invisível, inaudível no psiquismo e, dessa forma, resultando em apagamento ou esquecimento enquanto objeto para se transformar em estrutura (Green, 1990, 2010c).

Por outro lado, quanto mais esse objeto falha em suas funções, mais presente ele se torna e mais barulho faz, resultando numa presença caótica e ofuscante (Figueiredo & Cintra, 2004). Nesse sentido, tanto a ausência quanto o excesso de cuidados impossibilitam a construção de uma presença silenciosa, condição fundamental para a configuração desse vazio estruturante o qual poderá ser preenchido, posteriormente, por objetos substitutivos. Em ambos os casos, não foi cumprida a função de continência, deixou-se a criança à deriva de uma estimulação pulsional excessiva sentida por ela como mortífera.

Então, seja por abandono ou intrusão, em ambos os casos, o objeto não se deixa esquecer, tornando-se onipresente em sua idealização/inacessibilidade (ausência) ou em sua invasão/excesso de presença (intrusão). Nesses pacientes, a alucinação negativa do objeto-mãe como expressão do trabalho do negativo bem-sucedido não se deu e, conseqüentemente, o objeto absolutamente necessário não pôde ser absorvido como estrutura enquadrante, mas, ao contrário, continua a se fazer presente, preenchendo e perturbando o espaço psíquico (Green, 2010a). Nesses casos, o trabalho do negativo fracassa e, em consequência disso, a pulsão torna-se intolerável, pois se amalgama com o objeto, emperrando uma distinção entre ambos, impossibilitando a ausência e, portanto, o processo de constituição do pensamento. A onipresença do objeto absoluto, por um lado, evidencia que o trabalho do negativo estruturante não aconteceu e, por outro, evoca manifestações do trabalho do negativo patológico. As “passagens ao ato, conduta perversa, toxicomania, baque depressivo, momento delirante, crise psicossomática, etc.” (Green, 2010c, p. 302) consistem em saídas extrarrepresentacionais que evidenciam essa ação patológica do trabalho do negativo. Tais manifestações se apresentam como tentativas negativizantes malsucedidas, que denotam uma falência da capacidade representacional e objetivam, a todo custo, aplacar a dupla angústia (intrusão/separação) decorrente das oscilações do objeto no psiquismo.

Na ação patológica do trabalho do negativo a função desobjetalizante (própria da pulsão de morte) manifesta-se de forma extremada, fracassando em separar e delimitar o espaço psíquico. Há, então, o predomínio de uma ação radicalmente disjuntiva, na qual “o trabalho do negativo se realiza sob os auspícios das pulsões de destruição” (Green, 2010c, p. 294), culminando na falência da constituição das barreiras intrapsíquicas e intersubjetivas, em ataques ao eu e às relações com o objeto que impedem a construção de vínculos. Para Green (1988c), a clínica dos limites é o exemplo mais contundente das manifestações extremadas e patológicas do negativo que evidenciam a pulsão de morte em seu aspecto cruel e visceral. Nesses quadros, a meta da pulsão de morte é “realizar ao máximo uma função desobjetalizante através do desligamento. Esta qualificação permite compreender que não é somente a relação de objeto que é atacada, mas também todos os substitutos deste” (Green, 1988, p. 60).

Diferentemente dos casos-limite, que, na impossibilidade de realização da negativização de forma adequada, experimentam toda a intensidade da desobjetalização, nas neuroses, o trabalho do negativo se realiza de forma eficiente.

Quanto mais próximos estivermos do recalque propriamente dito, mais polaridade ligação-desligamento vem acompanhada de um religamento do inconsciente, graças a outros mecanismos (deslocamento, condensação, dupla transformação, etc.). Quanto mais nos afastamos do recalque, mais constatamos na ação dos outros tipos de defesas primárias (clivagem, forclusão) que o desligamento tende a levar a melhor, limitando ou impedindo a religação (Green, 1988, p. 62).

Em outras palavras, quanto mais perto estivermos da pulsão e do representante psíquico, distanciando-nos da linguagem e da representação de palavras, mais radical e mortífero será o trabalho do negativo e mais a pulsão de morte será dominante, colocando em perigo a própria existência do indivíduo. E, ao contrário, quanto mais perto o trabalho do negativo estiver do recalque, mais a pulsão de vida estará imbricada com a pulsão de morte protegendo a vida (Green, 1990).

Então, diante da atuação fracassada do trabalho do negativo estruturante nas fronteiras/barreiras entre os territórios que constituem o psiquismo, os casos-limite parecem estar à mercê da pulsão de morte e de seus destinos catastróficos. A utilização de defesas radicais como o desligamento, a anestesia psíquica (representantes eloquentes do narcisismo negativo - Green, 2010a; Garcia, 2010b) assim como o recurso à dor e também a clivagem, mecanismo

psíquico central nesses casos, são exemplos contundentes do trabalho do negativo patológico.

O impiedoso desligamento operado no sentido de destruição dos vínculos e afetos pode ser considerado uma manobra defensiva na tentativa de manter mais ou menos firme as fronteiras psíquicas do eu constantemente ameaçado diante do outro. Por outro lado, contra a ameaça de fusão regressiva, o fronteiro se anestesia, blindando seus afetos mais primitivos (Kernberg, 1975), numa tentativa extrema de se proteger de qualquer estimulação. Além disso, afirma Figueiredo (2008), “Um certo recurso à dor pode ser necessário, como o demonstram as análises de Anzieu acerca das funções da dor física e psíquica como envoltório de um corpo e de uma mente ameaçadas de desagregação” (Figueiredo, 2008, p. 105). Por meio da dor, o fronteiro pode experimentar certa delimitação entre eu/outro, realidade interna/realidade externa, compensando, ao menos em parte, a ação fracassada do negativo na constituição dos limites. No entanto, é principalmente o uso defensivo da clivagem, além da tentativa de desligamento, da anestesia e do recurso à dor, que mais caracteriza esses pacientes. Em todas essas manifestações, a pulsão de morte, como trabalho do negativo, apesar de destrutiva, também porta, paradoxalmente, funções defensivas que objetivam a preservação da existência psíquica, por meio de uma redução da tensão a um nível suportável para o sujeito sempre ameaçado de desintegração

De fato, a clínica dos limites, também chamada de clínica do vazio (Green, 1988c), atesta a centralidade do mecanismo de clivagem em detrimento do recalque na dinâmica psíquica desses pacientes (Roussillon, 1999; Garcia, 2011). A clivagem tem a função de proteger e conservar uma zona secreta, um espaço de não contato “em que seu *self* real está protegido” (Green, 1988c, p. 45), mantido longe das marcas traumáticas (Roussillon, 1999; Garcia, 2010b; Cardoso, 2010a, 2010b). Segundo Green (1988d), a especificidade da clivagem no fronteiro se apresenta em dois níveis: clivagem entre o psíquico e o não psíquico (que engloba soma e mundo exterior) e clivagem dentro da própria esfera psíquica. No primeiro processo, o efeito da clivagem faz com que as fronteiras se apresentem como flexíveis, no entanto essa flexibilidade não acarreta uma conduta adaptativa, mas, em vez disso, opera como uma flutuação de expansão e retração egoica. Tanto na expansão narcisista quanto no retraimento esquizoide, experimenta-se a ameaça de perda de controle sobre si mesmo, seja por uma superexposição de uma superfície ampliada ou por um empobrecimento egoico decorrente de sua contração. A esse movimento de expansão e retração egoicos correspondem a angústia de fusão/invasão e a angústia de abandono/separação (Figueiredo, 2008).

Na segunda condição, a clivagem é representada pela fragmentação do eu em diferentes núcleos que não se comunicam: “Estes núcleos podem receber a designação de arquipélagos” (Green, 1988d, p. 85). Tal metáfora nos remete à imagem de uma ilha cercada por água que alude à falta de unidade, coerência e comunicação entre o ego e seus elementos cindidos. São esses espaços vazios, mais do que as ilhas, que caracterizarão a constelação psicopatológica do paciente fronteiroço como “uma coexistência de pensamentos, afetos, fantasias contraditórias, mas, além disso, subprodutos contraditórios do princípio do prazer, do princípio da realidade, ou de ambos” (Green, 1988d, p. 85). Um discurso vazio, repleto de palavras desconexas, sem encadeamento como um “colar de pérolas sem fio” (Green, 1988d, p. 85), expressa eloquentemente a dificuldade de representar e de expressar afetos, bem como o contato limitado com o outro, aspectos característicos do paciente fronteiroço que indicam a prevalência do mecanismo de clivagem.

A ação da clivagem resultará em uma amputação no eu, pois não será possível segregar somente as representações pulsionais destrutivas, já que outras partes importantes do espaço egoico também serão afetadas. Além disso, o sujeito *borderline* também faz uso da clivagem como uma forma de compensar sua incapacidade de suportar a ambivalência, condição que pressupõe a possibilidade de experienciar conflitos, capacidade que o paciente limítrofe não apresenta em função de sua frágil delimitação psíquica.

Qualquer avanço na direção do acolhimento de estados e condições de ambivalência requer uma maior capacidade de suportar estados de conflito intrapsíquico. Essa capacidade, por sua vez, supõe um limite, uma fronteira bem investida libidinalmente que sirva de continente. Cada vez que o paciente *borderline* dá passos no rumo de uma certa integração, ou seja, quando ele tende a transitar de uma dinâmica calcada nas dissociações para uma dinâmica marcada pelos conflitos, haverá forte pressão sobre as fronteiras do eu, com um alta probabilidade delas se estilhaçarem agudizando a problemática narcísica (Figueiredo, 2008, p. 100).

A tentativa de conter as insuportáveis oscilações pulsionais que ameaçam a integridade do ego resulta no uso constante da clivagem como recurso defensivo que, paradoxalmente, acaba por tornar o paciente *borderline* prisioneiro de um cenário psíquico dominado pela lógica do desespero (Green, 1988a).

Assim, fracassando na ação vital de separar delimitando, mas, pelo contrário, assumindo o caráter de função desobjetalizante, o trabalho do negativo nos casos-limite “longe de se confundir com o luto, é o procedimento mais radical que se opõe ao trabalho de luto” (Green, 1988, p. 60). Segundo Figueiredo

& Cintra (2004), “O objeto que pode ser efetivamente perdido e do qual se pode fazer o luto [...] é o que mais contribuiu e contribui para os processos de constituição da subjetividade” (Figueiredo & Cintra, 2004, p. 17). Nos pacientes *borderlines*, esse luto é impossível de ser realizado, pois a perda do outro é também uma perda de si, uma catástrofe narcísica que não pode ser metabolizada, já que esse outro não chega a se constituir de fato como um outro. Nesse contexto, o trabalho do negativo não se mostra eficaz em sua função estruturante, pois o objeto absoluto não pôde ser incorporado como elemento estrutural do psiquismo. Houve, de fato, um fracasso das funções do objeto que não se permitiu falhar, mas permaneceu onipresente, ocupando o espaço psíquico incipiente, não sendo, portanto, suscetível de um trabalho de luto, “trabalho ao mesmo tempo de separação-diferenciação-constituição do objeto e de traçado das fronteiras do eu” (André, 1999, p. 82). Nenhum trabalho do negativo foi capaz de deslocar, de “des-ligar” o objeto absolutamente necessário, tornando-o passível de ingressar em novas ligações. Na recusa de qualquer mudança, torna-se único (André, 1999), onipresente (ora intrusivo ora idealizado) e responsável pelo desencadeamento de intensas angústias de intrusão e separação que vão atestar definitivamente a fragilidade dos limites intra e intersubjetivos e a constante ameaça de fusão regressiva.

O trabalho do negativo patológico: as saídas extrarrepresentacionais

As saídas extrarrepresentacionais consistem em uma das várias manifestações de uma tendência negativizante patológica nos casos-limite, na qual se destacam a exclusão somática e a expulsão via ação. Esses recursos, frequentemente adotados pelo fronteiro, indicam a vigência da face destrutiva da função desobjetalizante operando em toda sua potência.

A exclusão somática é, para Green (1988c), expressão de um curto-circuito psíquico, um mecanismo defensivo contra a latente ameaça de regressão fusional presente nos pacientes *borderlines*. Na psicossomatose:

O ego defende-se de uma possível desintegração em um confronto fantasiado que poderia destruir tanto o próprio ego como o objeto, mediante a uma exclusão que se assemelha a uma atuação-fora, mas que agora está dirigida para o ego corporal não libidinal (Green, 1988c, p. 45).

O autor parece nos sugerir que na defesa somática há uma tentativa fracassada de encenar um conflito entre eu e objeto no qual os impulsos agressivos dirigidos para o soma acabam por provocar uma lesão orgânica,

caracterizando uma espécie de *acting-in*, uma atuação-dentro ou um agir sobre o corpo que revela a inflexão da agressividade ante a impossibilidade de representar, de expressar simbolicamente o sofrimento psíquico.

Para a Escola Psicossomática de Paris, representada por P. Marty, M'Uzan, M. Fain e C. David, o paciente psicossomático apresenta uma forma peculiar de pensamento caracterizada por uma falha no pré-consciente, que acarretaria uma impossibilidade de comunicação entre consciente e inconsciente. O aparelho psíquico desses pacientes, fadado ao caos e à falência pela impossibilidade de mediação simbólica, parece não conseguir dar conta da intensidade energética a que está submetido. Como consequência disso, exibem uma vida onírica precária e uma pobreza fantasmática acompanhadas de uma ínfima capacidade de sublimação e simbolização. Assim, na estrutura psicossomática, há um predomínio do pensamento operatório que reproduz simplesmente uma ação sem significação e sem revestimento metafórico. Nesse caso, a palavra é esvaziada de sentido, tendo apenas a função de descarregar a tensão (que ilustra uma ação desprovida de qualquer elaboração), expressando a clivagem entre psique e soma (Marty & M'Uzan, 1963).

Nos pacientes psicossomáticos, não há a segurança de um envelope narcísico (Anzieu, 1985) satisfatório capaz de conter o excesso pulsional, ou, dito de outra forma, as fronteiras psíquicas foram mal construídas, resultando em uma carência elaborativa. Assim sendo, o corpo passa a ser expressão de dor (o que também pode representar uma tentativa desesperada de construir limites) ao invés de ser fonte de prazer e veículo de satisfação pulsional. Esse cenário muito se aproxima daquele que caracteriza os pacientes limítrofes, também seriamente prejudicados na sua capacidade de representação.

A expulsão pelo ato também é considerada por Green (1988c) um mecanismo de um curto-circuito psíquico caracterizado por uma atuação-fora (*acting-out*), sendo “a contraparte externa da atuação-dentro psicossomática e tendo o mesmo valor na expulsão da realidade psíquica” (Green, 1988c, p. 45). Ou seja, na impossibilidade de lidar com o excesso pulsional, os mecanismos de defesa mais arcaicos são acionados no ego, na tentativa de deter uma invasão de forças desligadas. Como na exclusão somática, o recurso ao ato aparece como uma defesa de caráter primário, na qual os processos de elaboração psíquica malograram. Um exemplo disso é o consumo de drogas, recurso frequentemente adotado por pacientes fronteiros na tentativa de apaziguar as oscilações pulsionais tão insuportáveis. Constantemente ameaçado de desintegração, o eu precisa

proteger suas barreiras, livrando-se de qualquer excesso, seja de prazer ou de dor, que desestabilize perigosamente seus afetos.

Discutindo os diferentes efeitos das drogas, Figueiredo (2008) afirma que:

Os excitantes tentam recuperar uma sensação de vida que se contrapõe à morte por esvaziamento. Já os anestésicos protegem as fronteiras das feridas narcísicas e oferecem um sucedâneo artificial do que seria a satisfação e a calma do nirvana. Ambos contribuem para manter um estado simbiótico entre o eu e seu entorno. Tanto a sobre-excitação gera um estado fusional com um ambiente indiferenciado e fervilhante, como a anestesia cria a fusão com o entorno nebuloso e sem contornos de um ambiente indiferenciado e mortiço. Em ambos os casos, parece restabelecer-se uma ligação com os objetos em suas condições pré-objetais primárias (Figueiredo, 2008, p. 106).

O abuso de drogas, entendido como um mecanismo de expulsão via ação é, portanto, uma tentativa penosa e precária de administração sensorial, seja pela via do amortecimento ou da excitação, capaz de equilibrar as moções pulsionais mantendo o sujeito vivo e caminhante, ainda que em uma corda bamba incerta e repleta de desafios (Figueiredo, 2008).

Considerações finais

A clínica dos pacientes limítrofes demonstra inequivocamente a articulação indispensável entre a pulsão, especificamente a pulsão de morte como trabalho do negativo, e o objeto no processo de constituição psíquica. Assim, os caminhos do objeto e as consequências a que sua privação dará lugar nos revelam definitivamente a importância do trabalho do negativo nos pacientes fronteirios.

Por meio de uma maternagem suficientemente boa, o objeto exerce a função paradoxal de estimular e conter a pulsão, garantindo sua satisfação e preservando o funcionamento do princípio do prazer. É também o objeto que, na articulação com o trabalho do negativo, abre caminho para a construção da ausência que possibilita a emergência de um espaço psíquico pessoal e, portanto, de uma primeira delimitação interno/externo, expressão da ação estruturante do trabalho do negativo. Por outro lado, as experiências traumáticas nos primórdios da existência psíquica relacionadas às sucessivas falhas do objeto em responder às necessidades de reconhecimento e satisfação (por meio da ultrapassagem do tempo de espera suportado pela criança - Winnicott, 1975) vão

desencadear respostas dissociativas e outras defesas arcaicas de caráter narcísico que expressam a ação patológica do trabalho do negativo.

Portanto, quando o trabalho do negativo opera de modo conjuntivo (Green, 1988a, 2010c), pulsão de vida e pulsão de morte encontram-se fusionadas, permitindo uma conservação do trabalho de Eros mediante a ação objetalizante/desobjetalizante. É a coexistência do sim e do não que vai possibilitar a emergência de um espaço intermediário, situado na interseção entre realidade interna e realidade externa (Green, 2010), capaz de sustentar uma continuidade entre presença e ausência. Ou seja, em um trabalho do negativo estruturante, a descontinuidade representada pela negação permite a separação eu/não eu, estabelece a condição desejante, viabiliza a ação de apagamento do objeto absolutamente necessário e favorece a constituição do pensamento. Quando isso não ocorre, testemunhamos uma ação negativizante desestruturante presidida pela radicalidade da pulsão de morte e por seus destinos funestos.

Nesse caso, a descontinuidade presente no trabalho do negativo se apresenta em seu aspecto patológico, é o imperativo da destrutividade do “branco” (Green, 1990) que se anuncia: a ausência de objeto, ausência de si, ausência de representação e de pensamento compõem um vazio disjuntivo que opera no sentido inverso ao trabalho de luto. Extraviado de sua ação estruturante, eis que o trabalho do negativo não pode mais resultar em estrutura e diferenciação, em simbolização e pensamento, em vez disso, passagens ao ato, adoecimentos psicossomáticos, manifestações depressivas de toda ordem demonstram a forte tendência à desobjetalização e ao narcisismo de morte.

Referências

André, J. (1999). O objeto único. *In: Cadernos de Psicanálise da SPCRJ*, 15 (18), 67-85.

Anzieu, D. (1985). *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cardoso, M. (2010a). A insistência do traumático no espaço psíquico e analítico. *In: M. Cardoso & C. Garcia (orgs.). Entre o Eu e o Outro: espaços fronteiriços*. (pp. 47-63). Curitiba: Juruá. (Trabalho original publicado em 2006).

Cardoso, M. (2010b). A impossível “perda” do outro nos estados-limites: explorando as noções de limite e alteridade. *In: M. Cardoso & C. Garcia (orgs.). Entre o Eu e o Outro: espaços fronteiraços.* (pp. 77-89). Curitiba: Juruá. (Trabalho original publicado em 2007).

Ehrenberg, A. (2000). *La fatigue d'être soi: depression et société.* Paris: Odile Jacob. (Trabalho original publicado em 1998).

Figueiredo, L. C. (2008). O caso-limite e as sabotagens do prazer. *In: Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea.* (p. 77-107). São Paulo: Escuta (Trabalho original publicado em 2003).

Figueiredo, L. C., & Cintra, E. U. (2004). Lendo André Green: o trabalho do negativo e o paciente limite. *In: M. Cardoso (org.). Limites.* (pp. 13-58). São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1996). A negativa. *In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 19, p. 265-269). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

Garcia, C. (2010a). Os estados-limites e o trabalho do negativo: uma contribuição de A. Green para a clínica contemporânea. *In: M. Cardoso & C. Garcia (orgs.). Entre o Eu e o Outro: espaços fronteiraços.* (pp. 91-101). Curitiba: Juruá. (Trabalho original publicado em 2007).

Garcia, C. (2010b). Trauma e narcisismo negativo: questões para a clínica contemporânea. *In: M. Cardoso & C. Garcia (orgs.). Entre o Eu e o Outro: espaços fronteiraços.* (pp. 65-75). Curitiba: Juruá. (Trabalho original publicado em 2005).

Garcia, C. (2010c). Continuidade e ruptura no processo de constituição psíquica. *In: M. Cardoso & C. Garcia (orgs.). Entre o Eu e o Outro: espaços fronteiraços.* (pp. 29-46). Curitiba: Juruá. (Trabalho original publicado em 2009).

Garcia, C. (2011). A face clínica do indivíduo insuficiente. *In: M. Cardoso & E. Marraccini (Orgs.). Limites de Eros.* No prelo.

Green, A. (1982). La double limite. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 25, 267-283.

Green, A. (1988a). A psicanálise e modos comuns de pensamento. *In: Sobre a loucura pessoal.* (pp. 2-35). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1979).

Green, A. (1988b). A pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. *In: A pulsão de morte.* (pp. 53-64). São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1986c).

Green, A. (1988c). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. *In: Sobre a loucura pessoal.* (pp. 36-65). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975).

Green, A. (1988d). O conceito de fronteiroço. *In: Sobre a loucura pessoal.* (p. 66-89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1977).

Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites.* Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1986a).

Green, A. (2010a). *O trabalho do negativo.* Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1993).

Green, A. (2010b). O trabalho do negativo. *In: O trabalho do negativo.* (pp. 289-294). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1986b).

Green, A. (2010c). Seminário sobre o trabalho do negativo. *In: O trabalho do negativo.* (pp. 301-305). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1988).

Kernberg, O. (1975). Borderline personality organization. *In: Borderline conditions and pathological narcissism.* (pp. 641-685). New York: Jason Aronson. (Trabalho original publicado em 1967).

Marty, P. & M'uzan, M. (1963). O pensamento operatório. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 28, 165-174.

Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation.* Paris: PUF.

Winnicott, D. (1975). A localização da experiência cultural. *In: O brincar e a realidade.* (pp. 133-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).

Winnicott, D. (1979). A capacidade de estar só. *In: O ambiente e os processos de maturação.* (pp. 31-37). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1958).

Winnicott, D. (2000a). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. *In: Da pediatria à psicanálise.* (pp. 254-276). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1949).

Winnicott, D. (2000b). O desenvolvimento emocional primitivo. *In: Da pediatria à psicanálise*. (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945).

Associação entre variáveis psicológicas e asma: uma revisão de literatura

The association between psychological variables and asthma: a literature review

Asociación entre variables psicológicas y asma: una revisión de la literatura

*Naiara França Silva**

Resumo

Esta pesquisa objetivou levantar os principais achados acerca da relação entre a asma em crianças e adolescentes e variáveis psicossociais e ou psicológicas, publicados em periódicos nacionais nos últimos 15 anos. Usou-se o método de revisão de literatura, enfocando estudos voltados para os aspectos psicológicos e sociais presentes no desencadeamento e ou agravamento da asma, considerando o paciente e a sintomatologia asmática como foco de investigação. Constatou-se que, de modo geral, os resultados confirmam a associação entre as variáveis psicológicas, desencadeamento de crises e agravamento de doença em indivíduos asmáticos. Tais resultados sugerem a necessidade de que novas propostas terapêuticas englobem o envolvimento de equipes multiprofissionais e os estudos reforçaram a importância de uma abordagem sistêmica do paciente asmático e seus familiares. Pesquisas futuras, com amostras maiores e com diferentes grupos de crianças com doenças crônicas, poderiam auxiliar a compreender melhor o impacto psicossocial destas sobre o desenvolvimento do indivíduo.

Palavras-chave: Asma, Variáveis psicossociais, Abordagem sistêmica.

Abstract

This research is aimed at assessing the main findings concerning the relationship between asthma in children and adolescents and psychosocial and/or psychological variables, which were published in national journals in the last fifteen years. We used the method of literature review, focusing on studies into the psychological and social aspects present in triggering and/or worsening of asthma, whereas asthma symptoms and the patient as a focus of investigation. It was found that overall, the results confirm the association between psychological variables, triggering crisis and worsening of disease in individuals with asthma. These results suggest the need for new therapeutic approaches that encompass the involvement

* Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), psicóloga. *E-mail:* naiarafs_psico@yahoo.com.br.

of multidisciplinary teams and studies reinforced the importance of a systems approach to asthma patients and their families. Future research with larger samples and with different groups of children with chronic diseases, could help to better understand the psychosocial impact of these on the development of the individual.

Keywords: Asthma, Psychosocial variables, Systemic approach.

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo plantear las principales conclusiones acerca de la relación entre el asma en niños y adolescentes y las variables psicosociales y/o psicológicas publicadas en revistas nacionales en los últimos 15 años. Se utilizó el método de revisión de la literatura, centrándose en los estudios dirigidos a los aspectos psicológicos y sociales presentes en el desencadenamiento o empeoramiento del asma y considerando al paciente y la sintomatología asmática como foco de la investigación. Se constató que, en general, los resultados confirman la asociación entre las variables psicológicas, surgimiento de crisis y empeoramiento de la enfermedad en pacientes asmáticos. Estos resultados sugieren la necesidad de que nuevos enfoques terapéuticos abarquen la participación de equipos multidisciplinarios, y los estudios reforzaron la importancia de un enfoque sistémico de los pacientes asmáticos y de sus familias. Estudios futuros, con muestras de mayor tamaño y con diferentes grupos de niños con enfermedades crónicas, podrían ayudar a comprender mejor el impacto psicosocial de dichas enfermedades en el desarrollo del individuo.

Palabras clave: Asma, Variables psicosociales, Enfoque sistémico.

A asma é uma doença crônica com diversas causas, sintomas e consequências para a saúde do doente. Atualmente essa doença representa um problema social de magnitude considerável, tornando-se relevante conhecê-la melhor por meio de estudos que venham a contribuir para uma efetiva melhoria da qualidade de vida dos asmáticos. Sobre a asma ativa, caracterizada pela constância de sintomas nos últimos 12 meses, Nogueira, Silva e Lopes (2009) citaram que há variabilidade na sua prevalência no mundo, variando de 1,6 a 36,8%, estando o Brasil em 8º lugar, com a prevalência média de 20%. Qualquer que seja a gravidade da asma, ocorre redução nos domínios físico, psicológico e social (Mello Filho, 2002; Nogueira, 2007).

A existência de uma doença crônica, a exemplo da asma, envolve um complexo processo de adaptação. Essa situação traz consigo um conjunto de alterações que podem desafiar a visão que o indivíduo tem de si, das suas capacidades e do mundo, o que inclui alterações de papéis sociais e profissionais, autocuidado, sofrimento físico e psicológico, por vezes, complexas e prolongadas (Matos & Machado, 2007). Em crianças e adolescentes, a presença de uma doença crônica pode afetar negativamente o desenvolvimento, por restringir a realização de atividades típicas da faixa etária, dificultar a socialização e o desenvolvimento da autoimagem positiva, além de aumentar a vulnerabilidade para transtornos comportamentais (Salomão Júnior, Miyazaki, Cordeiro, Domingos & Valério, 2008).

Várias pesquisas mostraram também a relevância de fatores psicológicos interferindo no manejo da asma. Ansiedade, depressão, negação da doença e presença de conflitos familiares têm sido associados à menor adesão ao tratamento e maior morbimortalidade (Campanha, Freire & Fontes, 2008). A maioria dos estudos sobre a associação de transtornos emocionais e comportamentais e asma realizados em crianças e adolescentes mostra que eles têm maior prevalência de transtornos emocionais do que a população geral (Alvim, Ricas, Camargos, Lasmar, Andrade *et al.*, 2008; Campanha, Freire & Fontes, 2008; Matos & Machado, 2008; Nogueira, Silva & Lopes, 2009; Salomão Júnior *et al.* 2008).

De acordo com Borba, Ribeiro, Ohara e Sarti (2009), a asma envolve não só o aspecto biológico, mas também as relações interpessoais em seus aspectos psicológicos e sociais, transformando-se em experiências difíceis, permeadas de sofrimento. Desse modo, entende-se que a participação de um componente emocional ou psicodinâmico no quadro da asma brônquica é um fenômeno marcante e bem conhecido. Tal componente emocional pode influir em três níveis do quadro asmático: no desencadeamento das crises, na persistência ou agravamento do sofrimento durante as crises ou períodos intercríticos e na resistência do tratamento (Lemle, 2010).

O componente psicológico dessas crises deve ser bem estudado pelos profissionais de saúde que interagem com pessoas com asma, objetivando o combate à ansiedade e ao sofrimento causado pelas limitações vivenciadas. Além da ansiedade decorrente da doença, aquela pode estar vinculada a outros fatores, que podem contribuir para o desencadeamento de crises, tais como um atendimento clínico insatisfatório, conflitos familiares e

falta de conhecimento sobre a asma. Portanto cabe ao profissional estar atento para razões psicológicas e psicossociais por parte do asmático, principalmente quando este estiver passando por longo período de sintomas ou crises repetidas. Como foi assegurado por Lemle (2010), os fatores psicológicos atuam na intercrise com consequências por vezes muito fortes, mantendo ou agravando o sofrimento e podendo conduzir à resistência ao tratamento.

Embora nem sempre sejam concordantes os resultados encontrados pelas diferentes investigações, torna-se cada vez mais evidente que os fatores psicossociais desempenham um papel importante na asma brônquica, quer como elemento precipitante das crises, quer na progressão da doença. Nesse cerne, concentra-se a importância de conhecer as principais contribuições de estudos existentes no Brasil a respeito de fatores psicológicos e sociais influentes no adoecimento/crise da asma, a fim de conduzir a uma abordagem sistêmica e interdisciplinar no tratamento de pacientes asmáticos.

No Brasil, pesquisas vêm sendo desenvolvidas com o objetivo de relacionar a asma a fatores psicológicos e psicossociais. No entanto não há uma síntese desses achados, como também não se sabe de que modo estão apresentadas as principais questões abordadas na literatura nacional. Sendo assim, percebe-se a existência de uma lacuna no que tange ao estado atual do conhecimento acerca da asma no âmbito dos estudos brasileiros, tornando-se pertinente, portanto, mapear as principais contribuições e investigações conduzidas dentro dessa temática.

Logo, o objetivo deste estudo é levantar os principais achados acerca da relação entre a asma em crianças e adolescentes, e variáveis psicossociais e ou psicológicas, publicados em estudos nacionais da Psicologia e ciências afins, indexados em algumas bases de dados eletrônicas brasileiras, nos últimos 15 anos. Além disso, pretende-se sistematizar as principais propostas executadas no que se refere a objetivos, método e abordagem de análise, revelando os mais comuns desenhos de estudo, questionamentos e conclusões apresentados pelos pesquisadores nesse campo de investigações.

Método

Empregou-se o método de revisão de literatura, realizando-se pesquisa em importantes bases de dados científicos brasileiros, disponíveis por via eletrônica e de acesso livre - Scielo (www.scielo.br) e Pepsic (pepsic.org).

bvsalud.org) - e nos bancos de dados de teses e dissertações, nas quais se buscaram trabalhos publicados até setembro de 2010, por meio da palavra-chave “asma”. Enfocaram-se todos os estudos resultantes do levantamento inicial, desde que fossem voltados para os aspectos psicológicos e sociais presentes no desencadeamento e ou agravamento da asma em crianças e adolescentes, considerando o paciente e a sintomatologia asmática como foco de investigação. Para tanto, os critérios de exclusão foram: não ter sido realizado no Brasil, privilegiar o enfrentamento da equipe médica e não os pacientes, e envolver pacientes com outras doenças crônicas.

De acordo com os parâmetros mensurados, os trabalhos foram subdivididos em três grupos: a) relação entre construtos psicológicos e a asma; b) influência de fatores sociais e ou psicossociais na doença; e c) influência de fatores biopsicossociais na asma.

Consideraram-se construtos psicológicos os aspectos emocionais que interferem na doença. A respeito dos fatores sociais e ou psicossociais, aglutinaram-se os estudos que visavam a investigar a influência destes na ocorrência da asma. Por fim, assinalaram-se como variáveis biopsicossociais aqueles estudos que buscaram englobar o contexto integral do paciente, caracterizando-se como uma dimensão mais interativa e complexa da funcionalidade entre dinâmicas psicológicas, biológicas e sociais, todas mutuamente influentes no adoecimento e ou manutenção da asma.

Resultados e discussão

Foram localizados, ao todo, 417 estudos ao se usar o termo “asma” nas bases de dados. Após a leitura dos resumos e eliminação de títulos incompatíveis com esta revisão, restaram 63 artigos, observando-se os critérios de inclusão e exclusão. Os 63 artigos pré-selecionados foram minuciosamente reavaliados quanto aos critérios estabelecidos (de inclusão e exclusão), sendo então excluídos 24, restando 38 a serem captados para esta revisão.

Para a exploração dos resultados e a discussão, inicialmente foi feito um apanhado dos estudos que buscaram analisar os aspectos psicológicos como fatores desencadeantes da asma, sendo, em seguida, levantados os trabalhos que enfocaram os aspectos psicológicos como agravantes da doença. No terceiro tópico, foram trazidos estudos voltados para a influência de fatores psicossociais nos asmáticos, sendo, por fim, apresentadas pesquisas que enfatizaram as variáveis biopsicossociais, conforme tabela 1.

Tabela 1 - Levantamento de publicações sobre asma encontradas nas bases de dados Scielo e Pepsic, no período entre junho e setembro de 2010, com a palavra-chave “asma”.

| Autor/ano | Tema de investigação | Amostra | Método Instrumentos e delineamentos |
|-----------------------|---|-------------|---|
| Rockenbach (1993) | Padrões de interação mãe-criança em díades com crianças asmáticas | 37 díades | O desenvolvimento físico, psicomotor e emocional das crianças foi avaliado por meio de uma entrevista com as mães. A interação mãe-criança e criança-estranha foi examinada por uma sessão de observações que foi filmada para posterior análise. |
| Peçanha (1997) | A reciprocidade de desenvolvimento entre a criança com asma e sua família | 10 sujeitos | Pesquisa comparativa. O exame psicológico compreendeu: a) entrevista com os pais; b) teste do desenho colorido da família; c) teste das fábulas com as crianças; d) entrevista estruturada familiar. |
| Rodrigues (1997) | Contribuições de técnicas de exame psicológico com crianças asmáticas e familiares | 20 sujeitos | Os instrumentos de avaliação usados foram: teste de apercepção temática infantil (CAT-A) e o desenho da figura humana (DHF) nas crianças; teste de apercepção temática (TAT); e entrevista semi-dirigida nas mães. |
| Rahim (2000) | Estudo da relação entre asma infantil e privação psicológica | 50 sujeitos | Aplicou-se entrevista dirigida com as mães. |
| Buzinari (2001) | Um estudo psicológico da asma em criança: considerações acerca da angústia e inibição presente nessa sintomatologia | 12 díades | Pesquisa na teoria freudiana e um estudo de casos, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas e análises pela escuta. |
| Salomão Júnior (2001) | Competência Social e transtornos comportamentais em crianças portadores de asma moderada e grave | 62 sujeitos | Foram utilizados na obtenção dos dados uma ficha de identificação, uma ficha de dados clínicos e um instrumento que avalia competência social e transtornos comportamentais - child behavior checklist (CBCL). |

| Autor/ano | Tema de investigação | Amostra | Método Instrumentos e delineamentos |
|-----------------------|--|--------------|--|
| Santos (2001) | Aspectos emocionais, físicos e ambientais associados ao quadro de asma brônquica | 9 sujeitos | Estudo descritivo realizado por meio de questionário sob forma de entrevista semidirigida e dois instrumentos psicológicos para avaliação do grau de ansiedade e depressão. |
| Oliveira (2002) | Função materna e os fenômenos psicossomáticos: reflexões a partir da asma infantil | 5 díades | Estudo de caso |
| Ribeiro et al. (2002) | Atopia, fumo passivo, infecções respiratórias e asma entre crianças do jardim de infância e da escola primária | 183 sujeitos | Estudo descritivo. Foi administrado um questionário contendo 31 questões aos responsáveis pelas crianças e realizados 88 testes cutâneos de alergia para inalantes nas crianças cujos pais haviam dado consentimento. |
| Borba e Sarti (2005) | A asma infantil e o mundo social e familiar da criança | 3 sujeitos | Estudo de caso de natureza qualitativa. As técnicas de coleta de dados foram a observação participante, a entrevista com roteiro prévio e o brinqueado terapêutico, que definiram os eixos em torno dos quais foi feita a análise. |
| Leão (2003) | Depressão e transtornos psiquiátricos menores em mães de crianças com asma | 240 sujeitos | Trata-se de um estudo transversal. Escalas BDI, versão brasileira de Andrade & Gorestein e a escala SRQ-20, validada para o Brasil por Mari & Willians. |
| Berenchtein (2004) | A influência do stress na expressão clínica da asma infantil | ----- | Utilizou-se a escala de stress infantil (Lipp & Lucarelli, 1998) e um questionário aplicado aos pais. |
| Castro (2004) | Alergias respiratórias e qualidade de vida: interface medicina e psicanálise | 100 sujeitos | Aplicação do questionário de QV SF-36. Foi analisado um caso clínico por meio do referencial psicanalítico de orientação lacaniana. |

| Autor/ano | Tema de investigação | Amostra | Método Instrumentos e delineamentos |
|----------------------------|--|--------------|---|
| Haidar (2004) | Aspectos clínicos, socioeconômicos e laboratoriais de crianças asmáticas atendidas em um hospital público de São Luís-MA | 169 sujeitos | Um questionário estruturado foi aplicado às mães, e amostras de sangue e fezes foram coletadas para análises laboratoriais. |
| Santos (2004) | Asma infantil: refletindo o cuidado materno | 7 sujeitos | Metodologia qualitativa, com estudo etnográfico, dado o referencial teórico proposto. |
| Lima, L. H. (2005) | Vivenciando o cuidar do filho asmático: respostas emocionais da mãe | 9 sujeitos | Pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, sendo realizada entrevista com os sujeitos de estudo. |
| Lima, L. M. (2005) | A criança com asma: estudo de adaptação psicológica e de algumas variáveis preditivas | 89 crianças | Os instrumentos de avaliação utilizados foram: school-age temperament inventory (SATI), teste das matrizes progressivas coloridas de Raven, subescala de avaliação da autoestima global de Harter, schoolagen coping strategies inventory de Ryan – Wenger e um questionário construído para estudo preenchido pela mãe ou cuidador principal da criança. |
| Mendonça & Ferreira (2005) | Adesão ao tratamento da asma na infância: dificuldades enfrentadas por cuidadoras | 10 sujeitos | Foram utilizados prontuários médicos, um roteiro de entrevista e a escala modos de enfrentamento de problemas. |
| Baldessar (2006) | Fatores de risco para asma e rinite em adolescentes de criciúma | 73 sujeitos | Todos responderam a um questionário sobre os fatores de risco e foram realizadas dosagens de IgE sérica, testes cutâneos de leitura imediata, citologia nasal e espirometria com broncodilatação; e aqueles com critérios de asma e espirometria normal realizaram broncoprovocação com metacolina. |

| Autor/ano | Tema de investigação | Amostra | Método Instrumentos e delineamentos |
|------------------------|---|----------------|---|
| Fregonese (2006) | Estudo sobre o psicodinamismo de pais de crianças atendidas em programa de alegrias respiratórias | ----- | Foram usados como instrumentos de investigação entrevistas semi-dirigidas e duas pranchas do teste de apercepção temática (TAT). |
| Resende (2006) | Identificação dos fatores associados ao atraso do desenvolvimento motor em crianças de um a quatro anos de idade com asma | 99 sujeitos | O desenvolvimento motor das crianças foi avaliado com o teste pediatric evaluation of disability inventory. Um questionário de saúde foi aplicado para verificar fatores biológicos relacionados ao atraso do desenvolvimento motor. |
| Valença et al. (2006) | Relação entre a gravidade da asma e comorbidade com transtornos de ansiedade e depressão | 62 sujeitos | Entrevista com a utilização do Mini-International Neuropsychiatric Interview 4.4 Version. |
| Aragão (2007) | Avaliação de qualidade de vida em crianças e adolescentes asmáticos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) em Recife-PE | ----- | Aplicação do questionário pediatric asthma quality of questionnaire - adaptado (PAQLQ-A) a crianças, adolescentes e aos pais. |
| Carmo (2007) | Transtornos mentais comuns em cuidadores de crianças asmáticas: um estudo transversal | ----- | Realizou-se um estudo de corte transversal. |
| Macedo et al. (2007) | Fatores de risco para a asma em adultos, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil | 1 968 sujeitos | Um estudo populacional e transversal, com aplicação de questionário. |
| Matos & Machado (2007) | Influência das variáveis biopsicossociais na qualidade de vida em asmáticos | 50 sujeitos | Para medir as variáveis sociodemográficas e clínicas, foi elaborada e usada uma ficha de informação clínica, recorrendo-se prioritariamente a entrevistas individualizadas com o doente e o médico responsável pelo seu acompanhamento. |

| Autor/ano | Tema de investigação | Amostra | Método Instrumentos e delineamentos |
|----------------------------------|---|--------------|--|
| Nogueira (2007) | Avaliação da qualidade de vida em adolescentes asmáticos | 210 sujeitos | Estudo transversal de base ambulatorial. Para avaliação da QV, usou-se um questionário auto-preenchível, o paediatric asthma quality of life questionnaire – PAQLQ. |
| Peçanha & Lacharite (2007) | Avaliação familiar sistêmica: sua validade com crianças asmáticas e suas famílias | 25 sujeitos | Medidas incluíram o protocolo AFS, o teste de desenho colorido da família com as crianças (TDCF) e uma entrevista semiestruturada com os pais (EP). |
| Alvim et al. (2008) | Prevalência de transtornos emocionais e comportamentais em adolescentes com asma | 464 sujeitos | Estudo transversal por meio de um questionário de transtornos psicológicos (strengths and difficulties questionnaire). |
| Campanha, Freire & Fontes (2008) | O impacto da asma, da rinite alérgica e da respiração oral na qualidade de vida de crianças e adolescentes | ----- | Levantamento bibliográfico. |
| Carvalho (2008) | Depressão e ansiedade em pacientes com asma e doença pulmonar obstrutiva crônica | 189 sujeitos | Os dados foram comparados com grupo controle, levando-se em consideração aspectos demográficos, funcionais e de gravidade. |
| Matos & Machado (2008) | Estudo da psicomanutenção da asma: as cognições como preditoras de emoções e comportamentos problemáticos associados à asma | 50 sujeitos | Utilizou-se modelo cognitivo-comportamental, por meio de instrumentos de medida de variáveis psicológicas (emoções e comportamentos) específicos para a doença asmática. |
| Nunes (2008) | Intervenções fisioterapêuticas num contexto lúdico junto a crianças com doenças respiratórias crônicas | 58 sujeitos | Empregou-se o método avaliativo-interventivo quase-experimental. |
| Ribeiro (2008) | Asma e psicossomática na infância: uma análise de publicações no periódico brasileiro “Jornal de pediatria” | ----- | Os artigos foram obtidos por meio do site (www.sbp.com.br) da Sociedade Brasileira de Pediatria, no link “Jornal de Pediatria”. |

| Autor/ano | Tema de investigação | Amostra | Método Instrumentos e delineamentos |
|--------------------------------|---|----------------|---|
| Salomão Júnior et al. (2008) | Asma, competência social e transtornos comportamentais em crianças e adolescentes | 124 sujeitos | Os pais das crianças responderam à versão brasileira do child behavior checklist. |
| Borba et al. (2009) | O mundo da criança portadora de asma grave na escola | 3 sujeitos | Estudo de caso qualitativo, utilizando observação participante, entrevista e brinquedo terapêutico dramático. |
| Bonfim (2009) | Violência no contexto familiar enquanto um fator de risco para a asma na infância | 1 078 sujeitos | Os dados foram coletados por meio de inquérito domiciliar, utilizando a conflict tactics scale – parent-child (CTSPC) e informações sobre a asma por meio do questionário ISAAC |
| Jucá (2009) | Prevalência e fatores de risco para asma em escolares de 13 a 14 anos na cidade de Cuiabá-MT | 3 342 sujeitos | Estudo transversal de base populacional com um estudo tipo caso-controle aninhado. Aplicação do questionário escrito modificado (QEM) do International Study of Asthma and Allergies in Childhood (ISAAC) |
| Lima (2009) | Asma e fatores de risco associados em adolescentes de 13 e 14 anos de idade da cidade de São Luís, Maranhão | 3 069 sujeitos | Estudo transversal com a metodologia do International Study of Asthma and Allergies in Childhood (ISAAC), utilizando-se questionário padronizado do ISAAC – Fase I e questionário complementar. |
| Nogueira, Silva & Lopes (2009) | Qualidade de vida em adolescentes asmáticos: avaliação da gravidade da asma, comorbidade e estilo de vida | 210 sujeitos | Utilizou-se questionário auto-preenchível, o paediatric asthma quality of life questionnaire. |

Aspectos psicológicos como fatores desencadeantes da asma

A asma constitui um risco em termos de adaptação e desenvolvimento psicológicos, principalmente ao que se refere a crianças e adolescentes. Segundo Salomão Júnior (2001), a presença de uma doença crônica na infância pode ser vista como um fator de impacto negativo sobre todo o processo de desenvolvimento, implicando restrições nas atividades habitualmente

realizadas pela maioria das crianças (Rahim, 2000). O estudo realizado por L. M. Lima (2005) contribuiu para uma maior compreensão do impacto da asma na adaptação da criança. Procurou-se caracterizar sob um ponto de vista psicológico as crianças com asma e suas famílias, avaliando dimensões do temperamento, inteligência, autoestima, estratégias de *coping*, bem como a situação de estresse vivida no ano anterior ao estudo.

Os resultados encontrados por L. M. Lima (2005) demonstraram que crianças com asma apresentam dois perfis distintos de adaptação psicológica. O perfil que indicou uma maior adaptabilidade era constituído por crianças que basicamente não apresentavam diferenças das crianças saudáveis, à exceção do *coping*. O estudo também apontou que as dimensões do temperamento, a eficácia percebida do *coping* e a autoestima constituem fatores preditores da adaptação psicológica da criança com asma.

Santos (2001) verificou, em seu trabalho, fatores que interferem no desenvolvimento e no agravamento de crises de asma, investigando aspectos emocionais envolvidos nessa patologia. Seus resultados permitem mostrar que as crises de asma estão intimamente vinculadas a fatores psicodinâmicos desenvolvidos em momentos específicos da vida de cada indivíduo e que, na amostra utilizada, os conflitos existenciais ocasionaram alta prevalência de ansiedade e dificuldade para enfrentar e ou resolver esse conflito.

Berenchtein (2004) investigou a influência do estresse na expressão clínica da asma e sua associação com as crises em crianças. Como resultado, observou-se que as crianças com asma estavam mais estressadas que as crianças do grupo controle, principalmente aquelas com maior gravidade da doença, o que pode indicar que a presença de estresse pode intensificar a frequência de sintomas da asma, a limitação à atividade física, o absenteísmo escolar e as interrupções do sono. O maior tempo de diagnóstico de asma implicou menor ocorrência de estresse, sugerindo a existência de um fator de adaptação à doença (Berenchtein, 2004). Com isso, pode-se inferir que o estresse é um fator importante no desencadeamento e agravamento das crises de asma nas crianças.

Os resultados encontrados nesses estudos dão indicativos de que a asma esteja vinculada a aspectos emocionais desenvolvidos em momentos específicos da vida do sujeito. Entre as variáveis mencionadas, o estresse foi citado como um fator importante no desencadeamento das crises, estando presente, principalmente, naqueles pacientes com maiores dificuldades de adaptação à doença.

A asma, desse modo, foi revelada pelos dados das pesquisas como uma doença psicossomática, ou seja, um tipo de doença caracterizado por Mello Filho (2002) como qualquer doença do corpo, isto é, física, que se inicia ou se potencializa pela ação de fatores psicossociais no seu desencadeamento, evolução e agravamento.

Aspectos psicológicos como fatores agravantes da doença

Matos e Machado (2008) investigaram a associação entre as cognições disfuncionais associadas à asma e outras variáveis psicológicas (emoções e comportamentos). Por cognições disfuncionais entendem-se distorções ou erros cognitivos relacionados às emoções e aos comportamentos, nesse estudo, ligados à asma. Os resultados encontrados sugerem que as cognições disfuncionais associadas à asma são preditoras de comportamentos/emoções problemáticos que ocorrem antes, durante e depois das crises asmáticas. Indicaram ainda que as cognições disfuncionais são preditoras de maiores níveis de sintomatologia “pânico/medo” e de atitudes negativas diante da doença asmática e ao seu tratamento (Matos & Machado, 2008).

Peçanha (1997), em estudo sobre a reciprocidade de desenvolvimento entre a criança com asma e sua família, verificou que as crianças com asma apresentaram muitos problemas na área do comportamento e dificuldades emocionais para vivenciar determinadas situações em suas famílias, quando comparadas às crianças sem problemas de saúde. Os mesmos resultados foram encontrados por outros estudos (Resende, 2006; Santos, 2001), ao assinalarem que aspectos emocionais, físicos e ambientais se associam ao quadro da asma brônquica.

Existem evidências de que a asma está associada ao aumento da presença de sintomas psiquiátricos e de transtornos mentais. Partindo desse pressuposto, Valença *et al.* (2006) realizaram um estudo buscando averiguar a frequência de transtornos de ansiedade e depressão em uma amostra de pacientes asmáticos ambulatoriais e observaram se há relação desse tipo de comorbidade com a gravidade da asma. Apesar da alta frequência de depressão, 20 pacientes (24,1%), e transtornos de ansiedade, 21 (33,8%), apenas 4 (6,5%) pacientes estavam em tratamento psiquiátrico e 13 (20,9%) estavam usando benzodiazepínicos (Valença *et al.*, 2006). Esses resultados sugerem a elevada comorbidade de transtornos de ansiedade e depressão em pacientes asmáticos, independente da gravidade da asma.

O trabalho apresentado por Carvalho (2008) objetivou verificar a presença de sintomas de ansiedade e depressão entre os portadores de asma e doença pulmonar obstrutiva crônica. Para tanto, foram avaliados e quantificados os sintomas de ansiedade e depressão de 189 pacientes, sendo que a frequência de sintomas de ansiedade e depressão foi maior que entre aqueles com doença pulmonar obstrutiva crônica, o que pode dificultar o controle clínico. O estudo realizado por Alvim *et al.* (2008) apontou para o fato de que adolescentes com asma têm mais sintomas de transtornos emocionais e comportamentais do que os adolescentes em geral. O presente trabalho reforça a necessidade de uma abordagem sistêmica (biopsicossocial), multi e interdisciplinar do adolescente com asma.

Nota-se a concordância nos trabalhos aludidos à necessidade de uma abordagem sistêmica e interdisciplinar no que se refere à asma. Citando os transtornos emocionais e comportamentais como fatores agravantes da doença (Buzinari, 2001), salienta-se a importância de uma maior investigação nos possíveis aspectos psicológicos que estejam contribuindo na manutenção da asma. Os estudos consultados evidenciam uma associação entre aspectos psicológicos e a gravidade da asma, pois apontam que atitudes negativas diante da doença podem interferir no seu tratamento (Mendonça & Ferreira, 2005). Dessa forma, esses trabalhos contribuem no sentido de incitar uma nova compreensão acerca da asma e suas causas, possibilitando o uso de intervenções adequadas às necessidades de cada paciente.

Influência de fatores sociais ou psicossociais na asma

Diante da etiologia diversa da asma infantil, os aspectos psicológicos vêm sendo reconhecidos como importantes para o desencadeamento e manutenção da doença. Como a criança é um ser em pleno processo de desenvolvimento físico e psíquico, além de suas próprias características, o papel da figura materna torna-se fundamental. Diferentes trabalhos (Leão, 2003; L. H. Lima, 2005; Oliveira, 2002; Rockenbach, 1993) apontam características comuns entre as crianças asmáticas, dificuldades das mães de relacionarem-se com seus filhos e a possibilidade de a dinâmica familiar perturbadora influenciar na asma infantil.

A asma é uma doença crônica mais comum na infância e tem um impacto psicossocial amplamente documentado, quer na criança, quer em sua família e em outros grupos de pertença. De tal modo, Rodrigues (1997) buscou avaliar características de um grupo de crianças asmáticas, suas respectivas mães e como estas vivenciam suas relações conjugais. Notou-se que as mães se perceberam

em situações conflituosas, não satisfazendo eficazmente suas necessidades, com sentimentos de inferioridade e desproteção, com dificuldades nas relações interpessoais e conjugais. As crianças apresentaram conflitos ameaçadores e primitivos, atribuindo ao mundo externo a insatisfação de suas necessidades, com representações interiorizadas desfavoráveis das figuras parentais, autoimagem empobrecida e dificuldades de lidar com agressividade.

Entre as enfermidades crônicas infantis, a asma ganha destaque no âmbito familiar porque interfere na rotina da criança e dos pais (Peçanha & Lacharite, 2007). As dificuldades emocionais dos pais impedem ajudar os filhos a amadurecerem, bloqueando tratamentos médicos e psicológicos (Fregonese, 2006). Considerando-se esses pressupostos, Fregonese pesquisou sobre o significado atribuído à maternidade e paternidade, além de investigar a associação entre o psicodinamismo de pais com a alergia respiratória do filho. Nesse estudo, as mães demonstraram a permanência de conflitos de uma forma imatura, pouco elaborados e demonstrando dificuldades em resolvê-los.

Carmo (2007) realizou um estudo visando a avaliar a influência de transtornos mentais maternos sobre a gravidade da asma infantil. Embora os valores encontrados não tenham sido estatisticamente significativos, encontrou-se que a condição de saúde mental materna está associada com a gravidade da asma, indicando que a presença de transtornos mentais comuns entre as mães contribuiu para a gravidade da doença.

O estudo realizado por Borba e Sarti (2005) apontou que a manifestação da asma mostra a necessidade de um tratamento interdisciplinar que contemple as dimensões biológica, psicológica e social na visão de uma assistência holista, que considere o paciente e sua família em seu mundo sociocultural. Dessa forma, os profissionais da saúde deverão contribuir para auxiliar a criança e a família a vivenciar a asma, como parte do processo dinâmico da vida.

A violência familiar contra a criança foi um tema recentemente inserido na literatura e tem se tornado relevante por ser um problema de saúde pública. Bonfim (2009) procurou estimar a associação entre a violência familiar perpetrada contra a criança e a ocorrência da asma. Idade materna jovem, suspeição de alcoolismo e baixa escolaridade foram características relacionadas a condições inadequadas de maternagem e têm sido associadas tanto à maior prevalência de asma quanto à violência familiar contra a criança.

De acordo com o que foi encontrado por L. H. Lima (2005), o momento da descoberta da doença é caracterizado por sentimentos de preocupação, dificuldade de lidar, mal-estar, tristeza, medo, susto e desespero. Para a mãe,

cuidar de uma criança asmática significa preocupação, anulação, sofrimento, isolamento, limitação na vida da criança e ampliação das medidas de higiene ambiental. Pode-se concluir que a asma interfere de modo contundente na vida dessas mães e dos filhos.

O trabalho feito por Haidar (2004) teve como finalidade avaliar as características clínicas, socioeconômicas e laboratoriais dos pacientes asmáticos e averiguar a associação entre elas. Os principais fatores desencadeantes de crises foram as infecções de vias aéreas superiores, a poeira doméstica, as alterações climáticas e os exercícios físicos. As formas intermitentes e persistentes leves de asma ocorreram em 68,7% dos pacientes, e a rinite foi a doença alérgica mais frequentemente a elas associada, assim como no estudo realizado por Baldessar (2006) sobre os fatores de risco para a asma. Ribeiro, Furuyama, Schenkman e Jardim (2002) também encontraram resultados semelhantes, buscando uma associação entre infecções respiratórias e asma entre crianças mais novas.

Com o objetivo de avaliar a prevalência e fatores de risco para a asma na população adulta, Macedo *et al.* (2007) conduziram um estudo populacional e transversal em Pelotas, no Rio Grande do Sul. A prevalência de “sintomas atuais de asma” foi de 6%. Os resultados salientaram a variação na prevalência de asma com diferentes critérios diagnósticos e que fatores genéticos, sociais e relacionados ao estilo de vida são relevantes na ocorrência da doença. A medida de qualidade de vida como um marcador de saúde vem sendo cada vez mais usada em vários estudos científicos no âmbito mundial, principalmente na avaliação de doenças crônicas (Aragão, 2007; Nogueira, 2007). Partindo de tal proposta, Nogueira, Silva e Lopes (2009) avaliaram a qualidade de vida de adolescentes asmáticos e sua associação com a gravidade da asma, doenças crônicas e estilo de vida. A qualidade de vida foi considerada ruim em metade dos adolescentes asmáticos de ambos os sexos. Dos meninos, 57% apresentavam qualidade de vida ruim, enquanto, nas mulheres, essa porcentagem era de 46%, mas essa diferença não foi estatisticamente significativa. Esse estudo observou um declínio na qualidade de vida em todos os graus de gravidade de asma (leve, moderada e grave), sendo que houve uma maior associação entre asma grave e pior qualidade de vida.

A partir desses pressupostos, entende-se que fatores ambientais vêm sendo vinculados ao desencadeamento de crises em pacientes asmáticos. Essa inferência advém de dados que indicam fatores sociais implicados nesse processo, tais como uma relação familiar conturbada, disfunção na díade mãe-filho, questões emocionais dos pais e implicações no desempenho escolar, o que resulta, por sua vez, em prejuízos na qualidade de vida do

asmático. Esses dados revelam esses fatores sociais como importantes meios de influência no surgimento e ou gravidade da asma.

Influência de variáveis biopsicossociais em asmáticos

A asma caracteriza-se como uma doença crônica que tem uma etiologia multifatorial, na qual fatores orgânicos e ou hereditários se combinam com fatores ambientais e psicológicos. Assim, a asma brônquica é uma doença complexa e interfere com a qualidade de vida desses doentes (Aragão, 2007; Breda, Freitas, Pizzichini, Agostinho & Pizzichini, 2009). Nessa conjectura, Matos e Machado (2007) pretenderam estudar a relação das variáveis sociodemográficas (gênero, idade e grau de instrução), clínicas (gravidade da doença, duração e tipo clínico) e psicológicas (cognições, emoções e comportamentos) com a qualidade de vida do doente asmático. De um modo geral, os resultados dos estudos realizados (Matos & Machado, 2007; Nunes, 2008; Ribeiro, 2008) confirmaram a associação entre as variáveis sociais, clínicas e psicológicas e os níveis de qualidade de vida dos doentes asmáticos, que se relacionam com um conjunto de variáveis que podem ser denominadas como biopsicossociais (idade, gênero, estatuto socioeconômico).

Os fatores determinantes do aparecimento de manifestações clínicas na asma constituem-se em fatores de risco. Estes são vários e podem ser denominados de maneiras diferentes: fatores predisponentes, que favorecem o aparecimento da doença; fatores causadores, que causam ou determinam o início da doença; fatores desencadeantes, que desencadeiam as exacerbações ou as crises da asma; e, ainda, os fatores agravantes, que podem piorar ou agravar os sintomas já presentes (Jucá, 2009; Lima, 2009). Alguns fatores, muitas vezes, podem atuar, tanto no desencadeamento como no agravamento dos sintomas.

Os dados apresentados pela pesquisa reforçam a importância de se desenvolverem programas de intervenção psicológica que visem a facilitar a adaptação da pessoa à realidade da doença, promovendo a sua qualidade de vida. De igual modo, sublinha a necessidade de se efetuar uma avaliação biopsicossocial, tendo em conta capacidades funcionais, aspectos psicológicos e o funcionamento social desses doentes, o que permitirá desenhar intervenções que melhor se ajustem a cada doente e às suas necessidades.

Esses casos exemplificam com clareza um parâmetro de compreensão da asma brônquica: a correlação entre a dinâmica psicossomática e a periodicidade ou gravidade das crises, como ainda a relação entre dimensões

psicológicas e sociais e a intensidade do sofrimento e a realidade do fenômeno orgânico da asma. Para repensar a asma na sua globalidade, torna-se necessário buscar uma concepção biopsicossocial. Essas dimensões interagem e estão permanentemente ligadas.

Considerações finais

Neste estudo, buscou-se levantar os principais achados acerca da relação entre asma e variáveis psicossociais e ou psicológicas, publicados em periódicos e banco de dados nacionais da Psicologia e ciências afins. Com o levantamento, constatou-se que, de um modo geral, os resultados confirmam a associação entre as variáveis psicológicas nos doentes asmáticos.

Com base nos resultados encontrados, evidencia-se que, ao avaliar quais variáveis influenciam a qualidade de vida relacionada com a asma, autores verificaram que a ansiedade constituía o seu principal preditor. Foi também demonstrado que dificuldades no âmbito das relações precoces com as figuras parentais são potencializadoras do desencadeamento da asma em crianças e que, para além de predispor e precipitar o desenvolvimento da asma, níveis elevados de estresse também se relacionam a uma pior qualidade de vida.

O ajustamento psicológico dos pais, em especial da mãe, é outro aspecto que apareceu como fator que influencia a resposta da criança à asma. Foi também demonstrado que a presença de sintomas depressivos na mãe está associada a uma série de crenças e atitudes que afetam de forma negativa o controle da asma dos seus filhos, nomeadamente a adesão ao tratamento e a utilização inadequada dos serviços de saúde.

As crianças e os adolescentes com asma apresentaram alterações na competência social global e competência social relacionada a atividades cotidianas e escola. Apresentaram ainda transtornos globais e internalizantes, que podem prejudicar o seu desenvolvimento, sua qualidade de vida, a adesão ao tratamento e o manejo adequado da doença. Esses resultados sugerem que novas propostas terapêuticas englobem o envolvimento de equipes multiprofissionais, e os estudos reforçaram a necessidade de uma abordagem sistêmica do paciente asmático e seus familiares.

Pesquisas futuras, com amostras maiores e com diferentes grupos de crianças com doenças crônicas, poderiam auxiliar a compreender melhor o impacto psicossocial destas sobre o desenvolvimento. Além disso, estudos longitudinais são necessários para esclarecer as interações entre as variações presentes no desenvolvimento normal e as variações decorrentes da presença

da asma, tanto para a criança como para a família. Uma melhor compreensão da associação entre asma e variáveis psicológicas mostra-se fundamental para promover o desenvolvimento saudável dos asmáticos.

Referências

Alvim, C. G., Ricas, J., Camargos, P. A. M., Lasmar, L. M. B. L. F., Andrade, C. R. & Ibiapina, C. C. (2008). Prevalência de transtornos emocionais e comportamentais em adolescentes com asma. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, 34 (4), 196-204.

Aragão, L. J. L. (2007). *Avaliação de qualidade de vida em crianças e adolescentes asmáticos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) em Recife-PE*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Baldessar, M. Z. (2006). *Fatores de risco para asma e rinite em adolescentes de Criciúma*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Universidade do Extremo-Sul Catarinense, Criciúma.

Berenchtein, B. (2004). *A influência do stress na expressão clínica da asma infantil*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.

Bonfim, C. B. (2009). *Violência no contexto familiar enquanto um fator de risco para sintomas asmáticos*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Borba, R. I. H., Ribeiro, C. A., Ohara, C. V. S. & Sarti, C. A. (2009). O mundo da criança portadora de asma grave na escola. *Acta paulista de enfermagem*, 22 (Especial – 70 anos), 921-927.

Borba, R. I. H. & Sarti, C. A. (2005). A asma infantil e o mundo social e familiar da criança. *Revista Brasileira de Alergia e Imunopatologia*, 28 (5), 249-254.

Breda, D., Freitas, F. F., Pizzichini, E., Agostinho, F. R. & Pizzichini, M. M. M. (2009). Prevalência de sintomas de asma e fatores de risco associados em adolescentes escolares de 13 e 14 anos dos municípios de Tubarão e Capivari

de Baixo, Santa Catarina, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 25 (11), 2497-2506.

Buzinari, M. (2001). *Um estudo psicológico da asma em criança: considerações acerca da angústia e inibição presente nessa sintomatologia*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Campanha, S. M. A., Freire, L. M. S. & Fontes, M. J. F. (2008). O impacto da asma, da rinite alérgica e da respiração oral na qualidade de vida de crianças e adolescentes. *Revista Cefac*, 10 (4), 513-519.

Carmo, M. B. B. (2007). *Transtornos mentais comuns em cuidadores de crianças asmáticas: um estudo transversal*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Carvalho, N. S. S. (2008). *Depressão e ansiedade em pacientes com asma e doença pulmonar obstrutiva crônica*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Castro, R. C. (2004). *Alergias respiratórias e qualidade de vida: interface medicina e psicanálise*. Dissertação de mestrado em Alergia e Imunopatologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Fregonese, A. A. (2006). *Estudo sobre o psicodinamismo de pais de crianças atendidas em programa de alegrias respiratórias*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, São Paulo.

Haidar, D. M. C. (2004). *Aspectos clínicos, socioeconômicos e laboratoriais de crianças asmáticas atendidas em um hospital público de São Luís-MA*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

Jucá, S. C. B. M. P. (2009). *Prevalência e fatores de risco para asma em escolares de 13 a 14 anos na cidade de Cuiabá-MT*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

Leão, L. L. (2003). *Depressão e transtornos psiquiátricos menores em mães de crianças com asma*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

Lemle, A. (2010). Aspectos psicossomáticos em pacientes com asma

brônquica. In: J. de Mello-Filho (2010). *Psicossomática Hoje*. (2. ed.). Porto Alegre: Artmed.

Lima, L. M. M. (2005). *A criança com asma: estudo de perfis de adaptação psicológica e de algumas variáveis preditivas*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Porto, Porto.

Lima, L. H. O. (2005). *Vivenciando o cuidar do filho asmático: respostas emocionais da mãe*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Enfermagem Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Lima, W. L. (2009). *Asma e fatores de risco associados em adolescentes de 13 e 14 anos de idade da cidade de São Luís, Maranhão*. Dissertação de Mestrado em Saúde Materno-Infantil, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

Macedo, S. E. C., Menezes, A. M. B., Knorst, M., Dias-da-Costa, J. S., Gigante, D. P., Olinto, M. T. A. & Fiss, E. (2007). Fatores de risco para a asma em adultos, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 23 (4), 863-874.

Matos, A. P. S. & Machado, A. C. C. (2007). Influência das variáveis biopsicossociais na qualidade de vida em asmáticos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (2), 139-148.

Matos, A. P. S. & Machado, A. C. C. (2008). Estudo da psicomanutenção da asma: as cognições como preditoras de emoções e comportamentos problemáticos associados à asma. *Psicologia USP*, 19 (3), 393-413.

Mello Filho, J. (2002). *Concepção psicossomática: visão atual*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Mendonça, M. B. & Ferreira, E. A. P. (2005). Adesão ao tratamento da asma na infância: dificuldades enfrentadas por cuidadoras. *Revista brasileira de crescimento desenvolvimento humano*, 15 (1), 56-68.

Nogueira, K. T. (2007). *Avaliação da qualidade de vida em adolescentes asmáticos*. Tese de doutorado, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Nogueira, K. T., Silva, J. R. L. & Lopes, C. S. (2009). Qualidade de vida em adolescentes asmáticos: avaliação da gravidade da asma, comorbidade e estilo de vida. *Jornal de Pediatria*, 85 (6), 523-530.

Nunes, J. A. (2008). *Intervenções fisioterapêuticas num contexto lúdico junto a crianças com doenças respiratórias crônicas*. Dissertação de mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.

Oliveira, A. de. (2002). *Função materna e os fenômenos psicossomáticos: reflexões a partir da asma infantil*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação de Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Peçanha, D. L. (1997). *A reciprocidade de desenvolvimento entre a criança com asma e sua família*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Peçanha, D. L. A. & Lacharite, C. (2007). Avaliação familiar sistêmica: sua validade com crianças asmáticas e suas famílias. *Psicologia em estudo*, 12 (3), 503-512.

Rahim, M. A. A. (2000). *Estudo da relação entre asma infantil e privação psicológica*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Resende, V. D. G. (2006). *Identificação dos fatores associados ao atraso do desenvolvimento motor em crianças de um a quatro anos de idade com asma*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Ribeiro, S. A., Furuyama, T., Schenkman, S. & Jardim, J. R. B. (2002). Atopia, fumo passivo, infecções respiratórias e asma entre crianças do jardim de infância e da escola primária. *São Paulo Medical Journal*, 120 (4), 109-112.

Ribeiro, A. E. (2008). *Asma e psicossomática na infância: uma análise de publicações no periódico brasileiro "Jornal de pediatria"*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Rockenbach, D. L. P. (1993). *Padrões de interação mãe-criança em díades com crianças asmáticas*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Rodrigues, R. S. (1997). *Contribuições de técnicas de exame psicológico com crianças asmáticas e familiares*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Salomão Júnior, J. B. (2001). *Competência Social e transtornos comportamentais em crianças portadores de asma moderada e grave*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto.

Salomão Júnior, J. B., Miyazaki, M. C. O. S., Cordeiro, J. A., Domingos, N. A. M. & Valério, N. I. (2008). Asma, competência social e transtornos comportamentais em crianças e adolescentes. *Estudos em Psicologia*, 25 (2), 185-192.

Santos, E. C. dos. (2001). *Aspectos emocionais, físicos e ambientais associados ao quadro de asma brônquica*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação de Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.

Santos, R. C. A. N. (2004). *Asma infantil: refletindo o cuidado materno*. Dissertação de mestrado em Educação em Saúde, Centro de Ciências da Saúde, Universidade de Fortaleza, Ceará.

Valença, A. M., Falcão, R., Freire, R. C., Nascimento, I., Nascentes, R., Zin, W. A. & Nardi, A. E. (2006). Relação entre a gravidade da asma e comorbidade com transtornos de ansiedade e depressão. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28 (3), 206-208.

Avaliação de desempenho por competências: sob avaliação dos empregados

Performance evaluation through skills: the evaluation of employees

Evaluación del desempeño por competencias: bajo la evaluación de los empleados

*Amanda Maria Marques Pimenta**

*Patrícia Pinto de Paula***

Resumo

Este trabalho descreve uma pesquisa acerca dos sentidos que empregados atribuem a um sistema de avaliação de desempenho por competências. O objetivo principal foi compreender a influência desse sistema na relação de prazer ou sofrimento que os empregados estabelecem com o trabalho. Sua realização, inspirada pela psicodinâmica do trabalho, convidou os empregados a analisarem o processo de avaliação de desempenho a que estão submetidos. Por subsidiar práticas de reconhecimento e desenvolvimento profissional, a avaliação de desempenho por competências foi analisada como parte do próprio trabalho, influenciando o exercício das atividades e mobilizando as relações intersubjetivas. A intervenção permitiu aos profissionais refletir criticamente sobre o modelo de avaliação de desempenho proposto pela organização. Os resultados indicam o reconhecimento da avaliação como prática importante, capaz de se mostrar como direcionadora do desenvolvimento profissional. As críticas são sobre associação entre processo avaliativo e remuneração, gerando desgastes tanto para avaliadores quanto para sujeitos avaliados.

Palavras-chave: Avaliação de desempenho por competências, Psicodinâmica do trabalho, Reconhecimento.

Abstract

This paper describes research on the meanings that employees attach to a system of performance evaluation through skills. The main objective was to understand the influence of this system in respect to pleasure or suffering that employees have with work. Their accomplishment inspired by the 'Psychodynamics of Work' invited employees to analyze the evaluation system which they are submitted. The Performance

* Mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC Minas, especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho (IEC / PUC Minas), bolsista Capes. E-mail: amandamarquespimenta@yahoo.com.br.

** Doutora em Psicologia Social e do Trabalho pela USP; professora de Saúde Mental e Trabalho no curso de Pós-graduação em Psicologia Organizacional e do Trabalho, no IEC/ PUC Minas. E-mail: patriciapintodepaula@gmail.com.

Evaluation through skills was analyzed as part of the work because it subsidizes other practices of recognition and development, influencing the performance and mobilizing inter-subjective relations. The intervention allowed the group of professionals to reflect critically on the model performance evaluation by competencies proposed by the organization. The results indicate the recognition of evaluation as practical important that can be shown as guiding professional development. The critics are on the association between the evaluation process and remuneration, generating fatigue for both evaluators and subjects evaluated.

Keywords: Performance evaluation by skills, Psychodynamics of work, Recognition.

Resumen

Este trabajo describe una investigación sobre los sentidos que los empleados atribuyen a un sistema de evaluación de desempeño por competencias. El objetivo principal era entender la influencia de este sistema en la relación del placer o sufrimiento que los empleados establecen con el trabajo. Su realización, inspirada en la psicodinámica del trabajo, invitó a los empleados a analizar el proceso de evaluación de desempeño al que están sometidos. Por subsidiar prácticas de reconocimiento y desarrollo profesional, la evaluación de desempeño por competencias se analizó como parte del propio trabajo que influye en el ejercicio de las actividades y moviliza las relaciones intersubjetivas. La intervención ayudó a los profesionales a reflexionar de manera crítica sobre el modelo de evaluación de desempeño propuesto por la organización. Los resultados indican el reconocimiento de la evaluación como una práctica importante, capaz de mostrar cómo orientar el desarrollo profesional. Las críticas se refieren a la relación entre la remuneración y el proceso de evaluación, lo que genera desgaste tanto para los evaluadores como para los sujetos evaluados.

Palabras clave: Evaluación del desempeño por competencia, Psicodinámica del trabajo, Reconocimiento.

Este trabalho se propõe a analisar os sentidos que os empregados atribuem à avaliação de desempenho por competências, à luz das premissas da Teoria da Psicodinâmica do Trabalho, de Christophe Dejours. A problemática central deste trabalho é tentar entender as relações que os profissionais de uma empresa fazem entre avaliação de desempenho e prazer ou sofrimento

no trabalho. Prazer e sofrimento estão diretamente associados à dinâmica de reconhecimento conduzida, ou impedida, entre hierarquia e subordinados, e entre pares, colegas e usuários, clientes do trabalho realizado (Dejours, 2008a; 2008b).

O estudo parte do pressuposto de que a avaliação de desempenho por competência é uma ferramenta de gestão de pessoas que é perpassada por diversos elementos da organização do trabalho. A organização do trabalho pode desencadear sofrimento psíquico ou ser fonte de prazer e equilíbrio para os trabalhadores (Dejours, 2008a). Para esse autor, a organização do trabalho é composta pela divisão das tarefas, que consiste no conteúdo das tarefas, e pela divisão de poder entre os homens, que engloba as relações entre as pessoas.

A gestão por competências, na qual se insere a avaliação de desempenho por competências, propõe-se a ser um modo mais satisfatório de atrair, reter, avaliar, promover e valorizar as pessoas, pois procura focar nas características e resultados individuais, deixando em plano secundário o tradicional e padronizado modelo de cargos (Dutra, 2004).

Pressupõe-se que a avaliação de desempenho articula os dois aspectos da organização do trabalho, uma vez que se mostra como uma prescrição, definindo quais são as entregas que cada empregado deve efetuar e como esse investimento deve ser realizado, e que sua aplicação permite analisar as relações instituídas e sua forma de funcionamento.

A pesquisa proposta parte da questão de que a gestão por competência deve atender não apenas às demandas das organizações, mas também às necessidades dos empregados. A tentativa de compreender o ponto de vista dos empregados contribui para o investimento dos anseios organizacionais e dos trabalhadores, o que parece ser essencial para a manutenção da própria gestão. Sobretudo para que o processo de avaliação possa cumprir a função de colaborar para a construção da relação de confiança e com maior transparência, o que sempre é um grande desafio para as relações humanas no mundo do trabalho. Isto é, avaliação de desempenho nessa perspectiva pode vir a se tornar um elemento dinamizador, ou não, do reconhecimento hierárquico pelo trabalho apresentado pelos profissionais avaliados.

Avaliação de desempenho por competências

A avaliação de desempenho consiste num meio de desenvolvimento dos recursos humanos, que permite definir o grau de contribuição de cada empregado para a organização, identificar empregados com qualificação

superior à requerida pelo cargo, verificar a contribuição dos programas de treinamento para a melhoria do desempenho, promover o autoconhecimento e o autodesenvolvimento dos empregados, obter informações para definir o perfil requerido dos ocupantes dos cargos, obter subsídios para remuneração e promoção, e embasar a elaboração de planos de ação para desempenhos insatisfatórios (Gil, 2009). Desta feita, um dos resultados da avaliação de desempenho por competências, para as relações intersubjetivas no trabalho, seria explicitar e formalizar o processo de reconhecimento.

Os instrumentos de avaliação de pessoas funcionam como um parâmetro de checagem para orientação dos profissionais e também têm um papel importante na comunicação para os indivíduos sobre o que a empresa espera deles. Ao traduzirem os critérios (comportamentos, atitudes, conhecimentos, etc.) valorizados pela organização, são capazes de orientar os trabalhadores para a execução de seu trabalho hoje e para o que deles é esperado no futuro. Essa especificação das regras do jogo permite a auto-orientação das pessoas na execução de seu trabalho, bem como um *feedback* dirigido e mais equânime por parte dos gestores (Fernandes & Hipólito, 2008).

O modelo de gestão de desempenho proposto pela organização e apresentado neste artigo é baseado no conceito de competências individuais, que vincula as ideias tradicionais de conhecimento, habilidade e atitude à noção de entrega, enfatizando que o que deve ser avaliado é aquilo que o empregado entrega efetivamente para a instituição, ou seja, os resultados do trabalho executado (Dutra, 2004).

O trabalho é uma das áreas da vida em que se pode influir como facilitador recíproco do processo de construção e, ter retorno sobre o que se faz é instituinte da saúde como também da produtividade (Bergamini, 2008). Uma dinâmica de realização e reconhecimento é, ou não, organizativa da vida. Nessa perspectiva, a avaliação de desempenho, em termos institucionais, pode ser caracterizada como o processo que pode prover oportunidades mais definidas de entendimento entre as pessoas, objetivos institucionais. Uma sistemática que focaliza o processo entre dedicação, trabalho e resultados previamente determinados. Para essa autora, o processo implica menos na criação de um instrumental técnico sofisticado e mais no desenvolvimento de uma atmosfera em que as pessoas possam relacionar-se umas com as outras de maneira mais confiante.

Já para Dejours (2004; 2008b), apesar de a hegemonia das ciências experimentais apontarem para o fato de que tudo é avaliável, há certa impossibilidade de legitimidade e justiça nos sistemas de avaliações. O

autor parte da premissa de que, como o essencial do trabalhar revela algo da subjetividade, o que é avaliado não corresponde ao trabalho, ou seja, para a psicodinâmica, o trabalho é o que se produz, aquilo que se cria mediante um enigma. Desta feita, o trabalho real escaparia a toda e qualquer avaliação de desempenho.

Cabe questionar essa impossibilidade, buscando entender se não haveria possibilidades de conjugar, no processo avaliativo, interesses organizacionais e dos trabalhadores. Nesse sentido, a realização desta pesquisa traz uma contribuição considerável, uma vez que cria um espaço de discussão coletiva sobre um sistema de avaliação de desempenho, buscando compreender, por meio da escuta dos próprios trabalhadores, o que eles pensam sobre o processo e sua utilização pela organização, questionando, inclusive, a necessidade de sua existência.

Articulação entre a perspectiva teórica e o campo de pesquisa

A psicodinâmica do trabalho privilegia a fala, especialmente a coletiva. Trata-se de uma abordagem que se apresenta como um modo de colocar o trabalho em análise, sendo um processo de tradução de seus aspectos visíveis e invisíveis, que expressam uma dinâmica particular, inserida numa intersubjetividade própria de cada contexto organizacional e ou institucional. Institui-se a possibilidade de acesso aos processos de subjetivação, às vivências de prazer e sofrimento, às mediações e ao processo de saúde-adoecimento em relação ao trabalho realizado (Mendes, 2007).

Nesse sentido, a realização dessa pesquisa à luz das considerações da psicodinâmica do trabalho coloca em discussão o modelo de gestão de desempenho proposto pela organização em análise pela via da reflexão crítica de um coletivo de trabalho. Os trabalhadores, convidados a um processo ativo de reflexão, analisaram o modelo de avaliação, num movimento de apropriação crítica e propositiva, o que fez com que esta pesquisa tivesse também um caráter de intervenção.

A pesquisa foi realizada em uma unidade de uma empresa que será resumidamente descrita para, em seguida, apresentarmos os resultados a que chegamos até o momento.

Por ser uma sociedade de economia mista, tendo como acionista majoritário o Estado de Minas Gerais, a organização, aqui denominada Companhia Copa, é constituída por uma associação de características dos setores público e privado. Dentro desse contexto, os empregados são

selecionados e admitidos por concurso público, normalmente no estágio inicial da carreira. Tradicionalmente, a Copa tem uma baixa rotatividade de empregados, o que faz com que a maioria das pessoas desenvolva toda a sua trajetória profissional na organização. Tal fato coloca em destaque a importância do desenvolvimento profissional dos empregados.

Dentro desse contexto, a avaliação de desempenho por competências é o ponto central da gestão de desempenho assim denominada, por abarcar, além da avaliação em si, a elaboração de acordos de desenvolvimento individual. Essa fase engloba a orientação e a capacitação dos avaliadores para o processo de *feedback*, a elaboração de uma metodologia e de um sistema de informática específico e desenvolvido na própria empresa para o registro das ações de desenvolvimento propostas e monitoramento do cumprimento ou não destas.

O processo é parte de um modelo de gestão integrada, sendo que seus resultados subsidiam uma série de outras práticas da área de recursos humanos, como os programas de gestão sucessória, as trilhas de desenvolvimento da Universidade Corporativa e as alterações salariais e funcionais do plano de cargos e remuneração. O foco da pesquisa voltou-se para avaliação de desempenho.

A implantação desse modelo de avaliação por competências vem ocorrendo de maneira gradativa, sendo inicialmente realizada a avaliação de competências básicas ou comportamentais, denominadas competências essenciais, dos resultados corporativos e do tempo de trabalho na instituição. Esse tempo de trabalho na organização foi excluído do processo, após a constatação de que o conceito de competência, que valoriza o mérito, não está necessariamente vinculado ao tempo de serviço.

A partir de 2009, o processo foi aprimorado por meio da inclusão da avaliação de competências técnicas. O formato atual é composto por essa avaliação, pela avaliação de competências essenciais e pelos resultados corporativos, modelo que compôs o objeto de análise do estudo aqui apresentado.

Os sujeitos envolvidos no estudo são os empregados de nível médio e superior da organização. A realização da pesquisa consistiu na formação de quatro grupos, num total de 23 empregados, cujas características consideradas foram o tempo de trabalho na organização e o nível de escolaridade exigido para o desempenho do cargo. Sendo assim, as pessoas foram convidadas e, conforme o aceite, formaram-se os grupos compostos por empregados com menos de dez anos de serviço na empresa e cargos

de nível médio e de nível superior; empregados com mais de dez anos de serviço na empresa e cargos de nível médio e de nível superior. Além disso, dois empregados, que não puderam comparecer às entrevistas coletivas, foram escutados individualmente.

Apresentação e análise dos resultados

As entrevistas coletivas, ocorridas em maio de 2010, foram realizadas em sessão única e tiveram duração média de duas horas. Destaca-se ainda que, em todos os encontros, cada grupo teve tempo para conversar e debater livremente. Ao longo do trabalho, a pesquisadora, no papel de mediadora do grupo, procurou priorizar a lógica dos entrevistados, centrando-se na relação subjetiva desses sujeitos com a avaliação de desempenho por competência a que estão submetidos. O roteiro adotado para a entrevista coletiva foi um modelo semiestruturado, sendo previstos alguns aspectos orientadores e algumas perguntas. Os tópicos foram agrupados em temas, a fim de estabelecer categorias para análise das respostas em consonância com o discurso dos trabalhadores e o tema da pesquisa, que serão analisados a seguir.

- **Sentidos produzidos sobre o sistema avaliação de desempenho por competências**

A construção dessa temática parte do pressuposto, adotado pela Teoria Psicodinâmica do Trabalho, de que os empregados, como sujeitos, são responsáveis por seus atos, sendo capazes de pensar sobre o processo, interpretando seus sentidos (Lancman e Uchida, 2003).

Quando questionados sobre o que é competência, o sentido mais frequente foi a noção de entrega (Dutra, 2004). Além disso, foi citada a ideia de habilidade e formação, sendo que aparece ainda uma distinção entre competências técnicas e comportamentais. Nas entrevistas individuais, foi apresentada a associação de competência ao conhecimento sobre o trabalho.

Diante desses resultados, é possível constatar que o conceito de competência que embasa o modelo da organização em estudo, no qual é predominante a noção de entrega, ou seja, o que o empregado efetivamente entrega para a organização, o resultado do trabalho executado, está difundido entre os empregados, no sentido construído por esses. Além disso, a distinção entre as competências técnicas, que são específicas de cada função, e essenciais, que são comportamentais, também está presente. Por ser também uma característica do modelo, tal

fato corrobora a difusão desses conceitos e sua adesão pelos empregados, que os adotam sem grandes críticas.

Quando questionados sobre os motivos que permitem avaliar o modelo como justo ou não, a ideia de que o fim a que o processo de avaliação se destina é injusto, por causa de seu vínculo com a remuneração, é a que se apresenta com mais frequência. A necessidade de existência do processo por possibilitar a definição do que está sendo demandado e a sua deficiência em reconhecer empregados que têm bom desempenho também são citadas. Nas entrevistas individuais, também é citada a importância da avaliação para saber o potencial, as possibilidades de desenvolvimento, assim como o fato de essa não ser totalmente justa, por existirem combinações de pares, pares que avaliam outros que não conhecem ou falta de uniformidade, que são aspectos que apareceram também quando os empregados foram perguntados sobre os critérios.

Diante desses resultados, é possível verificar que a associação direta com a implantação de alterações salariais e funcionais é um motivo de distorção do real objetivo do processo, que seria o desenvolvimento profissional dos empregados. Tal fato é corroborado pela presença, no discurso dos trabalhadores, tanto da importância da existência da avaliação como dos motivos que levam a uma falta de justiça em sua aplicação.

- As relações estabelecidas entre a avaliação de desempenho por competências e reconhecimento e carreira

Nessa fase, parte-se da concepção de que a avaliação de desempenho é uma forma de desenvolvimento dos recursos humanos da organização, fornecendo subsídios para remuneração, promoção e embasando a elaboração de planos de ação para aprimoramento do desempenho (Gil, 2009).

Em relação à capacidade de proporcionar valorização e reconhecimento, o fato de a avaliação não promover o reconhecimento daqueles que têm um desempenho diferenciado foi citado por todos os participantes dos grupos. A alteração salarial, segundo os empregados, não é um prêmio pelo bom desempenho, ela não se refere ao que foi realizado, mas sugere que o trabalhador faça sempre mais. A avaliação pode ser um dos critérios. Além disso, o discurso é perpassado por falas como a descrença dos empregados, o fato de não ser só o salário que motiva para o trabalho e que muitas pessoas não recebem do avaliador retornos sobre os resultados da avaliação.

A análise desses resultados coloca em questão a relação direta entre as progressões salariais e funcionais e a avaliação de desempenho. Como o reconhecimento financeiro decorrente da avaliação é incorporado ao salário, sendo a forma de concessão de aumentos individuais adotada, esse aspecto ganha grande ênfase no processo, sobrepondo-se à questão do desenvolvimento. Além disso, pelo fato de estar implícita no conceito de promoção na carreira a ideia de ascensão a uma posição de desempenho mais complexo, não se configura, de fato, em um reconhecimento. Tal fato não é sem consequência na relação de prazer e sofrimento no trabalho, por gerar certo descontentamento, corroborado pelo discurso de descrença em relação ao processo, por parte de alguns empregados.

Quanto às contribuições para o desenvolvimento profissional, a precariedade dos eventos de retornos, *feedback*, foi também citada por todos os grupos de empregados. Foi citado que alguns empregados não recebem *feedback*, que as ações não são acompanhadas, ficando perdidas no tempo. Por outro lado, também é defendido que a avaliação e a etapa devolutiva devem existir para incentivar o desenvolvimento e o investimento dos empregados. Há inclusive a fala a respeito de uma necessidade de mudança de cultura.

A análise dessa questão permite verificar que há uma demanda dos empregados sobre a melhoria do sistema de avaliação, sobretudo no que se refere ao retorno dos resultados, o que parece ser visto como um fator importante para o incentivo do desenvolvimento profissional.

Em relação às mudanças provocadas no trabalho pelo sistema de avaliação de desempenho por competências, parte significativa dos participantes afirmou que ele não está incluído na rotina de trabalho por ser muito pontual, ocorrendo apenas uma vez por ano. Por outro lado, a ideia de que, com a existência da avaliação, as demandas, o que é pensado sobre e para os empregados se torna mais claro é citado pela maioria das pessoas partícipes do estudo.

Verifica-se, nesse tema analisado, a importância de que os empregados atribuem ao processo de avaliação, pois dão a ele o sentido de um direcionador de sua trajetória profissional. Tal fato está de acordo com as premissas teóricas que definem a avaliação de desempenho por competência, assim como colocam em questão a afirmação de impossibilidade de sua existência defendida pela psicodinâmica do trabalho. Saber o que está sendo demandado e quais as possibilidades de auxílio para conseguir atender aos objetivos do trabalho é, sem dúvida,

uma questão fundamental para os trabalhadores e que pode ser atendida pelos sistemas de avaliação. A questão recai sobre as formas de uso e, por consequência, sobre a efetividade desse sistema.

Relações entre a avaliação de desempenho por competências e a organização do trabalho

A construção desse item da pesquisa parte do pressuposto de que, por ter um papel central para o modelo de gestão de pessoas, subsidiando as práticas de valorização, reconhecimento e desenvolvimento dos empregados, a gestão de desempenho, como é conhecido o sistema de avaliação de desempenho por competências da organização, articula diversos fatores da organização do trabalho, o que põe em interlocução o conceito e a importância da organização do trabalho proposta pela psicodinâmica do trabalho (Dejours, 2008b), à concepção de avaliação de desempenho apresentada por (Gil, 2009).

Com relação ao impacto do modelo de avaliação sobre as pessoas, a ideia central é a de que não há um reconhecimento para aqueles que têm um desempenho diferenciado, conforme crítica expressiva dos participantes da pesquisa. Como a verba para os aumentos salariais é limitada, os gerentes concedem aumentos pequenos para conseguir atender a muitos empregados, não explicitando as diferenças entre as pessoas e seus empenhos e resultados. A competição entre os pares, estabelecida pelo vínculo com a remuneração, e existência de uma visão de futuro também foram citadas.

É possível verificar que a avaliação tem um impacto nas relações socioprofissionais. O vínculo com a remuneração institui uma competição entre os pares, distorcendo o reconhecimento autêntico pelo desempenho. Além disso, a possibilidade de contribuir com o próprio desenvolvimento e com o desenvolvimento dos pares, que deveria ser o foco central do processo, é relegado ao segundo plano. A associação direta entre avaliação de desempenho e alterações salariais é novamente colocada como um ponto de crítica por inviabilizar o cumprimento dos reais objetivos do processo.

Quanto ao sentimento dos empregados na posição de avaliadores e avaliados, a dificuldade de avaliar o outro é citada por todos os participantes dos grupos. A ideia aparece associada ao vínculo com a remuneração, que faz com que alguns avaliem mal os colegas, impede o reconhecimento daqueles que têm bom desempenho e faz com que os avaliadores oscilem entre serem justos ou paternalistas. Além disso, a dificuldade também

se associa tanto a uma falta de informação quanto ao despreparo dos avaliadores.

Sabe-se, pela psicodinâmica do trabalho (Lancman e Uchida, 2003; Mendes, 2007; Dejours, 2008a, 2008b), que a dinâmica relacional trabalho-prazer-sofrimento está centrada nos processos de reconhecimento que o trabalhador obtém ou não. Reconhecimento advindo do usuário/cliente e de colegas, cuja valia está na funcionalidade do uso. Reconhecimento não menos importante é o que decorre do valor atribuído pela avaliação feita pela hierarquia. A avaliação de desempenho por competências, no caso analisado, estando associada ao salário, problematiza sua possibilidade de se tornar um mecanismo de reconhecimento formal.

- **Análise das perspectivas futuras e sugestões**

Essa etapa da pesquisa teve como premissa a perspectiva da psicodinâmica do trabalho (Dejours, Abdoucheli, Jayet, 1994), de que cada sujeito é capaz de atuar sobre o próprio processo de trabalho, no caso, a gestão de desempenho da Companhia Copa, contribuindo para a construção e evolução das relações sociais de trabalho.

Em relação ao melhor emprego do modelo de avaliação de desempenho pela organização, as ideias citadas destacam a ruptura do vínculo direto com a remuneração. Também aparece a sugestão de priorizar o processo, como uma forma de valorizar os empregados. Quanto ao aprimoramento da gestão de desempenho, é citada a melhoria do processo de *feedback*, que deve ocorrer de forma mais constante e consistente, a sistematização de comunicação e retornos para os avaliadores e avaliados. Colocam também a necessidade de alterações salariais em um momento distinto da avaliação, sendo dito que a avaliação deve conceder mérito, que pode ser um abono desempenho, além de estar vinculada a metas claras e objetivas.

A ênfase dada à melhoria do processo de *feedback* corrobora a importância da avaliação de desempenho para os empregados, o que reforça a necessidade de aprimoramento dessa etapa do processo, de modo a construir um ambiente mais colaborativo para o desenvolvimento profissional. Há uma demanda de ampliação do espaço de diálogo entre os diferentes atores envolvidos no processo avaliativo. A proposta de desfazer a vinculação direta entre alterações salariais e o desempenho parece ser extremamente válida para redirecionar o processo para seu principal objetivo, que é o reconhecimento e o desenvolvimento profissional.

Considerações finais

Inicialmente, cabe ressaltar que os empregados reconhecem a avaliação de desempenho como uma prática importante, que tem sua necessidade de existência reforçada pelo fato de se mostrar como um direcionador do desenvolvimento profissional. Para o coletivo de profissionais envolvido na pesquisa, o modelo de avaliação de desempenho é apontado como uma forma de se obter um rumo, ter conhecimento do que é esperado, como também um mecanismo de se ter um reconhecimento oficial sobre o trabalho desempenhado e os resultados alcançados na e para a empresa. Nesse sentido, parece que, quando bem empregada, a avaliação de desempenho por competências atua favoravelmente à concepção da Teoria Psicodinâmica do Trabalho em relação ao trabalhador responsável, capaz de gerar saberes e reconhecimentos sobre o próprio trabalho.

Dejours (2008b) afirma sobre a impossibilidade de se avaliar o trabalho desenvolvido, o trabalho real, com o que concordamos, pois o trabalho resolutivo passa necessariamente pelo engajamento subjetivo do profissional frente ao imprevisto. Um trabalho não determinado por antecipações e prescrições *a priori*. É uma atividade que se realiza no desejo do trabalhador em decifrar o enigma- pensar, sentir, agir ou não agir. Como, portanto, avaliar o que se reconhece como sendo da ordem do que é produzido diante do inesperado, um trabalho imprescritível antecipadamente?

Entretanto, nossa pesquisa de campo explicita também sobre outro aspecto defendido pela psicodinâmica do trabalho como sendo constitutivo da relação trabalho e subjetividade, que vem a ser o processo de reconhecimento, o qual pode encontrar operacionalização em um sistema de avaliação de desempenho. O reconhecimento para a psicodinâmica do trabalho se faz entre pares (marcado pela beleza da efetividade da criação e também como o reconhecimento da hierarquia, clientes e usuários), este calcado na marca da resolutividade, da funcionalidade. No caso em estudo, o processo de avaliação também pode ser um mecanismo para explicitar oficialmente o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido, conforme avaliação dos participantes da pesquisa. O que se configurou foi uma espécie de demanda dos empregados por práticas que, como o sistema de avaliação de desempenho por competências, possam tornar mais claras e objetivas as expectativas sobre os resultados de seu trabalho, o que pôde ser comprovado pela afirmação de que houve melhorias após a implantação do sistema, mesmo que isso ainda não esteja satisfatório.

As constatações apresentadas corroboraram a perspectiva da psicodinâmica do trabalho de que os trabalhadores são fundamentais na transformação e

evolução de questões relacionadas à organização do trabalho. Suas produções e críticas geram um saber que pode ser bastante enriquecedor para as instituições em que estão inseridos, principalmente sobre a complexidade da avaliação de desempenho, que pode ser um mecanismo tortuoso de manipulação ou, se for um processo bem organizado e efetivamente participativo, poderá subsidiar tanto o reconhecimento entre as pessoas envolvidas quanto o desenvolvimento destas e da instituição.

A aposta subjetiva das autoras deste estudo nos saberes dos trabalhadores envolvidos no sistema de avaliação mostrou-se capaz de contribuir com acréscimos ao conhecimento acadêmico e também com aperfeiçoamentos de práticas de recursos humanos da Companhia Copa e de outras organizações que apresentam questões semelhantes. Tal fato serve de estímulo para a proposição de perguntas que poderão servir de ponto de partida para futuros estudos.

Referências

Bergamini, C. W. (2008). *Avaliação de desempenho humano na empresa*. São Paulo: Atlas.

Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14 (3), 27-34.

Dejours, C. (2008a). O trabalho como enigma. In: Lancman & Sznelwar (org.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. (2. ed.). (pp. 129-142). Rio de Janeiro: Fiocruz.

Dejours, C. (2008b). *Avaliação do trabalho submetida à prova do real*. São Paulo: Blucher.

Dejours, C.; Abdoucheli, E.; Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.

Dutra, J. S. (2004). *Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna*. São Paulo: Atlas.

Fernandes, B. H. R. & Hipólito, J. A. M. (2008). Dimensões de avaliação de pessoas e o conceito de competências. In: Dutra, J. S. *Competências: conceitos, métodos e experiências*. (pp. 151-171). São Paulo: Atlas.

Gil, A. C. (2009). O papel do avaliador. *In: Gil, A. C. Gestão de pessoas: um enfoque nos papéis profissionais.* (pp. 148-170). São Paulo: Atlas.

Lancman, S. & Uchida, S. (2003). Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 6, 79-90

Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Análise temática e metodológica da publicação científica em Psicologia no Brasil

Thematic and methodological analysis of the scientific publication in Psychology in Brazil

Análisis temático y metodológico de la publicación científica en Psicología en Brasil

*Thiago Loreto Garcia da Silva**

Carine Capra-Ramos

Andreia Rossi Victorazzi

Fernanda Carrion da Silva

Cristiano Weiss Martins Lima

Alice Einloft Brunnet

*Adolfo Pizzinato***

Resumo

A ciência psicológica, por estar situada entre as áreas das ciências humanas e naturais, suscitou diversos debates a respeito de suas epistemologias desde seu início. Tal diversidade implica em uma ampla gama de métodos de pesquisa e áreas de aplicação. Este artigo objetiva, com base em uma pesquisa bibliométrica, traçar um panorama que permita compreender como essa diversidade se dá na produção acadêmica em Psicologia no Brasil. Foi analisado um total de 379 artigos das revistas Qualis A nacionais. Esses foram categorizados conforme suas áreas de estudo, objetivos, delineamentos, métodos de análise dos dados e instrumentos de coleta. Encontrou-se uma predominância de estudos teóricos e estudos aplicados à Psicologia clínica. Porém a multiplicidade de temas abordados reflete o *status* diverso da Psicologia, ressaltando a impossibilidade de unificação dela sob um único delineamento conceitual.

Palavras-chave: Publicação científica, Metodologia, Pesquisa em Psicologia.

* Acadêmicos no curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e bolsistas do PET Psicologia (Programa de Educação Tutorial Psicologia/MEC/SESu) da PUC RS.

** Doutor em Psicologia da Educação, mestre em Psicologia Social, tutor do PET Psicologia (Programa de Educação Tutorial Psicologia/MEC/SESu) da PUC RS, psicólogo.

Abstract

The Psychological Science, by being situated between the areas of human and natural sciences, has raised many debates about their epistemology since its beginning. This diversity implies in a wide range of research methods and application areas. This article aims, from a bibliometric survey, draw a picture that allows one to understand how this diversity is produced in psychology researches in Brazil. Was analyzed 379 evaluated as Qualis A national article. These were categorized according to their areas of study objectives, designs, methods of data analysis and data collection instruments. We found a predominance of theoretical and applied studies to clinical psychology. However, the multiplicity of themes reflects the different status of psychology, emphasizing the impossibility of unifying it under one single conceptual design.

Keywords: Scientific publications, Methodology, Research in Psychology.

Resumen

La ciencia psicológica, al situarse entre las áreas de las ciencias humanas y naturales, ha planteado, desde el principio, diversos debates acerca de sus epistemologías. Esta diversidad implica una amplia gama de métodos de investigación y áreas de aplicación. Este artículo tiene como objetivo, basado en una investigación *bibliométrica*, hacer un dibujo que permita entender cómo esta diversidad aparece en la producción académica en Psicología en Brasil. Se analizaron un total de 379 artículos de las revistas Qualis A nacionales. Estos se clasificaron de acuerdo a su área de estudio, objetivos, diseños, métodos de análisis de datos e instrumentos de recolección de datos. Se encontró un predominio de los estudios teóricos y aplicados a la Psicología clínica. Sin embargo la multiplicidad de temas refleja el *status* diferente de la Psicología, haciendo hincapié en la imposibilidad de su unificación bajo un único diseño conceptual.

Palabras clave: Publicación científica, Metodología, Investigación en Psicología.

Introdução

Embora as ideias a respeito da mente e ou do comportamento que caracterizam boa parte das ideias psicológicas sejam discutidas desde a Antiguidade, foi apenas após a metade do século XIX que a Psicologia teve sua “fundação” como disciplina acadêmica formalmente

independente, seja da Filosofia, seja da Biologia. O médico alemão Wilhelm Wundt, então um pesquisador na área de Fisiologia e fortemente influenciado pelo impacto do Positivismo no pensamento acadêmico alemão, foi o responsável por dirigir pesquisas a fim de impulsionar o desenvolvimento de uma “nova ciência”, dita psicológica. Estimulado por obras como “Elementos de psicofísica”, publicado por seu conterrâneo Gustav Fechner, em 1860, Wundt focou-se no objetivo de promover a Psicologia como uma ciência independente, nos moldes do que se definia como ciência no final do século XIX (Schultz & Schultz, 2006). Juntando e organizando uma diversidade de ideias e pesquisas já lançadas, o pesquisador apresentou “Princípios da Psicologia Fisiológica” (1873-1874), balizando, enfim, a Psicologia como uma disciplina oficialmente autônoma, com problemas e métodos próprios (Schultz & Schultz, 2006).

Para Wundt, a Psicologia seria uma mediadora entre as ciências naturais e humanas, tal e como eram entendidas na época (Mariguela, 1995). Dessa forma, Wundt optou por organizar a nova ciência entre diferentes tradições: a experimental (natural) e a social (humana). Como a produção de conhecimento da época baseava-se no paradigma positivista, era enquadrado como científico o estudo que pudesse quantificar e mensurar o fenômeno observado. Wundt deparou, então, com o duplo papel da disciplina: por um lado, o privilégio de poder elaborar experiências laboratoriais e construir leis quantitativas, e, por outro, a realidade psíquica em sua totalidade, considerando que seu objeto é, ao mesmo tempo, pensante e pensado.

Figueiredo (1991) argumenta que essa dualidade estrutural da disciplina faria com que a Psicologia, apesar de ter nascido do bojo de fundamentações de outras ciências, estivesse fadada a nunca encontrar uma única epistemologia que a definisse dentro dos cânones da ciência. Assim, abre-se um campo de divergências e oposições, que refletem as contradições do próprio projeto da Psicologia como uma disciplina única do saber específico. Segundo esse autor, torna-se, assim, inviável uma unificação da Psicologia por meio de uma “paradigmatização” em torno de apenas uma única alternativa. Mariguela (1995) também argumenta nesse sentido, considerando que as diferentes teorias em Psicologia derivam das suas diferentes áreas de aplicação.

Entretanto tal problemática da Psicologia se dá não só com relação à sua fundamentação, mas também se estende para com o seu objeto de estudo. Tratar o “humano” como o simples elemento de estudo

dessa ciência não é suficiente, ponderam Prado Filho e Martins (2007). É necessário compreender como os sujeitos concretos são delineados a partir da abstração genérica, dizem os autores, além de definir o que é particular no olhar da Psicologia entre as ciências humanas. Essa especialidade pode ser colocada a partir de uma suposta descoberta do “sujeito psicológico”, ou mesmo da instalação deste no discurso e na cultura ocidental moderna. Tratar do surgimento de um sujeito no campo da Psicologia, no entanto, “Implica falar da sua colocação como objeto para um discurso científico socialmente autorizado a enunciar verdades a respeito de instâncias psicológicas que compõem este sujeito” (Prado Filho, & Martins, 2007, p. 14). Os autores argumentam ainda acerca das divergências da Psicologia científica e da diversidade de objetos:

Tomando o nascimento de um conhecimento psicológico de caráter científico no final do século XIX, pode-se observar certa “dança de objetos” nos desenvolvimentos deste campo ao longo do século XX, ligada ao surgimento de várias Psicologias concorrentes entre si, denotando não uma unidade, nem linearidade, e divergência de abordagem dos “fenômenos psicológicos” (Prado Filho & Martins, 2007, p. 15).

Essas diversidades epistemológicas têm como consequência também diversidades metodológicas, já que é na visão de ciência do pesquisador que o seu método se fundamenta. O método, por sua vez, são as ferramentas, técnicas e procedimentos nos quais o pesquisador buscará subsídio para a sua investigação. O método é, portanto, uma etapa específica desse processo, enquanto a metodologia é, de forma mais ampla, a estratégia geral usada para a construção do conhecimento (Palmieri & Martins, 2008).

Por muito tempo, a cientificidade das pesquisas em uma perspectiva metodológica qualitativa foi questionada pela Psicologia “oficial”, que buscava eximir-se da discussão sobre a diversidade epistemológica dela e forçar uma definição única de Psicologia, marcada no paradigma positivista. A perspectiva metodológica não pode ser a determinante da cientificidade da produção do conhecimento em Psicologia. Dessa forma, com o avanço das pesquisas qualitativas, é necessário compreender como se caracterizam as diferentes possibilidades de produção do conhecimento em Psicologia, sejam elas mais marcadas por perspectivas de tipo qualitativo ou quantitativo, o impacto de suas diferentes origens e suas consequências no campo de produção do conhecimento na área.

De acordo com Turato (2005), a pesquisa de tradição quantitativa preocupar-se-ia com a busca da explicação generalista do comportamento dos objetos e

estaria baseada no paradigma positivista. Já a pesquisa qualitativa buscaria uma compreensão dinâmica das possibilidades específicas do humano e o paradigma mais influente seria a fenomenologia. Outra diferença importante seria o objeto de estudo das pesquisas, já que o método quantitativo tem como objeto primordial de pesquisa os fatos, enquanto o método qualitativo tem, por outro lado, os fenômenos, suas configurações pela própria definição do pesquisador. Além disso, cabe ressaltar que a pesquisa quantitativa tem como objetivo o estabelecimento matemático das relações causa e efeito. No entanto, a pesquisa qualitativa objetiva a interpretação das relações de significado dos fenômenos, como referido pelas pessoas.

A validade de ambas as perspectivas para a pesquisa em Psicologia, de acordo com Serapioni (2000), não é absoluta. Para ele, os métodos quantitativos são fracos em termos de validade interna, pois nem sempre é possível saber se medem o que pretendem medir. No entanto, são fortes em termos de validade externa, já que os resultados adquiridos tendem a ser generalizáveis. Por outro lado, os métodos qualitativos teriam grande validade interna, pois focalizam as particularidades e as especificidades dos grupos sociais estudados, porém seriam fracos, em validade externa, pois sua possibilidade de generalização é menor.

Apesar de diferentes, e até antagônicos na maior parte das leituras, as duas tradições convivem e se revalidam na produção do conhecimento na Psicologia contemporânea. Segundo Gunther (2006), não se deve escolher por uma pesquisa ou pela outra. É necessário, no entanto, considerar os recursos materiais, temporais e pessoais disponíveis quando se pretende responder a uma pergunta científica e com isso buscar a abordagem metodológica que permita chegar a um resultado que melhor contribua para a compreensão do fenômeno, no mínimo de tempo necessário.

As diversidades epistemológicas, metodológicas e de métodos (instrumentais) no campo da pesquisa em Psicologia compõem uma diversidade de saberes e práticas no que se entende por Psicologia. Com base nessa multiplicidade, este artigo pretende compreender como isso se reflete na produção acadêmica brasileira atual e, assim, fomentar um debate sobre como se configura o saber psicológico e científico atual.

Método

Esta pesquisa consiste em uma revisão de caráter bibliométrico da literatura nacional na área da Psicologia. Os critérios de inclusão dos artigos foram: (a) ser publicado em 2010, (b) estar publicado em

periódico classificado como Qualis A1 e A2, de acordo com os critérios da área cancelados pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES); e (c) abordar temas ligados à Psicologia. Nesse sentido, desenvolveu-se um método de classificação que incorporou os critérios objetivos da avaliação nacional de periódicos promovida pela CAPES, com um filtro qualitativo de critério, ou seja, foram considerados para a análise apenas os periódicos nacionais com um predomínio de afinidade epistemológica com a área da Psicologia, de acordo com o explicitado nas missões e objetivos explícitos da publicação.

A classificação dos periódicos é realizada pela CAPES, como missão complementar à avaliação e fomento dos programas de pós-graduação, conforme a base Qualis (Trzesniak, 2006). São várias as características as quais uma revista deve alcançar para atingir o maior grau de pontuação segundo os critérios da CAPES. Um periódico da área da Psicologia, para ser classificado como Qualis A1, deve ter presença nas bases de dados Institute for Scientific Information (ISI) e no PsycInfo; publicação por associação científica com reconhecimento internacional; condição de se tornar referência internacional para a área da Psicologia” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2009, p. 2). Já os critérios que avaliam a revista como sendo de Qualis A2, segundo a CAPES (2009, p. 2), são:

Presença no ISI, ou nos três seguintes IBDs: PsycInfo, Scopus e SciELO. OU Presença em dois dos seguintes IBDs: PsycInfo, Scopus e SciELO mais presença em quatro ou mais dos seguintes IBDs: CLASE, LATINDEX, LILACS, PSICODOC, PASCAL, ou REDALYC; atualização (todos os números do ano anterior publicados até março); periodicidade mínima: quadrimestral (revistas generalistas); semestral (revistas de subáreas) (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2009, p. 2).

Consoante esses critérios de qualificação, as revistas analisadas nesta pesquisa foram: “Psicologia: Reflexão e Crítica”, “Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental”, “Psicologia: Teoria e Pesquisa”, “Estudos de Psicologia (Natal)”, “Estudos de Psicologia (PUC Camp)”, “Psicologia em Estudo”, “Revista Latino-americana de Psicologia”, “Agora”, “Interamerican Journal of Psychology” e “Psicologia e Sociedade”. As revistas “Brazilian Journal of Medical and Biological Research” e “Caderno de Saúde Pública” foram descartadas

por terem, em seus números, um predomínio absoluto de artigos que não tratavam de temas de interface com a Psicologia, área não contemplada explicitamente em suas missões e objetivos.

Para levantar e compreender as informações apresentadas nos artigos, foi usada a análise categorial por eixos semânticos, proposta por Clemente-Díaz (1992). Os artigos foram classificados nas seguintes categorias: (a) quanto às revistas em que estes foram publicados; (b) segundo o objetivo do estudo (Gil, 2010); (c) o delineamento do estudo (Gil, 2010); (d) os procedimentos de análise dos resultados; (e) os instrumentos utilizados para a coleta dos dados; (f) o enfoque metodológico dos artigos segundo suas características como estudo quantitativo ou qualitativo; (g) conforme a área do estudo. Essa classificação foi escolhida por se referir a uma relação de áreas de estudo e atuação em Psicologia, segundo a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Psicologia (ABEPP) (Leite, 1993). Após a categorização dos estudos, os dados foram analisados descritivamente, com o auxílio do programa SPSS 17.0.

Resultados e discussão

O total de artigos analisados foi de 379. Destes, 113 se caracterizaram como estudos quantitativos, 86 qualitativos e 20 artigos apresentam resultados mistos das duas metodologias. Assim, obteve-se um total de 219 pesquisas empíricas, além de 160 estudos de análise teórica. Esses artigos, que não contavam com coletas de dados humanos ou animais de caráter empírico, foram divididos em quatro tipos de estudo: revisões bibliográficas (33), ensaios (111) e resenha de livros (13). Além disso, 3 relatos de experiência foram categorizados como estudos teóricos por não apresentarem dados coletados.

Não foi possível um panorama fidedigno a respeito dos objetivos de todos os estudos analisados. A classificação proposta por Gil (2010) referente aos tipos de objetivos de estudo, propõe que estes sejam entendidos como: exploratórios, descritivos ou explicativos (Gil, 2010). Das 219 pesquisas com coleta de dados empíricos analisadas, apenas 43 se referiam claramente a alguma dessas categorias. Com base nisso, duas hipóteses podem ser inferidas: (a) os artigos, mesmo publicados nas revistas tidas como as melhores da área no País, não definem claramente qual o objetivo a ser alcançado em suas pesquisas; (b) a classificação de Gil (2010) não representa o que se expressa como objetivos de pesquisa.

Pela análise das revistas usadas em nosso estudo, percebe-se que as revistas nacionais tendem a seguir uma lógica generalista, mesmo que existam algumas revistas que busquem, em suas missões, o predomínio de estudos de uma subárea de pesquisa específica, como pode se observar na tabela 1.

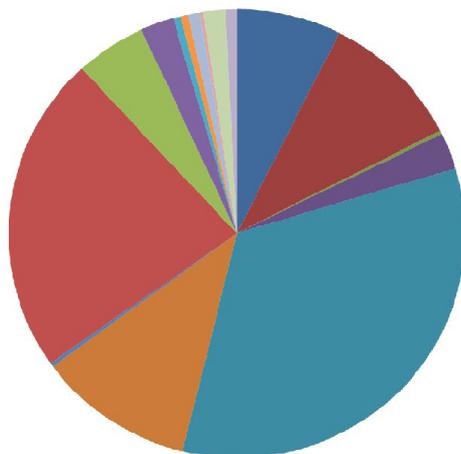
Tabela 1 – Relação das revistas com as áreas sobre as quais os artigos são publicados

| Revista | Áreas dos artigos ¹ |
|--|--------------------------------|
| Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental | 1 |
| Psicologia: Teoria e Pesquisa | 8 |
| Estudos de Psicologia (Natal) | 6 |
| Estudos de Psicologia (PUC Camp) | 7 |
| Psicologia em Estudo | 9 |
| Ágora | 1 |
| Interamerican Journal of Psychology | 11 |
| Psicologia e Sociedade | 1 |
| Psicologia: Reflexão e Crítica | 10 |

Mesmo que a maior parte das revistas seja generalista, as poucas que têm um enfoque por subárea podem ter contribuído para o aumento expressivo de artigos dentro das áreas mais frequentes encontradas. Ou seja, as subáreas com mais maturidade, e mais tradição na pesquisa psicológica, além de serem as que predominam nas revistas generalistas, são também aquelas que mais têm revistas de subárea específica. As áreas dos estudos, em sua maioria, são: Psicologia social (127), Psicologia

¹ Os números apresentados representam a diversidade das áreas em que os artigos são publicados em cada revista.

clínica (87) e Psicologia do desenvolvimento (42), conforme pode ser observado no gráfico 1.



- Fundamento da Psicologia - História, Teorias, Sistemas 7,4%
- Metodologia e Avaliação 10,0%
- Psicologia Experimental H 3%
- Psicologia fisiológica e neurociência 2,6%
- Psicologia Social 33,5%
- Psicologia do Desenvolvimento Humano 11,1%
- Psicologia da Personalidade 3%
- Psicologia Clínica 23%
- Psicologia Educacional e Escolar 5%
- Psicologia Industrial e da Organização 2,4
- Psicologia Ambiental e Ergonomia 5%
- Laser e Esporte 5%
- Psicologia Forense 8%
- Psicologia do Consumidor 3%
- Formação e Atuação do Psicólogo 1,6%
- Psicolinguística 8%

Gráfico 1 - Proporção de artigos segundo área

Assim, pode-se fazer uma relação entre esses dados com o que foi encontrado também na análise das outras categorias como, por exemplo, o grande número de artigos teóricos, como pode se observar nas tabelas 2 e 3.

Tabela 2 - Número de publicações de cada revista de acordo com o método

| Revistas | Quantitativa | Qualitativa | Teórico | Misto |
|--|--------------|-------------|---------|-------|
| Ágora | 0 | 3 | 12 | 0 |
| Estudos de Psicologia (Natal) | 12 | 6 | 10 | 0 |
| Estudos de Psicologia (PUC Camp) | 15 | 5 | 5 | 0 |
| Interamerican Journal of Psychology | 23 | 6 | 6 | 5 |
| Psicologia e Sociedade | 6 | 16 | 38 | 1 |
| Psicologia em Estudo | 12 | 22 | 24 | 3 |
| Psicologia: Reflexão e Crítica | 29 | 7 | 14 | 10 |
| Psicologia: Teoria e Pesquisa | 15 | 16 | 10 | 1 |
| Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental | 1 | 6 | 39 | 0 |
| Total | 113 | 86 | 160 | 20 |

Tabela 3 - Análise dos métodos conforme área de pesquisa

| Áreas | Quantitativa | Qualitativa | Teórico | Misto |
|--|--------------|-------------|---------|-------|
| Fundamento da Psicologia - história, teorias, sistemas | - | 3 | 24 | 1 |
| Metodologia e avaliação | 30 | 3 | 4 | 1 |
| Psicologia experimental humana | - | - | 1 | - |
| Psicologia fisiológica e neurociência | 4 | - | 4 | 2 |
| Psicologia social | 21 | 40 | 60 | 6 |
| Psicologia do desenvolvimento humano | 18 | 13 | 8 | 3 |

| Áreas | Quantitativa | Qualitativa | Teórico | Misto |
|--|--------------|-------------|---------|-------|
| Psicologia da personalidade | - | - | - | 1 |
| Psicologia clínica | 22 | 17 | 47 | 1 |
| Psicologia educacional e escolar | 10 | 4 | 5 | - |
| Psicologia industrial e da organização | 4 | 2 | 2 | 1 |
| Psicologia ambiental e ergonomia | 1 | - | - | 1 |
| Lazer e esporte | - | - | 1 | 1 |
| Psicologia forense | - | 2 | 1 | - |
| Psicologia do consumidor | 1 | - | - | - |
| Formação e Atuação do Psicólogo | 1 | 2 | 3 | - |
| Psicolinguística | 1 | - | - | 2 |
| Total | 113 | 86 | 160 | 20 |

Como se pode observar na tabela 2, há um predomínio de artigos de natureza quantitativa (29,8%) e de estudos teóricos (42,2%) nas pesquisas publicadas em revistas no estrato A do sistema Qualis de categorização nacional. Algumas revistas têm uma caracterização bastante específica a respeito do enfoque metodológico dos artigos publicados. Podem-se citar como exemplo as revistas “Ágora” e “Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental”, que predominantemente publicam artigos teóricos.

Uma análise dos perfis metodológicos dos artigos também pôde ser realizada, considerando tanto o delineamento do estudo quanto o procedimento usado para análise dos dados. Essa relação é apresentada na tabela 4.

Tabela 4 - Procedimento usado para análise de dados relacionados com o delineamento de pesquisa

| | Análises estatísticas | Análises de conteúdo | Análises de discurso | Análise de documentos | Outros |
|------------------|-----------------------|----------------------|----------------------|-----------------------|--------|
| Transversal | 24 | - | - | - | 2 |
| Validação | 18 | - | 1 | - | - |
| Ext post facto | 3 | - | - | - | - |
| Experimental | 19 | - | - | - | - |
| Ensaio clínico | 7 | - | - | - | - |
| Não especificado | 3 | 1 | 1 | - | 4 |

| | Análises estatísticas | Análises de conteúdo | Análises de discurso | Análise de documentos | Outros |
|-----------------------|-----------------------|----------------------|----------------------|-----------------------|--------|
| Longitudinal | 5 | 2 | - | - | 1 |
| Transcultural | 1 | - | - | - | - |
| Pesquisa-ação | - | 2 | - | - | 2 |
| Relato de experiência | - | 1 | - | - | 0 |
| Estudo de caso | 1 | 3 | 1 | - | 19 |
| Estudo etnográfico | - | - | - | - | 3 |
| Correlacional | 31 | 1 | - | - | 8 |
| Levantamento | - | 20 | 11 | 10 | 14 |
| Total | 112 | 30 | 14 | 10 | 53 |

Observa-se que, nas pesquisas, há uma tendência de aproximação entre a análise de dados utilizada e o delineamento da pesquisa. Esse padrão segue uma afinidade epistemológica evidente, como, por exemplo, estudos experimentais terem, de forma unânime, análises estatísticas como meio de avaliação de resultados. Porém essa relação não deve ser tomada como regra, pois existem estudos onde variam o tipo de análise independentemente do seu delineamento. Nesse caso, têm-se como exemplo as pesquisas longitudinais que podem ser tanto quantitativas (análises estatísticas) quanto qualitativas (análise de conteúdo), por exemplo.

Há também uma tendência de afinidade entre o uso de instrumentos de coleta de dados de forma coerente com o tipo de pesquisa realizada nas diferentes áreas. Essa relação pode ser observada na tabela 5.

Tabela 5 - Instrumentos de coleta de dados dos estudos em relação a sua área de pesquisa

| Área | Entrevistas | Instrumentos psicométricos | Questionários | Grupos focais | Documentos | Não especificados | Não têm | Outros | Misto | Tarefas não padronizadas | Total |
|-------------------------|-------------|----------------------------|---------------|---------------|------------|-------------------|---------|--------|-------|--------------------------|-------|
| Metodologia e avaliação | 2 | 26 | - | - | 1 | 2 | 4 | 1 | 1 | 1 | 38 |
| Psicologia social | 26 | 10 | 7 | 5 | 8 | 4 | 59 | 6 | 1 | 1 | 127 |

| Área | Entrevistas | Instrumentos psicométricos | Questionários | Grupos focais | Documentos | Não especificados | Não têm | Outros | Misto | Tarefas não padronizadas | Total |
|---|-------------|----------------------------|---------------|---------------|------------|-------------------|---------|--------|-------|--------------------------|-------|
| Psicologia do desenvolvimento humano | 6 | 6 | 5 | 1 | - | 1 | 9 | 4 | 9 | 1 | 42 |
| Psicologia clínica | 4 | 12 | 5 | - | - | 11 | 47 | 2 | 6 | - | 87 |
| Fundamentos da Psicologia – história, teorias, sistemas | - | - | - | - | 1 | 2 | 24 | 1 | - | - | 28 |
| Psicologia educacional e escolar | 2 | 3 | 3 | - | 1 | - | 5 | 1 | 2 | 2 | 19 |
| Psicologia fisiológica e neurociência | - | 2 | - | - | - | - | 4 | 2 | - | 2 | 10 |
| Psicologia industrial e da organização | 2 | 4 | - | - | - | - | 2 | 1 | - | - | 9 |
| Formação e atuação do psicólogo | 1 | - | - | - | - | 1 | 3 | - | - | 1 | 6 |
| Outros | 2 | 1 | 3 | - | 1 | - | 3 | 2 | - | 1 | 13 |
| Total | 45 | 64 | 23 | 6 | 12 | 21 | 160 | 20 | 19 | 9 | 379 |

Subáreas que publicam estudos majoritariamente qualitativos, por exemplo, apresentam um predomínio do uso de entrevistas como ferramenta metodológica, como a Psicologia social, por exemplo. Também, pode-se destacar a área de metodologia e avaliação psicológica, que, por sua vez, tem sua produção calcada majoritariamente no uso de instrumentos psicométricos

como forma de coleta de dados. Ainda considerando tal questão, depara-se a configuração das pesquisas de algumas subáreas com maior rigidez instrumental, não apresentando nenhuma pesquisa utilizando determinados instrumentos. Por exemplo, a subárea da Psicologia fisiológica e neurociências não apresentou nenhum estudo utilizando entrevistas, grupos ou documentos, limitando-se a instrumentos de mensuração de maneira congruente com a lógica das ciências naturais, que orienta tal subárea de pesquisa.

Considerações finais

Com base nos dados obtidos em nossa pesquisa, podemos inferir que a publicação científica brasileira atual em Psicologia reflete a multiplicidade dos temas existentes nesse campo do saber e os impasses da diversidade metodológica de suas origens. Tal panorâmica, presente nas publicações tidas como as de melhor qualidade nacional, expressa uma realidade na qual parte das discussões iniciadas por Wundt ainda se mantém ativa. Essa diversidade metodológica e epistemológica persiste e aparentemente se configura de forma não integrada, existindo pouca comunicação entre as diferentes tradições que organizam a pesquisa em Psicologia (como pode ilustrar o pequeno número de produções que se configura metodologicamente de forma híbrida ou mista). Essa situação corrobora a ideia de Figueiredo (1991) a respeito das dificuldades da Psicologia em se estabelecer como ciência única ou unificada. Devido a essa pulverização de conteúdos e métodos de estudo nas pesquisas analisadas, parece ser improvável qualquer projeto de unificação da ciência psicológica que não resvale a um profundo reducionismo.

Apesar de não ter sido o foco de nosso estudo, no processo de desenvolvimento desta pesquisa, foi frequente a dificuldade de análise dos artigos devido à não organização do texto de uma maneira clara e compreensível. Um exemplo disso foi a dificuldade de categorização e análise dos objetivos dos artigos. Pode-se pensar que tal carência de informação deve-se à falta de exigência clara dessa discriminação nos projetos editoriais de muitas revistas altamente qualificadas na área. A explicitação de delineamento poderia ser uma de forma a atender a modelos coerentes de organização do texto científico em Psicologia, tal como ocorre em outras áreas, independentemente da matriz epistemológica eleita (Trzesniak & Koller, 2009).

No que se refere ao rigor metodológico utilizado nas publicações, este estudo, com base na constatação de tal multiplicidade de procedimentos de pesquisa, pode instrumentalizar o debate a respeito da validade e do uso dado à diversidade de métodos científicos (ou não) em que a pesquisa nacional em

Psicologia se apoia. Tendo em vista que os métodos quantitativos e qualitativos, por exemplo, tem diferentes fraquezas e fortalezas, sugere-se que este debate prossiga no sentido de encontrar parâmetros de rigor de execução desses procedimentos, nas diferentes tradições, em vez da já obsoleta e redundante discussão a respeito de qual tradição epistemológica é superior, assim como os métodos delas advindos.

Considerando que as publicações em Psicologia atualmente são predominantemente fruto de pesquisas geradas em programas de pós-graduação (diretamente influenciados, se não governados pelos órgãos de fomento a pesquisa), tais pontos levantados perpassam por questões políticas, tanto em termos de política científica, como na política de ocupação dos espaços com poder de influência nas referidas agências (Waters, 2006; Castro, 2010). Segundo Rocha-e-Silva (2009), por exemplo, o sistema Qualis, que deveria ponderar a qualidade das publicações, acaba por reforçar a sobrevalorização da quantidade sobre a qualidade das produções no jogo de avaliação de programas e currículos de pesquisadores a serem beneficiados pelos financiamentos de pesquisa.

Este estudo limita-se a uma análise das publicações no sistema Qualis, estrato A, no ano de 2010, na área da Psicologia. Por isso, sugere-se que futuras pesquisas sejam feitas no sentido de avaliar a publicação brasileira em revistas de outros estratos do sistema Qualis ou ainda em outros períodos de tempo, ou em publicações de outros países, também avaliadas pelo sistema. Assim, uma comparação seria possível de forma a avaliar a qualidade das publicações dentro dos diferentes tipos de publicação e permitindo realizar um panorama histórico das publicações nacionais em comparação com outros contextos. Tais pesquisas são relevantes conforme buscam refletir a qualidade da publicação brasileira, se fomentam um debate acerca das peculiaridades da produção científica da Psicologia nacional, além de contribuir para uma melhoria da Ciência Psicológica no País.

Referências

Castro, L. R. (2010). Privatização, especialização e individualização: um outro mundo (acadêmico) é possível? *Psicologia & Sociedade*, 22 (3), 622-627.

Clemente-Díaz, M. (1992). *Psicologia social: métodos y técnicas de investigación*. Madrid: Eudema.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2009). *Documento de Área 2009*. [on-line] Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/PSICO19jun10.pdf>>.

Figueiredo, L. C. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.

Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5. ed.). São Paulo: Atlas.

Gunther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22 (2), 201-210.

Leite, T. M. (1993). Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ed.). Mapeamento de pesquisa em Psicologia e áreas em descoberto. Psicologia clínica. *Anais do Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da Anpepp*, 4. (pp. 65-75). Brasília: Universidade de Brasília.

Mariguela, M. (1995). *Epistemologia da Psicologia*. Piracicaba: Unimep.

Palmieri, M. W. & Martins, J. B. (2008). Possibilidades e desafios da produção científica no campo da Psicologia: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, 13 (4), 743-752.

Prado Filho, K. & Martins, S. A. (2007). Subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*, 19 (3), 14-19.

Rocha-e-Silva, M. (2009). O novo Qualis, ou a tragédia anunciada. *Clinics*, 64 (1), 1-4.

Schultz D. S. & Schultz, E. (2006). *História da Psicologia Moderna*. (9. ed.). São Paulo: Cengage Learning.

Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5 (1), 187-192.

Trzesniak P. & Koller S. H. (2009). A redação científica apresentada por editores. In: A. A. Sabadini & M. I. Sampaio & S. H. Koller (Org.). *Publicar em Psicologia: um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Trzesniak, P. (2006). As dimensões da qualidade dos periódicos científicos e sua presença em um instrumento da área da educação. *Revista Brasileira de Educação*, 11 (32), 346-361.

Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39 (3), 507-514.

Waters, L. (2006). *Inimigos da esperança: publicar, perecer e o eclipse da erudição*. São Paulo: Unesp.

Resenha: Perspectives on cognitive task analysis: historical origins and modern communities of practice

Review: Perspectives on cognitive task analysis: historical origins and modern communities of practice

Reseña: Perspectives on cognitive task analysis: historical origins and modern communities of practice

Hoffman, R. R. & Militello, L. G. (2009). *Perspectives on cognitive task analysis: historical origins and modern communities of practice*. New York, NY: Taylor & Francis.

*Idonézia Collodel Benetti**

A análise cognitiva da tarefa (ACT) (“cognitive task analysis” - CTA) é empregada para determinar os processos mentais que os indivíduos realizam ao desempenhar suas atividades, focando as demandas cognitivas individuais, incluindo a memória, a atenção e a capacidade de tomar decisões. Assim, essa é uma abordagem que tem demonstrado eficácia pelo fato de capturar descrições, precisas e completas, de decisões e processos cognitivos, oferecendo ao profissional investigador condições de extrair informações sobre as demandas e as habilidades cognitivas exigidas na execução de tarefas.

Nesse sentido, a ACT pode ser indicada quando uma tarefa é considerada complexa, incerta, difícil de ser executada, e quando envolve tomada de decisão ou trabalho em equipe. É oportuno salientar que suas raízes estão em estudos clássicos oriundos da teoria da aprendizagem, aplicados à Administração Científica, combinando tempos e movimentos; outras áreas do conhecimento, tais como a Psicologia Educacional e a Engenharia de *Softwares* (e também fatores humanos)¹ contribuiram para o fortalecimento e emergência dessa abordagem.

No que diz respeito ao termo “comunidades de prática” (“communities of practice” - CoP), pode-se afirmar que sua cunhagem é relativamente

* Mestranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professora do Centro Universitário Barriga-Verde e psicóloga. Rua Pe. João Leonir Dall’Alba, s/nº - Bairro Murialdo, Orleans-SC. CEP 88870-000. *E-mail*: idonezia@hotmail.com.

¹ Fatores humanos, nessa obra, referem-se à análise da interação humana relacionada ao desenvolvimento de mecanismos, ferramentas e máquinas, aplicadas a equipes de trabalho e vários outros aspectos atrelados à configuração do trabalho e das organizações.

recente, apesar de que o fenômeno a que ele se refere é bastante antigo. Essas comunidades são formadas por pessoas preocupadas e engajadas em processos de aprendizagem coletiva em uma determinada área de conhecimento, na tentativa de compartilhar e explorar novas formas de “fazer melhor” e aprender sobre algo que é comum a todos os participantes da mesma comunidade.

É prudente apontar que é importante entender a natureza das tarefas, na intenção de tornar o trabalho mais interessante, sendo um desafio procurar estratégias para aumentar a produtividade. Nesse sentido, profissionais de diferentes contextos de trabalho consideram essa abordagem útil e procuram utilizá-la como ferramenta vital para aumentar a *performance* de suas equipes de trabalho.

Albergando temas relacionados à análise cognitiva de tarefas e às comunidades de prática/trabalho está a obra “*Perspectives on cognitive task analysis historical: origins and modern communities of practice*”, de autoria de Laura Militello (psicóloga pesquisadora do Instituto de Pesquisa da Universidade de Dayton, Ohio, EUA) e Robert Hoffman (membro da Sociedade Americana de Psicologia, da Sociedade de Ergonomia e Fatores Humanos, da Associação Americana para a Inteligência Artificial, e da Sociedade Internacional de Psicologia do Meio Ambiente).

Publicada pela Psychology Press (EUA) em 2009, essa obra faz parte da série “*Expertise: research and applications series*”,¹ e tem como principal atributo sublinhar a importância dos métodos de análise cognitiva da tarefa na compreensão das demandas cognitivas de determinadas atividades, bem como o conhecimento e a extensão que estão encapsulados no desempenho destas, tendo como contexto algumas comunidades de trabalho. Contendo 516 páginas, esse volume está dividido em três partes:

1) Parte 1: *História* – Composta por cinco artigos que apresentam a descrição de uma variedade de técnicas relacionadas à ACT, suas características comuns e as estratégias típicas usadas para evocar conhecimentos provenientes de recursos e de *experts* da área: 1) Introdução à primeira parte; 2) A história da análise da tarefa; 3) Evolução da análise da tarefa até a análise cognitiva da tarefa; 4) Definindo e estabelecendo as fronteiras da análise cognitiva da tarefa; e 5) Emergência das comunidades de prática/trabalho.

2) Parte 2: “*Perspectivas*” – Apresenta sete trabalhos que discutem a integração da ACT e do treinamento em tarefas para áreas específicas: 1) Introdução à segunda parte; 2) As “*perspectivas*”; 3) Engenharia de sistemas

¹ “Conhecimento especializado: série pesquisa e aplicações” (tradução da autora).

cognitivos; 4) Estudos especializados; 5) Tomada de decisão; 6) Análise do trabalho; 7) Perspectivas sociológicas e etnográficas; e 7) Computação centrada na pessoa.

3) Parte 3: Síntese – Tem cinco capítulos que descrevem o impacto das pesquisas em ACT, sintetizando um número de estudos e revisões pertinentes a assuntos que envolvem a ACT e as comunidades de trabalho: 1) Introdução à terceira parte; 2) Divergência das perspectivas; 3) Convergências das perspectivas; 4) Convergência sobre o tópico relacionado a grupo de trabalho e grupo de cognição; e 5) Desafios metodológicos para a análise cognitiva da tarefa.

Como apontado pela obra, novas tecnologias introduzidas no espaço laboral têm permitido o crescimento da automação, transferindo o foco central de muitos trabalhos para atividades mais estratégicas e de solução de problemas. Então os métodos de análise cognitiva da tarefa podem ser usados efetivamente para antecipar a *performance* frente aos problemas e especificar maneiras para aumentar o desempenho individual e da equipe de trabalho.

Entre os benefícios trazidos pela ACT está a identificação de mudanças nas estruturas de conhecimento e nos processos mentais, quando comparado o progresso, de um estágio de conhecimento para outro, entre estreantes e *experts*, já que essa metodologia visa a oferecer ganhos essenciais por apresentar os seguintes componentes: acesso às habilidades individuais e às mudanças no conhecimento de base, identificação dos componentes de uma tarefa e das diferenças entre iniciantes e veteranos, identificação de conhecimentos conceituais e de procedimentos sequenciais de componentes similares, e especificação de condições que facilitam e esclarecem a progressão de um patamar de conhecimento para outro.

Nesse sentido, essa coletânea de trabalhos científicos traz o estado da arte em ACT, cobrindo ideias-chave, histórias, e a metodologia de algumas comunidades de trabalho, incluindo Engenharia de Sistemas Cognitivos, análise do trabalho na Europa, etnografia, fatores humanos e socioética. Todas com representativas contribuições de um seletivo grupo de profissionais que articulam a ACT às teorias relacionadas às comunidades de trabalho, mostrando que várias comunidades de prática compartilham o mesmo universo científico, muito embora apresentem diferenças distintas em termos teóricos.

Portanto, recomenda-se a leitura dessa obra a todos aqueles que procuram pesquisar ou usar os conhecimentos relacionados à CTA aplicada às comunidades de trabalho, em qualquer área, uma vez que essas comunidades

existem em todos os lugares e, na maioria dos casos, os indivíduos pertencem e atuam em mais de uma delas simultaneamente (no trabalho, na escola, em casa, etc.). Umhas têm nome, outras não; algumas são grandes, outras pequenas; muitas são locais, algumas são globais; muitas estão dentro de organizações e muitas incluem membros de várias organizações; algumas apresentam interatividade face a face; em outras, essa interação se efetua virtualmente; em algumas, as pessoas fazem parte mais intimamente e, em outras, mais periféricamente; algumas são reconhecidas formalmente e outras, muitas, vivem na completa informalidade e são invisíveis.

Concluindo, esse volume, permeado pelas palavras, pesquisas e experiências de vários estudiosos, revela-se de extrema relevância por sinalizar que as informações e materiais desenvolvidos para treinamento em ACT são precisos e preciosos para o propósito a que se destinam, tornando a usabilidade, nessa área, acessível aos profissionais.

Resenha: Algumas diretrizes para a avaliação psicológica

Review: Some guidelines for psychological assessment

Reseña: Algunas pautas para la evaluación psicológica

Conselho Federal de Psicologia. (2010). *Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão*. (1ª ed.). Brasília: CFP.

*Eliana Santos de Farias**

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) assina a autoria dessa obra que contou com a cooperação de diversos especialistas da linha de pesquisa sobre avaliação psicológica, divididos em organizadores e autores. Esse livro, embora tenha sido impresso em setembro de 2010 e apresentado no 3º Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência e Profissão, encontra-se também em formato eletrônico, na página eletrônica do CFP. A obra de 196 páginas foi organizada em dez partes, sendo uma apresentação e nove capítulos.

Na apresentação redigida pelo presidente do CFP, Humberto Verona, salienta-se que, em 2003, foi instituído o Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos – Satepsi (<http://www2.pol.org.br/satepsi/>). Integram o Satepsi profissionais e pesquisadores da área de testagem psicológica que, entre outras atividades prestadas em prol da Psicologia brasileira, também colaboram com produções teóricas e metodológicas sobre essa prática privativa do psicólogo brasileiro.

Ressalta-se, na introdução (capítulo um), que essa obra deriva de um esforço coletivo da Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica (CCAP)/Satepsi do CFP. Do mesmo modo, pretende-se destacar a importância das conquistas realizadas pelo “Sistema Conselhos – composto pelos Conselhos Regionais de Psicologia”, bem como os dilemas enfrentados nos últimos anos na área.

O capítulo dois, “As políticas do CFP para a avaliação psicológica”, é assinado por Alexandra Ayach Anache e Fabíola Borges Corrêa. As autoras discutem as políticas (ações, resoluções) do CFP para a avaliação psicológica, as responsabilidades, princípios éticos, a formação e contribuição da CCAP/

* Doutora em Psicologia, professora na graduação e pós-graduação lato sensu em Psicologia na PUC Campinas.

Satepsi, além dos principais objetivos do CFP (orientar, normalizar, fiscalizar e disciplinar a profissão do psicólogo, e zelar pela ética).

Marcelo Tavares é autor do terceiro capítulo, intitulado “Da ordem social da regulamentação da avaliação psicológica e do uso dos testes”. Nele, Tavares apresenta alguns critérios (de estratégias e de metodologia) para se considerar um teste válido, sendo ele objetivo ou projetivo, e ressalta que, independentemente dessa característica, a avaliação psicológica sempre foi cientificamente fundamentada.

Aspectos éticos são discutidos no quarto capítulo, “Avaliação psicológica: implicações éticas”, por Alexandra Ayach Anache e Caroline Tossi Reppold. As implicações éticas presentes num processo de avaliação psicológica, como a escolha coerente do instrumento empregado, a conduta do avaliador para com o avaliado, bem como os documentos decorrentes desse processo, como é o caso dos laudos e relatórios finais. Configura prática exclusiva do psicólogo (cabível de responsabilidades). Estender o exercício da avaliação psicológica a profissionais de outras áreas, mesmo que afins, seria um complicador, pois o “sistema conselhos” não teria como intervir, principalmente em casos de mau uso dos testes, por exemplo, deixando a sociedade desprotegida.

Já no quinto capítulo, sobre a “Avaliação psicológica, testes e possibilidades de uso”, de autoria de Blanca Susana Guevara Werlang, Anna Elisa de Villemor-Amaral e de Regina Sonia Gattas Fernandes do Nascimento, discutem-se fundamentalmente aspectos sobre os instrumentos e métodos empregados em prol da avaliação psicológica. A qualidade desse material deverá ser assegurada por especialistas da área. No entanto, o uso do instrumental coerente é de responsabilidade do psicólogo, bem como as dos resultados obtidos por meio de tal instrumento.

O capítulo sexto, de autoria de Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes e Ricardo Primi, ambos pesquisadores respeitados em suas áreas, aborda os “Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos”, atualizada em 2009 e usada pelo Satepsi. Esta ficha é preenchida exclusivamente com base nas informações que constam do manual dos testes. São ponderados aspectos como a descrição geral do teste, análise dos requisitos mínimos do teste e requisitos técnicos (em que se avaliam construto abarcado pelo teste, área de aplicação do construto, possíveis propósitos do teste, procedimento de adaptação, fundamentação teórica, análise dos itens, precisão ou fidedignidade, validade, sistema de correção e interpretação com base em estudos brasileiros).

Ricardo Primi e Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes elucidam, no sétimo capítulo, “O Satepsi: desafios e propostas de aprimoramento”, que o Satepsi foi iniciado em 2001, com a missão de certificar instrumentos de avaliação psicológica para uso profissional. Nesse sentido, avalia e qualifica os instrumentos em “apto” ou “inaptos” para uso, de acordo com um conjunto de requisitos mínimos. Há uma proposta de aumentar esses requisitos mínimos, exigindo, por exemplo, mais estudos que abarquem os diferentes tipos de validação positiva, além de acrescentar recomendações aos autores, entre outros, ou ao considerar os requisitos mínimos usados hoje serem mais minuciosos na avaliação.

No oitavo capítulo, “A avaliação psicológica no contexto organizacional e do trabalho”, Maria Cristina Ferreira e Acácia Aparecida Angeli dos Santos consideram o ambiente do trabalho e apresentam um breve histórico do uso da avaliação psicológica nesse cenário assim como métodos e técnicas de avaliação psicológica empregados.

Regina Sonia Gattas Fernandes do Nascimento e Blanca Susana Guevara Werlang discutem no nono e último capítulo, “Avaliação psicológica para concessão de registro e/ou porte de arma de fogo”, aspectos legais e características socioemocionais dos sujeitos, transcrevendo alguns itens determinantes para permissão do registro e ou porte.

Esse compilado de informações em formato de texto (livro) realizado pelo Conselho Federal de Psicologia se faz indispensável para qualquer profissional atuante na área de avaliação psicológica no País ou mesmo àqueles que gostariam de, ao menos, manterem-se informados sobre o assunto. Embora não traga uma revisão e ou proposta de atuação nos vários contextos e ou objetivos da avaliação psicológica, ainda assim, implica ser uma leitura obrigatória a estudantes de Psicologia e aos psicólogos atuantes.